

ANA PAULA VAZ LOUREIRO

**APRENDER INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA – A
IMPORTÂNCIA DO DOMÍNIO DE OUTRAS LÍNGUAS
NUM MUNDO GLOBALIZADO**

Orientador: Prof. Doutor Óscar de Sousa

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

Lisboa

2013

ANA PAULA VAZ LOUREIRO

**APRENDER INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA – A
IMPORTÂNCIA DO DOMÍNIO DE OUTRAS LÍNGUAS
NUM MUNDO GLOBALIZADO**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação, no Curso de Mestrado em Ciências da Educação - Especialização em Bibliotecas Escolares e Literacias do Século XXI, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador Científico: Prof. Doutor Óscar de Sousa

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

**Lisboa
2013**

Epígrafe

*“If you talk to a man in a language he understands,
that goes to his head.
If you talk to him in his language, that goes to his
heart.”*

Nelson Mandela

<http://edition.cnn.com/2008/WORLD/africa/06/24/mandela.quotes/>

Dedicatória

À minha família e amigos que me acompanharam em todo este processo e que me apoiaram nas horas em que mais precisei. Sem eles, esta caminhada não teria sido possível.

Agradecimentos

Desejo expressar os meus sinceros agradecimentos ao meu Orientador Científico, Professor Doutor Óscar Sousa, pelo profissionalismo e apoio com que sempre me recebeu, pela disponibilidade, pela motivação e pela palavra amiga que sempre teve para me dar, aos alunos do 9º ano (2012/2013) do Colégio Vasco da Gama pela prontidão com que responderam aos inquéritos, à Direção e Coordenação do Colégio Vasco da Gama pelo apoio que prestaram, às minhas colegas e amigas de mestrado que sempre me deram força para continuar, demonstrando um sentimento de profunda Amizade que nasceu do companheirismo que desde o primeiro dia nos juntou, aos meus pais, ao meu irmão e ao Nuno por serem a minha âncora.

A todos, o meu muito obrigada!

Resumo

“Aprender inglês como segunda língua – A importância do Domínio de outras línguas num mundo globalizado” é um trabalho de investigação que visa abordar a importância da aprendizagem da língua inglesa na perspetiva dos alunos no final do 3º Ciclo do Ensino Básico e tendo em conta o mundo globalizado em que vivemos.

A metodologia a aplicar é do tipo descritivo. Os sujeitos são 101 alunos do 9º ano de escolaridade do Ensino Básico, pertencentes ao Colégio Vasco da Gama, perfazendo cinco turmas.

Para ter acesso às opiniões dos alunos, recorreremos à elaboração de questionários estruturados de acordo com os objetivos da investigação. Os questionários foram aplicados em aula com a devida autorização da Direção do Colégio.

Procuramos apurar se, de acordo com a legislação europeia que valoriza a aprendizagem de várias línguas como forma de aproximar os vários países da comunidade, nomeadamente de uma língua franca que possa ser o meio de comunicação preferencial no mundo político, económico, social e cultural, os alunos valorizam a aquisição da língua estrangeira e em caso afirmativo, quais as funções e com que objetivos pretendem os alunos atingir a fluência na língua inglesa.

No que diz respeito aos resultados obtidos, podemos afirmar que os alunos valorizam o domínio de outras línguas num mundo globalizado, em especial o domínio da língua inglesa visto ser considerada a língua franca internacional que permite a comunicação entre povos de diferentes línguas maternas. Também o enriquecimento cultural e o desenvolvimento da criatividade são fatores apontados pelos alunos como importantes consequências da aquisição de outras línguas.

Palavras-chave: Língua estrangeira; Língua inglesa; Globalização; Aquisição linguística

Abstract

“Learning English as a second language – The importance of dominating other languages in a global world” is a research paper on the importance of learning English on the Junior-High students’ perspective in the global world we live in.

The methodology chosen was the descriptive kind. The subjects for this research are 101 students from the 9th grade (Junior-High), from Colégio Vasco da Gama, a total of five classes.

In order to have students’ opinions, were elaborated inquiries organized according with the investigation’s objectives. The inquiries were applied during class with authorization from the school direction.

We intend to determine whether, in accordance with European legislation that enhances the learning of several languages as a way of bringing together the different European Union countries, including a lingua franca which can be the preferred means of communication in the political, economic, social and cultural world, learners value the acquisition of foreign language and if this is proved, what the roles and goals that students intend to achieve through fluency in the English language.

Regarding the results, we can say that students valorize the mastery in other languages in a globalized world, particularly the dominance of the English language as it is considered the international *lingua franca* that allows the communication between people with different mother tongues. The cultural enrichment and the development of creativity are also factors identified by students as important consequences of other languages’ acquisition.

Key-words: Foreign language; English Language; Globalization; Language acquisition.

Abreviaturas e Siglas

p. – Página

nº – Número

F – Feminino

M – Masculino

L.M. – Língua Materna

L. E. – Língua Estrangeira

L. S. – Segunda língua

U. E. – União Europeia

C. E. – Comissão Europeia

Q.E.C.R.L. – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

C.V.G. – Colégio Vasco da Gama

Índice Geral

Índice de quadros	11
Índice de gráficos.....	11
Parte I - Enquadramento Teórico	16
1. Comunicação.....	17
1.1. Competências linguística e intercultural.....	19
1.2. Definições: monolinguismo; bilinguismo	21
1.3. Globalização.....	26
2. Definições: Língua materna; segunda língua; língua estrangeira.....	30
2.1. Tipos e contextos de aquisição linguística	34
3. Políticas linguísticas da União Europeia	38
4. Utilidade e motivações para a aprendizagem de uma língua estrangeira	51
5. Inglês como língua estrangeira – aprender Inglês porquê e para quê?.....	54
Parte II – Pesquisa Empírica.....	60
1. Problemática.....	61
1.1. Definição de uma pergunta de investigação	62
2. Objetivos da investigação	62
2.1. Objetivos geral da investigação	62
2.2. Objetivos específicos.....	63
3. Metodologia	63
3.1. Tipo de investigação.....	63
4. População.....	63
5. Sujeitos.....	64

6. Instrumentos de avaliação	64
7. Procedimentos.....	65
8. Análise de dados	65
8.1. Parte I - Dados Pessoais	66
8.2. Parte II - Questões	67
8.3. Parte III – Proposições	70
8.4. Parte IV – Itens.....	85
9. Discussão dos dados.....	90
Parte II.....	90
Parte III.....	91
Parte IV	97
Conclusões finais.....	100
Referências bibliográficas	103
Índice remissivo / Onomástico	108
Apêndice 1 – Inquérito aos alunos	111
Apêndice 2 – Dados referentes aos gráficos apresentados	116
Tabelas dos dados base para a construção dos gráficos – Parte I	116
Tabelas dos dados base para a construção dos gráficos – Parte II	116
Tabelas dos dados base para a construção dos gráficos – Parte III	118
Tabelas dos dados base para a construção dos gráficos – Parte IV	125

Índice de quadros

Quadro 1 - Somatório das respostas às proposições da Parte III.....	84
---	----

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Idades dos alunos questionados	66
Gráfico 2 - Sexo dos alunos questionados.....	66
Gráfico 3 - Respostas à questão número 1.....	67
Gráfico 4 - Respostas à questão número 2.....	67
Gráfico 5 - Respostas à questão número 3.....	68
Gráfico 6 - Respostas à questão número 4.....	68
Gráfico 7 - Respostas à questão número 5.....	69
Gráfico 8 - Respostas à questão número 6.....	69
Gráfico 9 - Respostas à proposição número 1	70
Gráfico 10 - Respostas à proposição número 2	71
Gráfico 11 - Respostas à proposição número 3	71
Gráfico 12 - Respostas à proposição número 4	72
Gráfico 13 - Respostas à proposição número 5	72
Gráfico 14 - Respostas à proposição número 6	73
Gráfico 15 - Respostas à proposição número 7	73
Gráfico 16 - Respostas à proposição número 8	74
Gráfico 17 - Respostas à proposição número 9	74
Gráfico 18 - Respostas à proposição número 10	75
Gráfico 19 - Respostas à proposição número 11	75
Gráfico 20 - Respostas à proposição número 12	76
Gráfico 21 - Respostas à proposição número 13	76
Gráfico 22 - Respostas à proposição número 14	77

Gráfico 23 - Respostas à proposição número 15	77
Gráfico 24 - Respostas à proposição número 16	78
Gráfico 25 - Respostas à proposição número 17	78
Gráfico 26 - Respostas à proposição número 18	79
Gráfico 27 - Respostas à proposição número 19	79
Gráfico 28 - Respostas à proposição número 20	80
Gráfico 29 - Respostas à proposição número 21	80
Gráfico 30 - Respostas à proposição número 22	81
Gráfico 31 - Respostas à proposição número 23	81
Gráfico 32 - Respostas à proposição número 24	82
Gráfico 33 - Respostas à proposição número 25	82
Gráfico 34 - Respostas à proposição número 26	83
Gráfico 35 - Respostas à proposição número 27	83
Gráfico 36 - Hipóteses para o item número 1	86
Gráfico 37 - Hipóteses para o item número 2	87
Gráfico 38 - Hipóteses para o item número 3	88
Gráfico 39 - Hipóteses para o item número 4	89

Introdução

Tendo em conta que, nos dias de hoje, a aprendizagem de línguas é algo de extrema importância para o estabelecimento de contactos numa escala global, considerámos que seria significativo efetuar uma investigação que, de alguma forma, nos pudesse elucidar em relação ao significado que os alunos atribuem à aprendizagem de uma segunda língua, mais especificamente, a língua inglesa, enquanto língua franca universal.

A sociedade do século XXI pressupõe que o indivíduo tenha a capacidade de agir num mundo global, sendo que, para que tal seja possível, as competências comunicativas em língua, que não a língua materna, são essenciais a uma atuação verdadeiramente significativa. A verdade é que, a aldeia global em que vivemos nos dias de hoje permitiu que pessoas de diferentes nacionalidades estabelecessem laços pessoais levando a que o bilinguismo fosse algo bastante comum em muitos lares. A mobilidade, o aumento da empregabilidade e a competitividade são vantagens indiscutíveis advindas do domínio de outras línguas além da língua materna e que cada vez mais são valorizadas pelo indivíduo levando-a a investir na formação linguística.

Tendo em conta o já exposto, o objetivo geral deste trabalho de investigação é estudar, face à crescente generalização da língua inglesa no contexto mundial e europeu, o que pensam os alunos sobre a importância para a comunicação humana da aprendizagem de uma língua não materna. Em termos específicos estabelecemos como objetivos estudar as conceções dos alunos em relação à aprendizagem das línguas estrangeiras, analisar as conceções dos alunos em relação à aprendizagem da língua inglesa e, por fim, identificar as funções que os alunos atribuem à língua inglesa no contexto europeu e internacional.

A metodologia a aplicar neste estudo será do tipo descritivo, na medida em que o objetivo principal é observar os factos, registá-los, descrevê-los, analisá-los e interpretá-los sem interferência do investigador.

Em termos estruturais, o enquadramento teórico foi organizado partindo de conceitos mais globais como a “comunicação” para chegarmos ao ponto fulcral da nossa investigação que consiste na importância da aprendizagem do inglês como segunda língua para os alunos no final do 3º Ciclo do Ensino Básico. Outros conceitos foram abordados, nomeadamente as competências linguística e intercultural, o monolinguismo, o bilinguismo e a globalização, visto serem os conceitos base do problema em estudo.

No segundo capítulo distinguimos os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira bem como os contextos em que se dá a aquisição linguística, visto que as línguas são um dos elementos essenciais à sociedade do conhecimento e como tal, o seu

domínio por parte dos falantes é imprescindível à integração e participação sociais. Verificámos que o contacto linguístico globalizado é comum ao dia a dia da maioria dos povos europeus e à maioria dos países desenvolvidos, sendo necessário o domínio de outras línguas para que a comunicação se faça de forma adequada. Assim sendo, foi possível verificar que, muitos consideram que o monolinguismo é o analfabetismo dos tempos modernos, na medida em que limita a comunicação do indivíduo e o fecha unicamente aos falantes da sua língua materna não lhe proporcionando o enriquecimento cultural que o contacto com outras línguas e culturas permite.

De seguida, considerámos que seria relevante abordar as políticas linguísticas da União Europeia, bem como a utilidade e as motivações para a aprendizagem de uma língua estrangeira. Em termos de legislação europeia, é defendido que a unidade na diversidade é essencial para que as várias línguas, religiões e culturas sejam devidamente respeitadas e, é nesta linha de conta, que o apanágio da União Europeia (U.E.), no que diz respeito às políticas linguísticas, vai no sentido dos seus países protegerem as línguas maternas e promoverem a aprendizagem de outras línguas, em especial dos países vizinhos, por forma a promover a comunicação e conseqüentemente os laços afetivos, económicos, políticos, culturais e sociais. Deste modo, o multilinguismo é encarado pela U. E. como um dos motores de transmissão dos seus valores fundamentais na medida em que promove o respeito pela diversidade linguística e cultural.

Atualmente, com a proximidade entre os povos, não só Europeus como dos restantes continentes, advinda da utilização massificada das novas tecnologias, a comunicação intercultural tornou-se algo bastante generalizado e que permite o enriquecimento cultural do indivíduo e conseqüentemente ativa o seu papel na sociedade. Enquanto fenómeno instintivo e natural, a comunicação é algo espontâneo mas que deve ser despoletado, motivado e enriquecido pelo contacto com outros seres humanos. A linguagem é, assim, o motor de transmissão de informações, utilizada para comunicar todo o tipo de sentimentos, emoções e pensamentos e um instrumento ao serviço das convenções sociais.

Por fim, abordámos a temática do inglês como língua estrangeira, explorando a ideia “aprender Inglês porquê e para quê?” de modo a verificar as utilizações que os alunos atribuem à língua inglesa. Enquanto fenómeno multifacetado a globalização aparece estritamente ligada à proliferação da língua inglesa enquanto língua franca, ou seja, língua com um estatuto global cujo domínio se torna essencial a quem queira comunicar de forma adequada e significativa com outros povos.

No que diz respeito à investigação propriamente dita, inicialmente definimos a pergunta de investigação, seguida dos objetivos geral e específicos, da metodologia

utilizada, definimos a população em estudo bem como os sujeitos. Por fim, enumerámos os instrumentos de avaliação e os procedimentos para que o estudo fosse realizado. Na parte final do trabalho apresentamos a análise de dados de acordo com as perguntas efetuadas seguida da respetiva discussão.

Nos apêndices são apresentados os materiais construídos nomeadamente o inquérito aos alunos e as tabelas dos dados base para a construção dos gráficos.

Relativamente à norma utilizada para as citações e as referências bibliográficas foi a Norma NP 405, tal como recomendado pela coordenação do mestrado.

Parte I - Enquadramento Teórico

1. Comunicação

A definição de “comunicação” é bastante difícil e complexa bem como possui uma abrangência considerável, na medida em que todos os seres vivos comunicam de alguma forma. A comunicação é uma ato social que permite o desenvolvimento de relações entre os seres vivos. Charles Cooley (1894, p. 26), um dos primeiros estudiosos que se dedicou a esta temática, vai de encontro a este facto ao afirmar que a comunicação é “*the mechanism through which human relationships exist and develop*”.

Enquanto ser social, o Homem nasce e desenvolve-se num mundo natural e humano no qual comunica através de linguagens produzindo e reproduzindo cultura, de acordo com o meio em que está envolvido.

A comunicação é um fenómeno instintivo e natural, utilizado de forma espontânea e que oculta um processo mais complexo pressupondo a troca de informações e a utilização de códigos linguísticos. É um fenómeno que faz parte do ser humano desde o momento em que nasce e se integra numa comunidade que utiliza uma determinada língua ou línguas maternas.

Já Herculano de Carvalho (1984, p. 385) destacava a comunicação como um fenómeno comum a todo o ser humano ao afirmar que “Observando o panorama do mundo no momento presente, encontramos aí os indivíduos de todas as raças e costumes... empenhados numa atividade que é essencialmente uma – o falar, a linguagem...”.

Em qualquer país do mundo, as crianças começam a juntar palavras por volta da mesma idade e o seu percurso de desenvolvimento obedece a uma estrutura similar, facto que nos leva a concluir que as estruturas básicas das línguas são, de alguma forma, semelhantes e levam os seus falantes a adotar estratégias de aprendizagem intrínsecas que obedecem a um mesmo processo.

Em termos etimológicos, a palavra comunicar significa, de acordo com Herculano de Carvalho (1983, p. 25), “tornar comum”, “pôr em comum”, isto é, “dar ao outro alguma coisa que não deixa de ser minha, entregar-lhe algo que continua a pertencer-me... neste sentido a palavra comunicar também indirectamente significa estabelecer comunidade”.

O Dicionário Priberam de Língua Portuguesa define a palavra comunicar como “pôr em comunicação”, “participar, fazer saber”, “transmitir”, definições que pressupõem a existência de um transmissor que pretende transmitir uma mensagem a um recetor.

A sociedade e as relações que nela se estabelecem fundam-se, segundo Herculano de Carvalho (1983, p. 13) “...no uso da linguagem, na qual, sob diversas formas... os homens se manifestam ou manifestam algo aos seus semelhantes, comunicando entre si”.

De acordo com Herculano de Carvalho (1983, p. 23) “Quando falamos de comunicação, supomos sempre, um sujeito falante colocado, ao menos intencionalmente, na presença de outro ou de outros sujeitos, considerado o homem na sua natureza de ser social, e servindo-se da linguagem para satisfazer a necessidade de relação com os outros homens”. Por outro lado, o homem também utiliza a linguagem de forma isolada como meio de organização do seu próprio pensamento e de modo a consegui-lo exteriorizar de forma perceptível para o recetor.

De acordo com Herculano de Carvalho (1983, p. 28), a linguagem é “uma actividade simultaneamente cognoscitiva e manifestativa, realizada pela utilização de um sistema de duplos sinais, que se apresentam fisicamente como objectos sonoros produzidos pelo aparelho fonador do homem”.

Conceição (2011, p.5) afirma que “A condição humana define-se, essencialmente, pela existência de comunicação intencional resultante da capacidade dos seus intervenientes em usar códigos duplamente articulados e não finitos, em contextos múltiplos”.

Todo o ser humano tem uma capacidade inata para a aquisição linguística mas a verdade é que se não estiver exposto à linguagem não a adquire de forma natural, facto que pode ser comprovado pelos vários casos de crianças selvagens que cresceram em isolamento ou em contacto com animais e que, por isso, não aprenderam a exprimir-se através da linguagem humana e conhecem apenas a mímica e os sons da família que as acolheu. Assim, a predisposição inata para a aprendizagem linguística terá de ser ativada através de uma exposição latente à linguagem que irá potenciar e desenvolver a capacidade linguística do ser humano.

Segundo Cunha e Cintra (1996, p. 1), citando Slama-Casacu (1961, p. 20) “Linguagem é “um conjunto complexo de processos – resultado de uma certa actividade psíquica profundamente determinada pela vida social – que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma língua qualquer””. Os mesmos autores afirmam que este termo é também utilizado para definir “todo o sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos”.

A linguagem tem como principal função a transmissão de informações meramente factuais ou de ordens. É, por outro lado, utilizada para comunicar sentimentos e emoções adquirindo o estatuto de instrumento de convenção social que permite o contacto entre os seres humanos.

As formas de comunicação são variadas e dependem da utilização que o Homem faz delas e as línguas encontram-se em constante evolução para corresponderem às necessidades comunicacionais que vão surgindo. A linguagem verbal pode ser oral ou

escrita e pressupõe obrigatoriamente a utilização de palavras. Este código linguístico está presente sempre que falamos, lemos ou escrevemos. É através da linguagem verbal que o ser humano comunica no seu quotidiano expondo as suas ideias e pensamentos.

Na linguagem não verbal, ao contrário do que acontece com a linguagem verbal, não são utilizadas palavras para se comunicar sendo utilizados outros meios comunicativos denominados de signos visuais, como por exemplo a linguagem gestual, o código dos sinais de trânsito e da comunicação marítima ou os sinais de fumo.

A falta de capacidade para utilização da linguagem pode levar à exclusão social dada a importância que esta tem na sociedade e no relacionamento interpessoal, por isso existem cada vez mais profissionais ligados a esta área que procuram estimular e melhorar a vida das pessoas que, por algum motivo, estão limitados na utilização da língua. Como exemplo destas profissões, temos os terapeutas da fala que têm um papel preponderante no auxílio às crianças com problemas linguísticos.

Assim, podemos concluir a respeito deste conceito que a comunicação humana é um processo em constante evolução que pressupõe a troca de informações entre um transmissor e um recetor, que utilizam sistemas simbólicos que lhes permitem uma comunicação intencional profícua. Neste processo estão envolvidas várias formas de comunicar através de linguagens verbais e não verbais.

1.1. Competências linguística e intercultural

As línguas são a pedra basilar da identidade do ser humano e, para que existam integração e coesão sociais, é impreterível que o ser humano adquira competências e conheça outras línguas. A aprendizagem de outra língua irá permitir que o falante adquira competências interculturais, na medida em que irá ter acesso a outras culturas que o irão enriquecer enquanto ser humano membro de uma comunidade cada vez mais globalizada.

De acordo com Flory e Souza (2009, p. 24), citando Genesee (2004) “nos dias de hoje, vivenciamos uma internacionalização sem precedentes, impulsionada por uma globalização crescente de indústrias e comércio, por uma revolução nas comunicações eletrônicas, possibilitando a comunicação com qualquer parte do mundo de forma fácil, rápida e acessível, por migrações voluntárias de pessoas de um país para outro e, ao mesmo tempo, por um movimento de revitalização de línguas minoritárias”. Deste modo, uma boa competência comunicacional em outras línguas é essencial a nível individual já que permite o contacto com pessoas de outras culturas estimulando e ampliando a competência

intercultural e modificando a forma de ver o mundo. Por outro lado, a nível profissional, abre possibilidades de empregabilidade e de estudo noutros países o que irá enriquecer social e culturalmente o indivíduo.

Os contactos entre culturas diferentes estão a aumentar exponencialmente devido não só às redes comunicacionais mas também à facilidade com que as pessoas se movem atualmente. O aumento das companhias aéreas de *low-cost* é um dos fatores que facilita esta mobilidade e que coloca ao dispor de um maior número de sujeitos a possibilidade de conhecer outros povos e culturas. Segundo Hamers e Blanc (2000, p. 1) “*With globalisation and increasing population movements due to immigration and greater geographical and social mobility, and with the spread of education, contacts between cultures and individuals are constantly growing*”.

Nos dias de hoje, o contacto linguístico globalizado faz parte da nossa rotina revelando-se através da publicidade, da comunicação via internet e de outros meios de comunicação. O grau, a forma e a magnitude da comunicação humana e do contacto entre as diversas línguas está a aumentar de tal forma que o bilinguismo se torna algo de natural na aldeia global.

Deve ser tido em conta que, o indivíduo que aprende uma língua e cultura segundas ou estrangeira continua a ser competente na sua língua materna, bem como na cultura que lhe está associada. As novas competências que vai adquirindo são guardadas de forma integrada com as já adquiridas, sendo que estas formas de comunicação não são guardadas em compartimentos distintos mas sim em compartimentos comuns e integrados.

Assim, e nestas circunstâncias, o aprendente desenvolve a interculturalidade e torna-se plurilingue. As competências culturais e linguísticas respeitantes a uma determinada língua são alteradas a partir do momento em que o aprendente acede e se torna competente numa outra língua, adquirindo desta forma uma consciencialização, uma capacidade e uma competência de realização interculturais.

O contacto com outras línguas e culturas permitem o desenvolvimento de uma personalidade mais rica e mais complexa, bem como uma maior capacidade para a aprendizagem linguística e para o relacionamento intercultural.

De acordo com o que é estabelecido no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (Q.E.C.R.L) (2001, p. 34-35) “A competência comunicativa em língua compreende diferentes componentes: linguística, sociolinguística e pragmática”. A competência linguística “inclui os conhecimentos e as capacidades lexicais, fonológicas e sintáticas, bem como outras dimensões da língua enquanto sistema”, por seu turno, as competências sociolinguísticas “referem-se às condições socioculturais do uso da língua. Sensível às convenções sociais (...) afeta fortemente toda a comunicação linguística entre

representantes de culturas diferentes (...). Por fim, as competências pragmáticas “dizem respeito ao uso funcional dos recursos linguísticos (...) criam um argumento ou um guião de trocas interacionais”.

Esta competência comunicativa em língua é ativada no desempenho de diversas atividades linguísticas, nomeadamente a receção, a produção, a interação e a mediação realizáveis quer na oralidade quer na escrita.

Assim, podemos referir que as atividades linguísticas podem acontecer em vários domínios nomeadamente no domínio público referente a todas as interações sociais, no domínio privado abrangendo as relações familiares, no domínio profissional que diz respeito a todas as relações que se estabelecem no exercício da profissão e finalmente no domínio educativo que concerne ao contexto de aprendizagem institucional e cujo objetivo é proporcionar a aquisição de conhecimentos e capacidades específicos.

1.2. Definições: monolinguismo; bilinguismo

O monolinguismo é considerado o analfabetismo dos tempos modernos, na medida em que a sociedade globalizante em que vivemos faz com que seja cada vez mais necessário comunicar em várias línguas.

A revolução comunicacional facultada pelo desenvolvimento das novas tecnologias, nomeadamente a informática, os satélites, a fibra ótica, etc, colocam a informação disponível à distância de um “clique”, permitindo também o convívio à escala global, desde que exista o conhecimento de outras línguas. Se tal não acontecer, o indivíduo fica fechado no seu mundo e limitado no acesso à informação.

De acordo com o “Dicionário Priberam de Língua Portuguesa”, o monolinguismo consiste na “Situação de uma comunidade em que é falada apenas uma língua” e no “Domínio de apenas uma língua por parte de um falante”.

A verdade é que, atualmente, o número de bilingues ultrapassa o número de monolingués, facto que tem tendência a aumentar, à medida que as relações interpessoais a nível internacional vão tendo um papel social cada vez mais preponderante. Apesar de cada vez mais pessoas falarem mais do que uma língua, o número de situações de monolinguismo ainda é muito elevado, o que pode criar situações de desigualdade no que concerne ao acesso à informação.

No mundo em que vivemos, o monolinguismo representa a exceção na medida em que é cada vez maior o número de pessoas que são proficientes em mais do que uma língua e grande parte da humanidade é bilingue ou vive em sociedades bilingues.

A definição de bilinguismo não é de fácil aceitação por todos, sendo necessário estabelecer quais os critérios para a sua definição, o que se revela uma tarefa bastante difícil na medida em que existem inúmeros fatores envolvidos, tais como a idade de aquisição, a manutenção ou não da primeira língua adquirida bem como a relevância e o papel social das línguas envolvidas.

Este conceito tem mudado ao longo dos tempos e a perspectiva sobre os falantes sujeitos a este fenómeno também tem sofrido alterações, muitas delas fruto de estudos e investigações científicas nesta área.

De acordo com o “Dicionário Priberam de Língua Portuguesa”, bilinguismo consiste na “Situação de uma comunidade em que são faladas duas línguas” bem como no “Domínio de duas línguas por parte de um falante”.

Butler e Hakuta (2004, p. 114) afirmam que “*Bilinguals are often broadly defined as individuals or groups of people who obtain the knowledge and use of more than one language. However, bilingualism is a complex psychological and socio-cultural linguistic behavior and has multi-dimensional aspects*”.

A definição de Bloomfield (1933, p. 56) é recuperada por Butler e Hakuta (2004, p. 114) ao referirem que “*bilinguals could be defined as individuals who have ‘native-like control of two languages*”, e dizendo a respeito desta mesma definição que é bastante limitativa visto que se torna difícil definir o significado de domínio linguístico igual ao dos nativos.

Os mesmos autores referem a definição de Haugen (1953, p. 7) que define os bilingues como indivíduos que são fluentes numa determinada língua mas que “*can produce complete meaningful utterances in other languages*”. Por sua vez, esta definição permite que qualquer aprendiz de uma língua estrangeira, que ainda esteja num estado inicial de aprendizagem, possa ser considerado bilingue.

Vários autores, nomeadamente Hakuta (1986), Macnamara (1967), Mohanty e Perregaux (1997) e Valdés e Figueroa (1994) referidos por Butler e Hakuta (2004, p. 115) optam por uma visão mais generalista incluindo na sua perspectiva de bilingues “*those individuals who have various degrees of proficiency in both languages*”.

De acordo com Flory e Souza (2009, p. 38) “Bilinguismo é um tema de estudo cada vez mais relevante nos dias de hoje. Tal relevância é uma decorrência natural da internacionalização do mundo atual, impulsionada pela globalização, revolução nas comunicações eletrônicas, aumento de migrações voluntárias e movimento de revitalização de línguas minoritárias”.

As mesmas autoras afirmam ainda que “O Bilinguismo pode ser estudado a partir de diferentes perspectivas, como a linguística, a cognitiva, sociolinguística, somente para dar alguns exemplos. A própria definição de bilinguismo é multifacetada e depende da

perspetiva adotada de modo geral, e mais especificamente, do critério adotado para a classificação do Bilinguismo de determinado sujeito”.

Butler e Hakuta (2004, p. 115) referem Grosjean (1999) que foca a sua atenção na utilização diária das duas línguas, distinguindo os bilingues que têm competências linguísticas mas que não utilizam a língua diariamente os chamados “*dormant bilinguals*”, dos bilingues que fazem um uso continuado das duas línguas que dominam.

Pereira (2011, p. 15-16) afirma que “são bilingues não apenas aqueles que desde a mais baixa infância adquirem e usam duas (ou mais) línguas de forma sustentada ou que são igualmente competentes nas duas línguas em todos os contextos e com todos os interlocutores, mas também os que estão a aprender uma segunda língua (bilingues emergentes) ou mesmo os que compreendem mas não têm hábito de falar as suas línguas, como acontece com muitos filhos de imigrantes de segunda geração”.

De acordo com Butler e Hakuta (2004, p. 115), Mohanty e Perregaux (1997) os bilingues são “*individuals or groups of people who obtain communicative skills, with various degrees of proficiency, in oral and/ or written forms, in order to interact with speakers of one or more languages in a given society*”.

Butler e Hakuta (2004, p. 115) afirmam que bilinguismo “*can be defined as a psychological and social states of individuals or groups of people that result from interactions via language in which two or more linguistic codes (including dialects) are used for communication*”.

Hamers e Blanc (2000, p. 25) fazem uma distinção entre o bilinguismo individual e o bilinguismo social, sendo que o primeiro é visto como “*the psychological state of an individual who has access to more than one linguistic code as a means of social communication*” e para o segundo existir “*there must be at least two languages commonly used by some members of the community*” (2000, p. 31).

Munõz (2011, p. 12), por sua vez, afirma que o termo bilinguismo é reservado normalmente “para situações de aprendizagem no seio da família”, ou seja, o bilinguismo acontece quando a criança aprende, desde que nasce, duas línguas diferentes em simultâneo, situação que, na maioria das vezes, ocorre porque pai e mãe têm nacionalidades diferentes e, por isso, dominam duas línguas maternas distintas.

De acordo com Flores (2011, p. 7) “O domínio de duas ou mais línguas significa, hoje, no mundo globalizado, uma grande vantagem competitiva. O multilinguismo é apregoado nas políticas europeias, é uma mais-valia no curriculum vitae e vem crescendo significativamente o número de famílias em todo o mundo que fazem um esforço diário para se tornarem bilingues”.

O bilinguismo pode ser considerado prejudicial para as línguas que são utilizadas com menos frequência pois podem ocorrer situações em que esta língua corra o risco de desaparecer. Flores (2011, p. 7) afirma que “De facto, o bilinguismo ainda assusta muita gente, sobretudo quando uma das línguas é socialmente desprestigiada, como as línguas minoritárias dos imigrantes”.

No que diz respeito à aquisição da segunda língua posteriormente ao domínio da língua materna, existe uma visão tradicional de que a criança que já domina uma língua não tem a mesma capacidade linguística para adquirir uma outra, mas a verdade é que esta perspectiva está ultrapassada. Nesta perspectiva, Flores (2011, p. 8) afirma que “Vários estudos têm comprovado que as crianças que crescem num contexto social bilíngue desde cedo começam a separar as duas línguas na mente, desenvolvendo sistemas gramaticais autónomos (Meisel, 2001) sem que isso lhes exija esforço cognitivo suplementar ou lhes cause problemas comunicativos”.

O mesmo autor sublinha que “A facilidade com a qual uma criança começa a falar duas línguas ao mesmo tempo é um fenómeno extraordinário” (Flores, 2011, p. 8), reforçando a ideia de que o bilinguismo precoce não impede a criança de dominar de forma perfeita as duas línguas.

No que diz respeito aos tipos de bilinguismo, Flory e Souza (2009, p. 31) afirmam que, um dos critérios a ter em conta na definição deste conceito, prende-se com a idade de aquisição, assim sendo, “é possível classificar indivíduos bilíngues em Precoces, ou *Early bilingual*, quando a aquisição da segunda língua ocorre na infância, ou Tardios, *Late bilingual*, quando a aquisição de segunda língua acontece na adolescência ou na idade adulta”. É feita ainda uma distinção entre “o Bilinguismo Simultâneo, ou seja, quando as duas línguas são adquiridas ao mesmo tempo, e o Sequencial, quando a aquisição da segunda língua se inicia depois da aquisição da primeira língua estar completa”.

Muñoz (2011, p. 12) refere que o bilinguismo simultâneo ocorre “nos casos em que as duas línguas se aprendem desde o momento do nascimento, ou não após os dois anos de idade, normalmente quando o pai e a mãe falam à criança em línguas distintas”. Por outro lado, o bilinguismo consecutivo sucede “quando a aprendizagem de uma das duas línguas se inicia até aos quatro anos, aproximadamente”. A distinção entre este tipo de bilinguismo e a aquisição precoce de uma língua estrangeira é, por vezes, difícil de distinguir e torna-se pouco claro se estamos a falar de segunda língua ou de língua estrangeira.

Na dimensão social temos o estatuto das línguas dentro de uma sociedade como fator determinante para a manutenção ou não dessa língua como língua segunda. Flory e Souza (2009, p. 33) referem Fishman (1977) a respeito desta problemática, recuperando o seu “*Elite Bilingualism*, como referente a indivíduos que falam a língua dominante naquela

sociedade e uma segunda língua que lhes confere um prestígio adicional dentro dessa Sociedade” e o “*Folk Bilingualism* refere-se a grupos linguísticos minoritários, cuja língua de origem não tem um *status* elevado na sociedade em que vivem”.

Devemos ter em conta que o bilinguismo não é um algo permanente pois se as línguas não forem praticadas podem perder-se. A este respeito Flores (2011, p. 8) afirma que “...o Bilinguismo não é um bem adquirido. Para ser conservado, exige um uso continuado das duas línguas. A manutenção do Bilinguismo requer motivação e incentivo, e este deve vir de várias fontes: da família, da escola, da sociedade e das políticas educativas”.

De acordo com o que é referido no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (Q.E.C.R.LL) “Nos últimos anos, o conceito de plurilinguismo ganhou importância na abordagem da aprendizagem de línguas feita pelo Conselho da Europa. Assim, distingue-se ‘plurilinguismo’ de ‘multilinguismo’, que é entendido como o conhecimento de um certo número de línguas ou a coexistência de diferentes línguas numa dada sociedade” (2001, p. 23). No mesmo documento, considera-se ser possível atingir-se o multilinguismo “simplesmente diversificando a oferta de línguas numa escola ou num sistema de ensino específicos, incentivando os alunos a aprender mais do que uma língua estrangeira, ou, ainda, diminuindo a posição dominante do inglês na comunicação internacional”.

Esta perspetiva plurilíngue permite que o indivíduo, em contacto com uma língua em casa, outras na escola e ao longo da sua vida através da proximidade com outros povos e culturas adquira uma competência comunicativa em que todas as línguas estabelecem relação entre si e o falante constrói a capacidade de utilização de uma ou outra de acordo com as necessidades que sente no momento. Assim, a finalidade do estudo das línguas deixou de ser o domínio de duas ou mais línguas estrangeiras em que cada uma tem o seu papel estanque, mas sim alcançar “o desenvolvimento de um repertório linguístico no qual têm lugar todas as capacidades linguísticas” (Q.E.C.R.LL, 2001, p. 24). De modo a que a competência linguística dos alunos seja desenvolvida, a oferta de línguas ao nível das escolas deve ser variada.

Assim, podemos concluir que o bilinguismo é um fenómeno multifacetado e que abrange várias áreas, nomeadamente as áreas social, política, económica, científica e cultural.

1.3. Globalização

A globalização é um fenómeno político, cultural, social e económico que começou a surgir no final do século XX, impulsionado pelo acréscimo de comunicação entre os vários países do mundo bem como pela fácil deslocação entre eles para fins de comércio, lazer, entre outras coisas.

Através deste fenómeno, formou-se uma aldeia global em que os mercados se alargam e abarcam não só o âmbito local mas o âmbito mundial. Esta interligação mundial leva a uma maior interação que só será possível através de meios que permitam uma comunicação eficaz e adequada aos objetivos.

Este fenómeno afeta as diversas áreas da sociedade tendo um impacto bastante visível ao nível da comunicação, representada através da internet que permite um contacto imediato com qualquer pessoa em qualquer país.

A globalização aparece estritamente relacionada com a expansão da língua inglesa e a sua aquisição de um estatuto de língua global.

De acordo com Silva (2009, p. 1082) “Sabemos que as línguas foram importantes armas do colonialismo, como podemos ver nos fragmentos a seguir, que mostram como alguns estudiosos do século XX viam a relação língua-Estado. O escritor francês de idioma provençal, prêmio Nobel de Literatura em 1904 e defensor das línguas regionais francesas, Frédéric Mistral dizia que “a língua é o mais poderoso instrumento de conquista, porquanto permite impor ideias e valores sem contestação” e o geógrafo francês Vidal de La Blache, nas vésperas da I Guerra Mundial afirmava “o papel de um país no mundo se mede pelo número de indivíduos que falam sua língua” (Souza, 2001, p. 12)”.

O termo globalização tem sido objeto de várias definições e um número considerável de estudiosos dedicaram-se ao seu estudo, sendo que a maioria discorda quanto às suas causas, ao seu trajeto, à sua cronologia bem como ao seu impacto social e económico.

A globalização das forças económicas e dos meios de comunicação social exponenciaram o bilinguismo, levando ao aumento do número de pessoas que falam mais do que uma língua fluentemente. Bhatia e Ritchie (2004, p. 513), “*The economic forces of globalization together with the rise of global media have set the stage for dramatic, exponential rise in global bilingualism*”.

Block (2004, p. 75) afirma que o termo ‘globalização’ foi definido por Giddens (1990, p. 64) como “*the intensification of worldwide social relations which link distant localities in such a way that local happenings are shaped by events occurring many miles away and vice versa*”.

De acordo com Block and Cameron (2002, p. 13) “*While globalization projects the image of diversity, it also implies cultural homogenization influenced by global standardization of economic activities and a flow of cultural goods from the centre to the periphery*”.

Block (2004, p. 75) refere os cinco pontos que levam a diferentes perspetivas no que diz respeito à globalização. Assim, alguns acreditam que a globalização começou no século XV na Europa, outros encaram-na como um fenómeno do final do século XX; uns veem-na como algo terminado e outros como um processo ainda a decorrer; uns encaram-na como algo progressivo e benéfico e outros como algo que destrói a autenticidade; para uns representa a supremacia do ocidente; alguns encaram a globalização como um modo de vida que deve ser adotado e outros veem-na como um descritor sociológico dos acontecimentos que nos rodeiam.

A globalização traz ainda um crescente nacionalismo advindo do facto dos povos sentirem a necessidade de proteger não só a sua língua mas também a sua cultura.

Segundo Friedman (1994, p. 102) citado por Kubota (2002, p. 13-14) “*Ethnic and cultural fragmentation and modernist homogenization are ... two constitutive trends of global reality*”.

De acordo com Block e Cameron (2002, p. 5), “*...globalization changes the conditions under which language learning takes place ...some of the most significant changes are economic*”. A importância económica do domínio linguístico é, sem dúvida, uma das razões que leva o indivíduo a adquirir uma nova língua.

Longaray (2009, p. 56) recupera a definição de Giddens (1990) afirmando que para este autor “a globalização consiste numa surpreendente intensificação das relações sociais mundiais através das quais acontecimentos locais podem ser regulados por acontecimentos ocorridos a milhares de quilómetros de distância”.

As teorias de Block e Cameron (2002) são referidas por Longaray (2009, p.56) ao afirmar que “a língua consiste na forma principal de interação social humana e a interação, por sua vez, num meio através do qual as relações sociais são construídas e mantidas”.

A comunicação deixou de ser um fenómeno estritamente local para ser um fenómeno global feito com ferramentas disponíveis na internet mas, para que se concretize o código linguístico, necessita obrigatoriamente de ser o mesmo.

As competências linguísticas dos trabalhadores da época pós-industrial têm uma importância maior, na medida em que permitem um maior domínio das novas tecnologias, bem como da capacidade de estabelecer contactos com outras comunidades.

De acordo com Block and Cameron (2002, p. 69), “*Rather than purpose a wholesale leveling of the difference through the adoption of a single global language, it has elaborated*

a version of 'unity in diversity', according to which the existence of different languages is not in itself a problem; problems arise only to the extent that these languages embody different or incommensurable worldviews".

Segundo Steger (2009, p. 10) *"The term globalization applies to a set of social processes that appear to transform our present social condition of weakening nationality into one of globality".*

De acordo com Steger (2009, p. 12) *"...globalization is a uneven process, meaning that people living in various parts of the world are affected very differently by this gigantic transformation of social structures and cultural zones".*

Steger (2009, p. 16) recupera as principais definições de "globalização", nomeadamente as de Giddens, Jameson, Held, Robertson e Mittelman. Assim, na definição de Giddens *"Globalization can thus be defined as the intensification of worldwide social relations which link distant localities in such a way that local happenings are shaped by events occurring many miles away and vice versa"*; de acordo com Jameson *"The concept of globalization reflects the sense of an immense enlargement of world communication, as well as of the horizon of a world market, both of which seem far more tangible and immediate than in earlier stages of modernity"*; para Held *"Globalization may be thought of as a process (or set of processes) which embodies a transformation in the spatial organization of social relations and transactionsóassessed in terms of their extensity, intensity, velocity and impactógenerating transcontinental or interregional flows of networks of activity, interaction, and the exercise of power"*; Segundo Robertson *"Globalization as a concept refers both to the compression of the world and the intensification of consciousness of the world as a whole"*; por fim de acordo com Mittelman *"Globalization compresses the time space aspects of social relations"*.

Estas definições apontam para quatro vantagens no que diz respeito ao fenómeno da globalização. Em primeiro lugar, a globalização implica a criação de redes de comunicação e a multiplicação das que já existem; em segundo, as relações sociais sofrem uma expansão; em terceiro lugar, a globalização envolve a intensificação e aceleração das trocas e das atividades sociais; por fim, o fenómeno da globalização envolve não só a macroestrutura social mas também a microestrutura do individuo envolvendo a sua predisposição facilitando a criação de novas identidades sociais e individuais através da intensificação das relações entre o indivíduo e o todo (Steger, 2009, p. 18 – 19). É neste último aspeto que se irá centrar este estudo.

Tendo em conta as qualidades apresentadas, Steger (2009, p. 18) apresenta a seguinte definição: *"Globalization refers to the expansion and intensification of social relations and consciousness across world-time and world-space"*.

Kumaravadivelu (2008, p. 31) diz que “*Globalization is a hotly debated multidimensional concept that cuts across several major academics such as economics, sociology, cultural studies, political science, and history*”.

A globalização deu origem a um outro fenómeno que foi o aparecimento de multinacionais em diferentes áreas da economia

A verdade é que atualmente a globalização vai permitir a redução do espaço, do tempo e o desaparecimento das fronteiras, alterando a forma de vida das populações e o relacionamento que se estabelece entre pessoas de nacionalidades distintas. A vida cultural e económica dos povos está cada vez mais próxima e é vivida de uma forma intensa e cada vez mais instantânea na medida em que o espaço e o tempo se tornam diminutos.

A globalização foi um dos fatores que contribuiu para um crescente multilinguismo na medida em que cada vez mais o indivíduo sente necessidade de comunicar para além das fronteiras culturais e linguísticas. Este fenómeno permitiu a formação da chamada ‘aldeia global’ interligando os vários países e comunidades mundiais e permitindo uma interação mais aproximada, não só a nível cultural e linguístico, mas também a nível político social e económico.

A globalização comunicacional atinge as suas proporções mais visíveis através da internet que permitiu a troca de informações e de ideias de uma forma desimpedida e sistemática visto que qualquer pessoa com acesso à internet consegue facilmente ler um artigo de jornal de um país do outro lado do mundo, claro que para tal terá de ter competências linguísticas que lhe permitam perceber a informação.

A internet possibilitou, sem dúvida, o acesso a uma quantidade indescritível de informação, que será mais compreensível quanto mais o indivíduo tiver conhecimentos linguísticos que lhe permitam descortinar as informações. De acordo com Kumaravadivelu (2008, p. 36), “*The most distinctive feature of the current phase of globalization is the global electronic communication force, the Internet. It has become the major engine that is driving both economic and cultural globalization*”. Na verdade, e de acordo com o Relatório das Nações Unidas (1999, p. 30) citado pelo mesmo autor, sem a comunicação global, o crescimento económico, e as mudanças culturais não teriam acontecido com “*breakneck speed and with amazing reach*”.

Segundo Kumaravadivelu (2008, p. 36), “*...the Internet has become a unique source that instantly connects millions of individuals with other individuals, private associations, educational institutions, and government agencies, making possible interaction at a distance and in real time*”. Por outro lado, a internet tornou possível transações económicas e financeiras fazendo com que os mercados se tornassem cada vez mais globais e permitindo a comercialização de bens e serviços a uma escala internacional.

Hoje, na ‘aldeia global’, há necessidade de ajustar a comunicação entre pessoas de diferentes estilos de comunicação em resultado das suas diferentes culturas, para que, apesar das formas diferentes de ver e entender o mundo, a comunicação se estabeleça e a interculturalidade seja possível.

De acordo com Conceição (2011, p. 5), “As relações (em permanente mutação) que estabelecemos com o mundo...são motivos indiscutíveis pelos quais precisamos de saber mais do que uma língua”.

Assim, nos dias de hoje, a comunidade global é uma fonte não só de conhecimento, mas também de informação. Por outro lado, assume-se como um meio essencial de realização profissional para o cidadão moderno. Assim sendo, quem não falar outras línguas, para além da sua língua materna, estará impreterivelmente excluído do mercado de trabalho internacional.

Em suma, podemos dizer que a globalização permite a ocorrência de um número mais elevado das relações comerciais e financeiras, bem como de maior qualidade. Cada vez mais a internet se torna a forma mais rápida e eficiente de contactar com os outros países. A internet e a televisão quebram as barreiras ligando os vários cantos do mundo tornando-o numa aldeia global. Desta forma, é essencial saber comunicar na língua mais utilizada nestes meios de comunicação, que é a língua inglesa.

2. Definições: Língua materna; segunda língua; língua estrangeira

A língua é um fenómeno social e cultural que influencia a sociedade e que, por sua vez, é influenciada por ela. É parte integrante da identidade de um país ou de uma comunidade, no caso dos dialetos, revelando elementos importantes da história e da evolução de um povo.

De acordo com Cunha e Cintra (1996, p. 1) “Língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão de consciência de uma coletividade, a língua é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou”.

Conceição (2011, p.5) salienta também o aspeto biológico da língua, enquanto expressão da existência do ser humano, ao afirmar que as línguas que não são apenas

“meros meios de comunicação, atualizados em discursos, mas a expressão da nossa existência (e da nossa essência), inerentes à produção e à transmissão do conhecimento e lugares de instauração e de salvaguarda da memória”.

A língua pode ser transmissora de informações mas também objeto de opressão e exclusão sociais. Segundo Paiva (2007, p. 2) “Se, por um lado, uma língua pode ser usada para oprimir, subjugar, impor, e, por outro, pode ser transmissora de conhecimento, de sentimentos, de informações, de interação, claro fica que a língua é resultado de relações sociais e, nesse sentido, reflete essas relações através dos usos que as pessoas dela fazem”.

A língua materna (L.M.) é a língua à qual o sujeito tem acesso desde que nasce, é a língua do seu país, que pode ou não coincidir com as línguas que falam os elementos da sua família. Vários fatores devem ser tidos em consideração para a determinação do conceito de língua materna. De acordo com Paiva (2007, p. 6) “Para além do fator tempo ... podemos destacar: o *afetivo*, idioma falado por um dos pais; o *ideológico*, idioma falado no país onde se nasceu; o de *auto-designação*, idioma a partir do qual aquele que o fala manifesta um sentimento de posse mais marcado do que em relação a outro idioma; o do *domínio*, a língua que se domina melhor; o da *associação*, pertença a um determinado grupo cultural ou étnico”.

Também Ançã (1999, p. 14) sublinha os critérios de W. Mackey (1992) para a definição de língua materna. Este autor “propôs três critérios para definição da lexia língua materna, segundo os países em que desenvolveu o seu estudo: *primazia*, a primeira língua aprendida e a primeira língua compreendida (Canadá), *domínio*, a língua que se domina melhor (Suíça), *associação*, pertença a um determinado grupo cultural ou étnico (Áustria)”. A mesma autora cita L. Dabène (1994: 9-27) concluindo “que há uma “verdadeira constelação de noções” que estão por detrás do termo língua materna: (i) *falar*, que corresponde ao conjunto das potencialidades individuais dum sujeito e às práticas daí decorrentes; (ii) *língua reivindicada*, que corresponde ao conjunto de atitudes e de representações dum sujeito ou grupo, face à língua como elemento de identidade; (iii) *língua descrita*, que corresponde ao conjunto de instrumentos heurísticos de que dispõe o aprendente. Em situações monolíngues, os três níveis estariam tão próximos que se poderiam confundir”.

De acordo com a UNESCO (1953, p. 46), a língua materna é a primeira língua e a que é utilizada naturalmente, “*the language which a person acquires in early years and which normally becomes its natural instrument of thought and communication*”.

Hamers (1979) citado por Hamers e Blanc (2000, p. 2) sublinha a língua materna como aquela que tem primazia sobre as outras uma vez que foi aquela à qual o sujeito

falante teve acesso mais cedo, “*At a psychological level the mother tongue can be defined as the first linguistic experience during the formative years of language development*”.

Se realizarmos uma pesquisa on-line, aparece-nos a seguinte definição de língua materna: “Língua materna (também língua-mãe ou língua nativa) é a primeira língua que uma criança aprende. Em certos casos, quando a criança é educada por pais (ou outras pessoas) que falem línguas diferentes, é possível adquirir o domínio de duas línguas simultaneamente, cada uma delas podendo ser considerada língua materna, configura-se então uma situação de bilinguismo” (Wikipédia, 2012).

A primeira língua de uma pessoa pode não ser a língua dominante na comunidade onde está inserida mas aquela com a qual se sente mais confortável ou que utiliza mais frequentemente no contexto familiar.

A língua segunda, por sua vez, será aquela que aparece na vida do sujeito posteriormente à língua materna, adquirindo um estatuto secundário, apesar de muitas vezes o seu domínio ser comparável ao domínio da primeira língua.

De acordo com Wikipédia (2012) “Uma segunda língua (L2) é qualquer língua aprendida após a primeira língua ou língua-mãe (L1). Algumas línguas, frequentemente chamadas línguas auxiliares, são usadas principalmente como segundas línguas ou línguas francas”.

De acordo com Ançã (1999, p. 15) “Língua segunda é definida como uma língua de natureza não materna (e aqui encontra o domínio da língua estrangeira), mas com um estatuto particular: ou é reconhecida como oficial em países bilingues ou plurilingues, nos quais as línguas maternas ainda não estão suficientemente descritas,- refiro os novos países africanos de expressão portuguesa - ou ainda, com certos privilégios, em comunidades multilingues, sendo essa língua uma das línguas oficiais do país, - o francês, na Suíça, por exemplo”.

Para Muñoz (2011) a língua segunda distingue-se da língua materna da medida em que as estruturas básicas da língua já estão dominadas quando o sujeito acede à segunda língua. Assim, “fala-se de aquisição de uma segunda língua quando esta se adquire numa altura em que já se possuem os elementos mais básicos e fundamentais da primeira, ou primeiras línguas” (Muñoz, 2011, p. 12).

De acordo com o dicionário Reverso on-line “*Someone's second language is a language which is not their native language but which they use at work or at school*”, aparecendo aqui ressalvado o fator da utilização social da segunda língua.

No dicionário on-line Dictionary.com o termo segunda língua aparece com duas definições: “*a language learned by a person after his or her native language, especially as a resident of an area where it is in general use*” e “*a language widely used, especially in*

educational and governmental functions in a region where all or most of its speakers are nonnative, as English in India or Nigeria”.

No World English Dictionary “*second language*” é definida da seguinte forma: “*a language other than the mother tongue that a person or community uses for public communication, especially in trade, higher education, and administration*” e “*a non-native language officially recognized and adopted in a multilingual country as a means of public communication*”.

Em qualquer uma destas definições, a segunda língua é encarada como qualquer língua que seja aprendida depois da primeira língua ou língua materna já estar adquirida, sendo utilizada por fatores sociais nomeadamente ao nível da educação, do emprego e dos negócios.

De acordo com Ceia (2011, p. 61), “A definição de língua segunda exige uma relação (política, cultural, literária, histórica, etc) entre um país que a adota como língua oficial”. A língua segunda, tal como a língua estrangeira, é “uma língua não materna, com identidade linguística e cultural distinta da língua principal que domina na comunidade onde essa língua segunda é adotada e reconhecida” (Ceia, 2011, p. 62).

A aprendizagem de uma segunda língua, ao contrário da aprendizagem da língua materna que se faz de forma inconsciente, realiza-se de forma consciente e formal na medida em que tem lugar em contextos de aprendizagem formais como sejam a escola.

Um outro conceito que importa esclarecer é o conceito de língua estrangeira visto que por vezes surgem confusões com o conceito de segunda língua. Este conceito é importante para o estudo em causa, na medida em que é neste contexto que a pesquisa será efetuada.

Efetuada uma pesquisa on-line, surge-nos esta primeira definição: “Uma língua estrangeira é um idioma (não falado pela população de um determinado local): por exemplo, não apenas Inglês, mas também japonês antigo tardio são uma língua estrangeira no Japão. É também uma língua não falada no país de uma pessoa referida, ou seja, um falante de inglês que vive no Japão pode dizer que Japonês é uma língua estrangeira para ele ou ela” (Wikipédia, 2012).

Ressalta aqui o facto de a língua estrangeira não ser falada pela comunidade, não ter ligação em termos afetivos ao sujeito falante bem como não ter estatuto oficial na comunidade em que é aprendida.

No que diz respeito à distinção entre segunda língua e língua estrangeira, Ançã (1999, p.15) refere que “O estatuto da língua é o principal aspecto a considerar: língua segunda é língua oficial e escolar, enquanto língua estrangeira, apenas espaço da aula de língua. Decorrentes deste aspecto, há uma série de factores de afastamento da língua

estrangeira da língua segunda (imersão, contexto, motivações, finalidades da aprendizagem da língua), cruzando-se, assim, o espaço de língua segunda com o da língua materna”.

Muñoz (2011, p. 13) faz a distinção entre língua estrangeira e segunda língua afirmando o seguinte, “...utilizamos o termo segunda língua para nos referirmos normalmente a uma língua que é a língua maioritária da comunidade, como por exemplo o inglês para uma pessoa de língua espanhola nos Estados Unidos, ou o português para uma pessoa de língua romena em Portugal.” Por seu lado “O termo língua estrangeira é reservado então a uma língua que não tenha um papel social na comunidade nem presença nos meios de comunicação nessa comunidade, como, por exemplo, o russo para um estudante em França”.

Depois de esclarecidos os conceitos, resta sublinhar que a aprendizagem da língua estrangeira pressupõe um contexto formal de aprendizagem, nomeadamente a escola. É a aprendizagem desta língua que importa ao estudo em causa, apesar de ter sido considerado pertinente esclarecer o conceito de língua segunda, uma vez que, por vezes, se geram confusões entre estes dois conceitos. Por outro lado, considerou-se pertinente esclarecer a distinção entre estes dois conceitos e o de língua materna essencialmente pela sua aquisição se realizar em contextos distintos.

2.1. Tipos e contextos de aquisição linguística

Importa agora esclarecer em que contextos é que se dá a aquisição linguística e os tipos de aquisição que ocorrem, dependendo do tipo de língua que estamos a falar.

Será importante especificar as expressões ‘aquisição de uma língua’ e ‘aprendizagem de uma língua’ que são utilizadas de formas distintas e por vezes com um mesmo sentido. De acordo com o Q.E.C.R.L (2001, p. 195) o termo ‘aquisição linguística’ pode ser utilizado de forma geral ou pode ser confinado “a) às interpretações da língua de falantes não nativos em termos das teorias correntes da gramática universal (...) b) ao conhecimento não orientado e à capacidade de utilização de uma língua não materna, resultantes quer da exposição directa ao texto quer da participação directa em acontecimentos comunicativos”.

No que diz respeito ao conceito ‘aprendizagem da língua’, “pode ser utilizado como um termo geral ou restrito ao processo pelo qual é obtida uma capacidade linguística como resultado de um processo planeado, especialmente pelo estudo formal, num ambiente institucional” (Q.E.C.R.L, 2001, p. 195)

De acordo com Correa (1999, p. 339) “O estudo da aquisição da linguagem visa a explicar de que modo o ser humano parte de um estado no qual não possui qualquer forma de expressão verbal e, naturalmente, ou seja, sem a necessidade de aprendizagem formal, incorpora a língua de sua comunidade nos primeiros anos de vida, adquirindo um modo de expressão e de interação social dela dependente”. Ou seja, a aquisição não pressupõe uma aprendizagem formal, podendo ser realizada num contexto informal de aprendizagem como por exemplo no âmbito familiar.

O mesmo autor sublinha que, “A aquisição de cada língua irá requerer a identificação de seu sistema fonológico, sua morfologia, seu léxico, o que há de peculiar em sua sintaxe e no modo como relações semânticas se estabelecem” (Correa, 1999, p. 340).

A aquisição da língua materna, por parte de uma criança, consiste num processo complexo, de cariz individual e que se realiza ao longo de toda a vida e, segundo o autor Correa (1999, p. 339), “Toda criança é, em princípio, capaz de tomar a língua de sua comunidade como língua materna e de adquirir simultaneamente mais de uma língua”.

SKarmiloff-Smith (2001) destaca o facto de, desde tenra idade, apenas com dias, os recém-nascidos revelam preferência pela língua materna, apesar de não discriminarem entre as línguas que ainda não conhecem, “*Early studies of infant language discrimination have shown that at four days or even earlier, newborns prefer to listen to their mother tongue over certain languages, although they do not yet discriminate between different unknown languages*” (Karmiloff-Smith, 2001, p. 44).

De acordo com Correa (1999, p. 340) “...o processo de aquisição da linguagem apresenta um padrão de desenvolvimento, em grande parte, comum aos diferentes indivíduos nas diferentes línguas, o que remete àquilo que, na linguagem, é comum à espécie humana”.

A aquisição da linguagem começa muito cedo, de acordo com Muñoz (2011, p. 11) “No período pré-natal e nos primeiros meses de vida, as crianças estão sintonizadas com a estrutura prosódica e fonológica da língua que ouvem em seu redor”. A mesma autora refere a respeito do primeiro ano de vida que “as crianças aprendem a produzir expressões que contêm uma só palavra”, no que diz respeito ao segundo ano de vida “aprendem a produzir expressões com duas palavras enriquecem muito o seu vocabulário. Nos terceiro e quarto anos de vida, dá-se um desenvolvimento importante da morfologia e da sintaxe...Nos dois anos posteriores, desenvolve-se a pragmática e aspetos da sintaxe mais sofisticados.” Por

fim, na etapa escolar, uma vez que se dá a aprendizagem da leitura e da escrita, dá-se “a maturação da linguagem e o enriquecimento do vocabulário, assim como da consciência metalinguística”.

Segundo Karmiloff-Smith (2001, p. 10) “*Paradigms for the study of language acquisition can be classified into three broad areas: speech perception, language production, and language comprehension*”. Sendo que a primeira abordagem investiga o modo como são adquiridos os sons da linguagem desde o estado fetal até à idade adulta, a segunda perspectiva centra-se naquilo que as crianças dizem e a compreensão da linguagem preocupa-se mais com aquilo que as crianças compreendem daquilo que lhes é dito. As três perspectivas serão importantes, na medida em que nos proporcionam uma visão geral sobre o que é a aquisição linguística e a forma como se processa.

Karmiloff-Smith (2001) vai mais longe ao referir que o processo de aquisição da língua materna começa ainda dentro do útero, “...*the fascinating journey of language acquisition does indeed begin during intrauterine life and continues through to adolescence and beyond. Starting with the fetus’s growing sensitivity during its last months in the uterus to the particularities of its mother’s voice and rhythms of its native language...*” (Karmiloff-Smith, 2001, p. VII).

Segundo Correa (1999, p. 339) “Toda criança é, em princípio, capaz de tomar a língua de sua comunidade como língua materna e de adquirir simultaneamente mais de uma língua”.

A capacidade de criar e experimentar coisas novas com a língua que adquire é uma das capacidades que a criança tem, não se limitando à reprodução da língua mas fazendo a sua própria produção linguística. A este respeito, Karmiloff-Smith (2001, p. VII), refere “*The child does not simply reproduce what he hears, but actively creates language, experimenting with the rules that he has extracted from the input*”.

A língua surge ainda como uma forma de socialização e de interação pessoal, assumindo um papel central na vida da criança. Karmiloff-Smith (2001, p. VIII) afirma que “*Children become socialized through interpersonal interaction, and here language plays a central role*”.

Também de acordo com Conceição (2011, p. 5), “A aquisição de novas competências linguísticas/comunicativas resulta de uma alteração identitária em que assenta a competência intercultural”.

De acordo com Karmiloff-Smith as teorias nativistas da linguagem são apologistas de que as crianças nascem com mecanismos específicos para aquisição da língua materna, (2001, p. 5) “*There are several versions of the nativist approach, but the central tenet is that the infants are born with a so-called Universal Grammar (or UG) and specialized language-*

learning mechanisms for acquiring their native tongue”. A visão de Piaget, é, por sua vez, totalmente oposta a esta, na medida em que *“According to this approach, there is nothing unique about the way in which children learn language”* (Karmiloff-Smith, 2001, p.5)

Na sociedade em que vivemos atualmente, a aquisição linguística adquire cada vez mais um papel de destaque nas relações interpessoais, não se limitando à aquisição da língua materna, estendendo-se à aquisição de outras línguas estrangeiras desde tenra idade. Na verdade, a aldeia global permite que, cada vez mais, os elementos da família pertençam a nacionalidades diversas, o que levará à aquisição de mais do que uma língua por parte das crianças. Estes casos de aprendizagem bilingue infantil são cada vez mais frequentes e têm tendência a aumentar com as alterações sociais que estão a decorrer provenientes de uma mobilidade inter países e até intercontinental muito acentuada.

No que diz respeito à aquisição de uma segunda língua, existem vários tipos de aquisição que estão dependentes do contexto e da idade em que acontece.

Em muitas partes do mundo o bilinguismo ou o multilinguismo, bem como práticas educativas inovadoras envolvendo mais do que uma língua, fazem parte das experiências diárias dos alunos. Vários estudos indicam que o desenvolvimento da proficiência linguística em mais do que uma língua é possível, bem como necessária e desejável numa sociedade multicultural e multilinguística.

O que se verifica, nos dias de hoje, é que o número de crianças que são educadas em contexto familiar com mais de uma língua está a aumentar o que vai permitir estas crianças bilingues continuarem a utilizar as duas línguas ao longo da sua vida. Esta situação irá permitir que as crianças educadas neste contexto tenham vantagem sobre aquelas que adquirem uma língua depois dos quatro anos de idade. Na verdade, e já vimos anteriormente, a capacidade de se tornarem bilingues está intimamente ligada à idade e ao contexto em que têm acesso a outra língua e, neste caso, o contexto familiar associado a uma idade bastante precoce irá permitir que a criança domine duas línguas na perfeição.

O nível de desenvolvimento linguístico na língua materna será uma das melhores formas de prever o nível de proficiência que será obtida na segunda língua. Na verdade, as crianças aprendem a segunda língua de forma diferente, dependendo da sua cultura e da sua personalidade, bem como da relação afetiva que estabelecem com a segunda língua.

A promoção social é um fator essencial que leva à aquisição de uma segunda língua, na medida em que muitas vezes será a única forma do sujeito não se sentir excluído socialmente. Este facto acontece se pensarmos, por exemplo, nos emigrantes de segunda geração que são proficientes na segunda língua, apesar de, na maioria das vezes, não ser a língua utilizada em contexto familiar. Tal como afirma Tomassone (2001, p. 139) citado por

Silva (2009, p. 1077) “a aquisição de uma segunda língua é um fator de promoção social, que confere ao indivíduo independentemente da frequência de uso um status elevado”.

No que diz respeito aos contextos de aquisição, de acordo com Muñoz (2011, p. 12), “O contexto de aquisição de uma segunda língua, o meio em que ela se aprende, pode ser formal ou informal. A escola, ou uma instituição educativa de qualquer nível, proporciona um contexto formal de aprendizagem”.

A verdade é que, tal como afirma Muñoz (2011, p. 12-13) “A aquisição de mais de duas línguas é cada vez mais frequente nas nossas sociedades, como era tradicionalmente em muitos lugares do mundo, onde o monolinguismo é claramente a exceção”, sendo que a maioria das vezes uma das línguas é adquirida em contexto formal de aprendizagem.

Em relação à aprendizagem bilingue é possível distinguir entre dois tipos de bilinguismo, o bilinguismo simultâneo “nos casos em que as duas línguas se aprendem desde o momento do nascimento” e o bilinguismo consecutivo “quando a aprendizagem de uma das duas línguas se inicia até aos quatro anos, aproximadamente” (Muñoz, 2011, p. 12).

3. Políticas linguísticas da União Europeia

Com a era da globalização que disparou no século XX e a formação de blocos de países, as fronteiras vão ganhando novas formas e as distâncias temporais e espaciais vão diminuindo com a utilização das ferramentas computacionais que temos ao dispor. Na Europa, a política linguística vai sofrendo alterações visando a quebra das barreiras linguísticas e propondo um multilinguismo que facilite a comunicação intercultural.

A diversidade linguística e cultural existente na União Europeia deve ser protegida e valorizada nomeadamente através de sistemas educativos que promovam a compreensão recíproca. O conhecimento das várias línguas existentes na comunidade pelos falantes irá promover e facilitar a comunicação entre europeus com línguas maternas distintas prevenindo e eliminando situações de preconceito e discriminação e promovendo a mobilidade.

Ao longo destes últimos anos, de acordo com a Comissão Europeia (2009, p.5) “o contexto linguístico na União Europeia (UE) tornou-se mais complexo. A UE tem atualmente 500 milhões de cidadãos, 27 Estados-Membros, três alfabetos e 23 línguas oficiais, algumas

de âmbito mundial. A estas podem acrescentar-se cerca de outras 60 línguas regionais e minoritárias”.

O lema da União Europeia (UE) é “unidade na diversidade”, respeitando e protegendo não apenas a diversidade de culturas e religiões mas também de línguas. Este objetivo de coabitação multilíngue e multiétnica apoia-se na expectativa de uma língua, etnia, ou nação não se impor perante às demais, com vista a uma convivência pacífica (Silva, 2009).

Lenarduzzi (2000) defende a ideia de que o conhecimento e a inovação são essenciais ao aumento da competitividade da Europa, bem como ao combate ao desemprego. As novas tecnologias mudaram e continuam a mudar de forma radical a sociedade e transformam a forma como o conhecimento é produzido e difundido. O investimento na formação dos recursos humanos é o fator chave para o desenvolvimento social e económico.

É muito comum cada indivíduo exprimir a sua opinião em relação a uma língua estrangeira, de acordo com a relação afetiva que mantém com o povo que a representa, bem como com a conceção que tem relativamente aos povos que as falam. Deste modo, se a relação que tiver com uma determinada comunidade ou com um determinado povo for negativa, irá considerar que a língua que esse povo fala não é agradável tendo pouca curiosidade em aprendê-la ou com ela estabelecer uma relação de afetividade.

Na sociedade em que vivemos atualmente, a capacidade de ação social do indivíduo depende, não só de competências gerais para atuar socialmente, mas também de um conjunto de competências comunicativas em língua que lhe permita uma comunicação adequada com sujeitos que dominam uma língua materna diferente da sua. Cada indivíduo utiliza competências comunicativas em língua em diversos contextos nomeadamente a escola, para realizar atividades linguísticas que implicam processos de produção e receção de textos orais e escritos.

As estratégias multilinguísticas da União Europeia têm por objetivo permitir a todos os seus habitantes a possibilidade de comunicarem de forma adequada e perceptível sendo que, para que tal aconteça, é necessário que cada um tenha acesso a formação específica que lhe permita a aquisição das competências linguísticas necessárias a uma comunicação sem barreiras.

Podemos verificar que um dos objetivos da Comissão é que cada um dos habitantes da União Europeia domine pelo menos mais duas línguas para além da sua língua materna.

O multilinguismo é, neste momento, encarado como o grande motor de transmissão dos valores fundamentais da União Europeia: democracia, paz e respeito pela diversidade linguística e cultural.

No que diz respeito às etapas fundamentais da política linguística da União Europeia existem alguns documentos que representam as etapas fundamentais da política de multilinguismo que se encontram disponíveis no seguinte endereço: http://ec.europa.eu/languages/library/key-documents_en.htm, alguns deles abordados neste estudo, de acordo com os objetivos pretendidos.

A diversidade linguística aparece assegurada no artigo vinte e dois da Carta Europeia dos Direitos Fundamentais da União Europeia “A União respeita a diversidade cultural, religiosa e linguística” (2000, C 364/13). Também o número um do artigo vinte e um do mesmo documento refere que “É proibida a discriminação em razão, designadamente, do sexo, raça, cor ou origem étnica ou social, características genéticas, língua, religião ou convicções, opiniões políticas ou outras, pertença a uma minoria nacional, riqueza, nascimento, deficiência, idade ou orientação sexual” (2000, C 364/13), sublinhando, claramente, a proibição da discriminação linguística. Já no preâmbulo é exposto a este respeito que:

“A União contribui para a preservação e o desenvolvimento destes valores comuns, no respeito pela diversidade das culturas e das tradições dos povos da Europa, bem como da identidade nacional dos Estados-Membros e da organização dos seus poderes públicos aos níveis nacional, regional e local; procura promover um desenvolvimento equilibrado e duradouro e assegura a livre circulação das pessoas, dos bens, dos serviços e dos capitais, bem como a liberdade de estabelecimento.” (2000, C 364/8)

A verdade é que, no âmago da União Europeia, está a ‘unidade na diversidade’ revelando-se na diversidade de culturas, de costumes, de credos e de línguas, sendo que, “A língua é a expressão mais directa da cultura; é o que faz de nós seres humanos e o que nos dá um sentido de identidade” (Comissão Europeia, 2005, p.2).

O Ano Europeu das Línguas foi uma iniciativa da União Europeia e do Conselho da Europa que decorreu durante o ano de 2001, na qual participaram quarenta e cinco países europeus e cujas principais mensagens foram as seguintes: a Europa é, e será sempre, multilingue; a aprendizagem de línguas cria oportunidades e qualquer pessoa pode aprender línguas. Em relação aos objetivos deste ano europeu, destacam-se os seguintes:

“The specific objectives of the Year were: 1. to raise awareness on the richness of linguistic and cultural diversity within the European Union and of its value in terms of civilisation and culture. 2. to encourage multilingualism; 3. to bring to the notice of the widest possible audience the advantages of competencies in several languages; 4. to encourage lifelong learning of languages, starting if possible at nursery and primary

level, and the acquisition of related skills; 5. to collect and disseminate information about the teaching and learning of languages” (2002, p. 1).

Em março de 2002 os Chefes de Estado e de Governo da União Europeia, em Barcelona, concordaram que “se passasse a ensinar pelo menos duas línguas estrangeiras a partir da idade mais precoce” (Comissão Europeia, 2005, p. 3). Este objetivo de Barcelona (língua materna mais duas), de acordo com Leonard Orban, membro da Comissão Europeia responsável pelo multilinguismo, “marcou uma evolução na política linguística, que passou da mera preservação das línguas para o desenvolvimento ativo do seu potencial” (Comissão Europeia, 2009, p. 3). Ou seja, a valorização do multilinguismo da Europa passou a ser apanágio da Comissão Europeia enquanto elemento distintivo desta União em relação aos países menos ricos e diversos em termos linguísticos.

A União Europeia apoia, promove e patrocina diversos programas no âmbito da educação e da formação, fomentando a aprendizagem ao longo da vida, nomeadamente, o ‘Leonardo da Vinci’, que é um programa que apoia financeiramente estágios noutros países para jovens; o ‘Erasmus’ que é um programa de mobilidade e de cooperação entre universidades que existe desde 1987 e que tem atualmente uma nova vertente denominada ‘Erasmus Mundus’ que dá a oportunidade a jovens licenciados de realizar um mestrado ou um doutoramento noutra universidade; o programa ‘Grundtvig’ está vocacionado para a educação de adultos criando redes de mobilidade; por sua vez, o programa ‘Comenius’ apoia intercâmbios de alunos e professores, bem como a cooperação inter professores e parcerias com recurso à internet; por fim o ‘Marie Curie’ apoia a formação profissional e a mobilidade de investigadores.

A Comissão Europeia na Resolução do Parlamento Europeu, de 24 de Março de 2009, sobre o multilinguismo: uma mais-valia para a Europa e um compromisso comum (2008/2225(INI)) adotou uma estratégia nova para o multilinguismo. Este documento revela, sem sombra de dúvida, as preocupações da Comissão Europeia no que diz respeito ao desenvolvimento de competências linguísticas que permitam uma comunicação frutífera entre os vários membros da União Europeia.

Assim, o ponto número seis “Recorda que a relevância do multilinguismo não se esgota nos aspectos económicos e sociais, devendo também ser considerados os aspectos ligados à criação e à transmissão culturais e científicas, e os relativos à importância da tradução, tanto literária como técnica, na vida dos cidadãos e no desenvolvimento a longo prazo da UE; recorda finalmente, mas de forma não menos importante, o papel desempenhado pelas línguas na formação e no reforço da identidade” (Comissão Europeia, 2010, C 117 E/61).

Mais à frente, salienta-se que “o multilinguismo é uma questão transversal com grande impacto na vida dos cidadãos europeus” e é, por isso, solicitado aos Estados-Membros “que integrem o multilinguismo noutras políticas para além da política da educação, tais como a aprendizagem ao longo da vida, a inclusão social, o emprego, os meios de comunicação social e a investigação”. No ponto vinte e seis da mesma resolução, a Comissão Europeia “reafirma o seu empenho de longa data na promoção da aprendizagem de línguas, do multilinguismo e da diversidade linguística na União Europeia, incluindo as línguas regionais e minoritárias, dado que estas constituem mais-valias culturais que cumpre salvaguardar e estimular; considera que o multilinguismo é essencial a uma eficaz comunicação e representa um meio de facilitar a compreensão entre os indivíduos e, por conseguinte, a aceitação da diversidade e das minorias” (Comissão Europeia, 2010, C 117 E/63).

Posteriormente é recomendada a inclusão de uma terceira língua estrangeira a partir do secundário, bem como é sublinhada a importância do estudo das línguas dos países vizinhos como forma de melhorar a comunicação. A importância de promover e apoiar o desenvolvimento de modelos pedagógicos e abordagens inovadoras para o ensino das línguas é, mais uma vez, reiterada como forma de “incentivar a aquisição de competências linguísticas, bem como a sensibilização e a motivação dos cidadãos”. É ainda proposto que existam professores qualificados em línguas estrangeiras em todos os níveis de ensino bem como recomendado que as federações de professores sejam ouvidas quanto aos programas e às metodologias. No ponto trinta e seis “Reafirma a sua prioridade política no tocante à aquisição de competências linguísticas mediante a aprendizagem de outras línguas da UE, uma das quais deverá ser a língua de um país vizinho, e de uma «língua franca» internacional”. Esta forma de atuação proverá os cidadãos de competências e qualificações de participação numa sociedade mais democrática em termos de cidadania, empregabilidade e acesso a outras culturas.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (Q.E.C.R.L.) – Aprendizagem, ensino e avaliação foi construído com dois objetivos essenciais. Primeiro:

“Encorajar todos os que trabalham na área das línguas vivas, incluindo os aprendentes a refletirem sobre questões como: o que fazemos exactamente quando falamos ou escrevemos uns aos outros?; o que nos permite agir assim?; o que é que precisamos de saber a este respeito para tentarmos utilizar um língua nova?; como definimos os nossos objectivos e avaliamos o nosso progresso entre a ignorância total e o domínio efectivo de uma língua estrangeira?; como se processa a aprendizagem de uma língua?; que podemos fazer para nos ajudarmos a nós próprios e aos outros a melhor aprendermos uma língua?” (Q.E.C.R.L., 2001, p. 11).

O segundo objetivo é “Facilitar a troca de informação entre os que trabalham nesta área e os aprendentes, de modo a que estes possam ser informados sobre o que deles se espera, em termos de aprendizagem, e como poderão ser ajudados” (Q.E.C.R.L., 2001, p. 11).

Este documento de referência “fornece uma base comum para a elaboração de programas de línguas, linhas de orientação curriculares, exames, manuais, etc., na Europa” (Q.E.C.R.L., 2001, p. 19). Por outro lado, faz uma descrição daquilo que “os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os *conhecimentos* e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua actuação (Q.E.C.R.L., 2001, p. 19).

Numa perspetiva intercultural, o objetivo central da educação em língua é “promover o desenvolvimento desejável da personalidade do aprendente no seu todo, bem como o seu sentido de identidade, em resposta à experiência enriquecedora da diferença na língua e na cultura” (Q.E.C.R.L., 2001, p.19).

De acordo com o Q.E.C.R.L., o Conselho da Europa “tem como preocupação melhorar a qualidade da comunicação entre europeus de diferentes contextos linguísticos e culturais, uma vez que a comunicação conduz a uma maior mobilidade e a um maior intercâmbio, favorece a compreensão recíproca e reforça a colaboração” (QEQR, 2001, p. 12).

Neste documento de referência são descritas, de forma pormenorizada, quais as competências que os utilizadores de uma língua devem alcançar, de modo a que correspondam de forma clara aos desafios de comunicação para além das fronteiras linguísticas do país de origem, proporcionando-lhes a capacidade de realizar tarefas comunicativas.

De acordo com o Q.E.C.R.L (Q.E.C.R.L., 2001, p. 13), “...a finalidade do ensino da língua é tornar os aprendentes competentes e proficientes na língua em causa...”.

O Q.E.C.R.L. surge como resposta ao objetivo geral do Conselho da Europa que aparece definido nas Recomendações R (82) e R (98) “conseguir maior unidade entre os seus membros” (Q.E.C.R.L., 2001, p. 20).

De acordo com o que é referido no Q.E.C.R.L. (2001, p. 21), “as actividades do Conselho de Cooperação Cultural, da sua Comissão de Educação e da sua Secção das Línguas Vivas têm procurado encorajar, apoiar e coordenar os esforços dos Estados-membros e das organizações não-governamentais de modo a melhorarem a aprendizagem das línguas, de acordo com os princípios fundamentais apresentados e, especialmente, com as etapas necessárias para a implementação das medidas propostas no anexo da Recomendação nº R (82) 18”.

Nesta recomendação são apresentadas medidas de carácter geral nomeadamente

“1. Assegurar, o melhor possível, que todos os sectores da população disponham de meios efectivos para adquirirem um conhecimento das línguas de outros Estados-membros (...) assim como as capacidades para o uso dessas mesmas línguas, de modo a permitir-lhes satisfazer as suas necessidades comunicativas e especialmente:

- 1.1. lidar com situações da vida quotidiana noutro país e ajudar os estrangeiros residentes no seu próprio país a fazerem o mesmo;
- 1.2. trocar informações e ideias com jovens e adultos, falantes de uma outra língua e comunicar aos outros pensamentos e sentimentos;
- 1.3. adquirir um conhecimento mais vasto e mais profundo sobre o modo de vida e a mentalidade de outros povos, assim como sobre o seu património cultural;

2. Promover, encorajar e apoiar os esforços de professores e aprendentes, a todos os níveis, para que apliquem, de acordo com a sua situação, os princípios de implementação de sistemas de aprendizagem das línguas (tal como são progressivamente definidos no Programa das “Línguas Vivas” do Conselho da Europa):

- 2.1. baseando o ensino e a aprendizagem das línguas nas necessidades, motivações, características e recursos dos aprendentes;
- 2.2. definindo, com o máximo de rigor, objectivos válidos e realistas;
- 2.3. elaborando métodos e materiais adequados;
- 2.4. implementando modalidades e instrumentos adequados que permitam avaliar programas de aprendizagem” (Q.E.C.R.L. , 2001, p. 21-22).

No Q.E.C.R.L (2001, p. 22) são ainda referidos os objetivos políticos da ação no domínio das línguas vivas do Preâmbulo de R (98) 6, que se apresentam de seguida:

“preparar todos os Europeus para os desafios da enorme mobilidade internacional e de uma cooperação mais próxima não só nos domínios da educação, cultura e ciência, mas também nos domínios do comércio e da indústria; promover a compreensão e a tolerância recíprocas e o respeito pela identidade e diversidade cultural através de uma comunicação internacional mais eficaz; manter e desenvolver a riqueza e a diversidade da vida cultural europeia através de um conhecimento recíproco e cada vez maior das línguas nacionais e regionais, incluindo aquelas que são menos ensinadas; responder às necessidades de uma Europa multilingue e multicultural, desenvolvendo de forma considerável a capacidade dos europeus comunicarem entre si, para lá de fronteiras linguísticas e culturais, o que exige um esforço bem alicerçado ao longo da vida, que deve ser encorajado, visto numa base mais organizada e financiado em todos os níveis de ensino pelas autoridades competentes; evitar os perigos que possam resultar da marginalização daqueles que não possuam as capacidades necessárias para comunicarem numa Europa interactiva”.

É ainda referido um outro objetivo estabelecido na Segunda Cimeira, que se prende com a promoção de “métodos de ensino das línguas vivas que reforcem a independência de pensamento, de juízos críticos e de acção, associada a capacidades sociais e a responsabilidade”.

Tendo em conta os objetivos acima transcritos, o Conselho de Ministros reafirmou “a importância política de desenvolver, nos nossos dias e no futuro, domínios de acção específicos, tais como estratégias para diversificar e intensificar a aprendizagem de línguas, de modo a promover o plurilinguismo num contexto pan-europeu” (Q.E.C.R.L. , 2001, p. 23).

Assim, o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas apresenta-se como uma abordagem à aprendizagem das línguas vocacionada para a acção considerando o utilizador e o aprendiz da língua como atores sociais, que têm de atingir determinadas metas de aprendizagem a partir de tarefas específicas. Este documento de referência foi executado com vista a atingir os objetivos estabelecidos em diversos documentos emanados pela comissão europeia nomeadamente no que diz respeito à promoção do multilinguismo e à valorização de todas as línguas europeias.

No Conselho Europeu de Barcelona de 2002, foi decidido que deviam ser tomadas medidas em vários setores, nomeadamente ao nível das línguas. A este nível foi referida a necessidade de “melhorar o domínio das competências de base, nomeadamente através do ensino de duas línguas estrangeiras, pelo menos, desde a idade mais precoce: estabelecimento de um indicador de competência linguística em 2003; desenvolvimento da literacia digital: generalização de um certificado informático e de Internet para os alunos do ensino secundário” (CE, 2002, p. 19).

Na introdução do documento ‘Indicador europeu de competência linguística’ apresentado pela comissão em 2005, é salientado que “Aprender e falar outras línguas incentiva uma maior abertura aos outros, às suas culturas e maneiras de ver o mundo... contribui para melhorar as competências cognitivas e reforçar as competências linguísticas na língua materna” (CE, 2005 a/b, p.3).

A verdade é que neste documento é referido que o objetivo de Barcelona está muito aquém do pretendido na medida em que o número de línguas disponíveis é pouco variado e a tendência para concentrar a aprendizagem na língua inglesa está a aumentar.

De acordo com a Comunicação da comissão ao conselho, ao parlamento europeu, ao conselho económico e social europeu ao comité das regiões sobre ‘Um novo quadro estratégico para o multilinguismo’, “O multilinguismo é a capacidade de uma pessoa utilizar diversas línguas e a coexistência de comunidades linguísticas diferentes numa dada área geográfica” (C.E., 2005, p. 3). No mesmo documento, são ainda definidos os três objetivos da política de multilinguismo da Comissão: “incentivar a aprendizagem de línguas e

promover a diversidade linguística na sociedade; promover uma economia multilingue sólida; facultar aos cidadãos o acesso à legislação, aos procedimentos e à informação da União Europeia nas suas próprias línguas” (2005, p. 3).

A União Europeia está a desenvolver uma economia bastante competitiva, na qual as aptidões para a comunicação intercultural têm um papel preponderante nas estratégias globais de comércio. Assim, e para que o mercado único cumpra a sua função, a União precisa de uma mão de obra mais móvel e cujas competências em várias línguas aumentem as oportunidades no mercado de trabalho.

Já vimos que na sociedade de informação europeia, a diversidade linguística faz parte do dia a dia dos povos, estando presente através da televisão, da Internet, da música, dos filmes, etc. Assim sendo, esta realidade atinge obviamente a vida pessoal, mas também a vida profissional de cada um, sublinhando a importância de se ser capaz de aceder, produzir e reproduzir informação em diversas línguas.

Deste modo, e de acordo com o que é estabelecido (Comissão Europeia, 2005, p. 16),

“O multilinguismo é essencial para o bom funcionamento da União Europeia. Aumentar as competências linguísticas dos cidadãos será igualmente importante para a realização dos objectivos políticos europeus, em particular num contexto de uma concorrência global e crescente e perante o desafio de explorar melhor o potencial europeu de crescimento sustentável, com mais e melhores empregos. Consciente das suas próprias responsabilidades e das que incumbem às demais instituições, a Comissão considera que a situação pode e deve ser melhorada e, por conseguinte, insta aos Estados-Membros a adoptarem medidas adicionais no sentido de promover o multilinguismo individual generalizado e fomentar uma sociedade que respeite a identidade linguística de todas os cidadãos.”

A ideia de que está a aumentar a percentagem de alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico que aprendem uma língua é ainda salientada neste documento, sendo que, é referido também que o número médio de línguas estrangeiras ensinadas nas escolas secundárias ainda se situa aquém do objetivo fixado em Barcelona. Por outro lado, existe uma tendência crescente de considerar que aprender uma língua estrangeira é o mesmo que aprender inglês apesar da EU já ter assinalado que “o inglês só não chega” (CE, 2005, p. 4).

No documento de referência ‘Competências-chave para a Aprendizagem ao Longo da Vida – Quadro de Referência Europeu’ (2007, p. 5), uma das competências essenciais referida é a comunicação em línguas estrangeiras, sendo que para comunicar em língua estrangeira são utilizadas as mesmas competências de comunicação em língua materna,

nomeadamente a capacidade de compreender, expressar e interpretar conceitos, pensamentos, sentimentos, factos e opiniões oralmente ou por escrito em diversos contextos socioculturais, e de acordo com as necessidades e interesses do sujeito falante.

Para além disso, a comunicação em línguas estrangeiras, ao contrário da comunicação em língua materna, exige que o sujeito tenha competências ao nível da mediação e da compreensão intercultural.

O tipo de atitude por parte do sujeito também será essencial, na medida em que uma atitude positiva, em relação à aprendizagem da língua estrangeira, implica “uma apreciação da diversidade cultural e um interesse e curiosidade pelas línguas e pela comunicação intercultural” (CE, 2007, p. 7).

É importante salientar que muitos europeus vivem em famílias e comunidades bilingues ou multilingues e que a língua oficial do país em que residem pode não ser a sua língua materna.

Em novembro de 2008, a resolução do conselho sobre uma estratégia europeia a favor do multilinguismo foi apresentada pelos ministros europeus. A referida estratégia define as medidas a tomar para promover a aprendizagem de línguas e proteger a diversidade linguística. O documento remete para a resolução do conselho relativa à promoção da diversidade linguística e à aprendizagem das línguas, de fevereiro de 2002, no qual se sublinhava “que o conhecimento de línguas é uma das competências essenciais necessárias a cada cidadão para participar de forma efectiva na Sociedade Europeia do Conhecimento, promovendo assim ao mesmo tempo a integração na sociedade e a coesão social” (CE, 2008, p.1). Refere ainda as conclusões do Conselho Europeu de Barcelona, de março de 2002, onde foi referida a necessidade de ensinar pelo menos duas línguas estrangeiras desde idade precoce. As conclusões do Conselho de maio de 2006 sobre o Indicador Europeu de Competência Linguística são também sublinhadas na medida em que reafirmaram que as competências em matéria de línguas estrangeiras, permitem a compreensão linguística entre os povos e são um requisito essencial à mobilidade e à competitividade.

Nesta resolução, a comissão convida os Estados-Membros a: promover o multilinguismo para reforçar a coesão social, o diálogo intercultural e a construção europeia; reforçar a aprendizagem das línguas ao longo da vida; promover melhor o multilinguismo como fator de competitividade da economia europeia e de mobilidade e empregabilidade das pessoas; promover a diversidade linguística e o diálogo intercultural, reforçando o apoio à tradução, a fim de favorecer a circulação das obras e a difusão de ideias e dos conhecimentos na Europa e no mundo.

De acordo com o que é estabelecido na comunicação da Comissão Europeia *'Multilingualism: an asset for Europe and a shared commitment'* (2008, p. 7) *Languages can be a competitive advantage for EU business. Multilingual companies prove how linguistic diversity and investing in language and intercultural skills can be turned into a real asset for prosperity and a benefit for all. Some European languages are widely spoken around the world and can be a valuable communication tool for business*". No que se refere à empregabilidade, é estabelecido que *"Linguistic and intercultural skills increase the chances of obtaining a better job"*, isto significa que, num mercado cada vez mais globalizante, as competências linguísticas têm uma importância crescente e indubitável, não só no mercado económico, mas também ao nível da cultura e das relações interpessoais. Mais à frente é referido que *"Those mastering more languages can choose among a wider range of job offers, including jobs abroad: lack of language skills is reported as the primary barrier to working abroad"*. Está provado que o domínio linguístico permite que o falante seja mais criativo e inovador na busca de soluções para problemas.

De acordo com o que é referido na *'Agenda para Novas Competências e Empregos: Um contributo europeu para o pleno emprego'* (2010, p. 12), "os sistemas de ensino e formação devem oferecer o conjunto certo de aptidões, incluindo competências digitais e transversais fundamentais, literacia mediática e comunicação em línguas estrangeiras". Assim, podemos verificar que a competência em línguas estrangeiras, a par das competências digitais adquirem um papel preponderante para o mercado de trabalho, devem, por isso, ser valorizadas, estimuladas e desenvolvidas no contexto escolar. Por outro lado, "Devem também garantir que, ao acabar os estudos secundários e superiores, os jovens possuem as competências e aptidões necessárias para transitarem rapidamente e sem problemas para o mundo do emprego".

No mesmo documento (CE, 2010, p. 11) é referido que "O impacto da crise e os níveis de desemprego persistentemente elevados sublinharam a necessidade de melhor perceber onde se afigura provável que ocorram as futuras lacunas de competências na EU". Desta forma, será essencial identificar as lacunas e promover a aprendizagem ao longo da vida como forma de as combater.

No documento da União Europeia *"Council conclusions on language competences to enhance mobility - 3128th EDUCATION, YOUTH, CULTURE and SPORT Council meeting"* de novembro de 2011, é lembrado que *"The Barcelona European Council meeting in 2002 identified language competences as an essential component of a competitive knowledge-based economy"* (CE, 2011, p. 1).

No mesmo documento é referido que *"Learning mobility... is one of the important ways in which citizens can strengthen their employability, enhance their intercultural*

awareness, creativity and personal development, as well as participate actively in society". A necessidade de competência em língua para que tal aconteça é reforçada "*A good command of foreign languages is a key competence essential to make one's way in the modern world and labour market*" (CE, 2011, p. 4).

Por seu turno, o multilinguismo é reforçado "*not only part of the European heritage but also a chance to develop a society which is open, respectful of cultural diversity and ready for cooperation*" (CE, 2011, p. 4).

Finalmente os estados-membros são convidados a apoiar a mobilidade com o intuito de aprender uma língua, de forma a ajudar os aprendentes a ultrapassar as barreiras linguísticas e a motivá-los a aprender pelo menos duas línguas estrangeiras, a trocarem experiências e práticas de modo a melhorar a relação entre as competências linguísticas e as necessidades e interesses das populações, a sublinhar a necessidade de domínio linguístico como forma de mobilidade e empregabilidade bem como continuar a apoiar programas que melhorem as competências linguísticas (CE, 2011, p. 7).

O programa «Educação e Formação para 2020» (EF 2020) é um novo quadro estratégico para a cooperação europeia na educação e formação, que se baseia no programa de trabalho «Educação e Formação para 2010» (EF 2010). São previstos objetivos estratégicos comuns para os Estados-Membros, incluindo um conjunto de princípios para atingir esses objetivos, bem como métodos de trabalho comuns e domínios prioritários para cada ciclo periódico de trabalho.

Logo na parte inicial do referido documento, é realçada a importância da educação e da formação face aos desafios que se colocam à Europa e aos seus cidadãos nomeadamente de ordem socioeconómica, demográfica, ambiental e tecnológica. Assim, é necessário apoiar o desenvolvimento dos sistemas de educação e formação dos Estados-Membros garantindo a realização pessoal, social e profissional, bem como a prosperidade económica e a empregabilidade.

Uma das prioridades estabelecidas refere-se à aprendizagem ao longo da vida, sendo que "deverá ser considerada um princípio fundamental subjacente a todo o quadro, o qual deverá incluir a aprendizagem em todos os contextos" (JO, 2009, p. C 119/3). A aprendizagem ao longo da vida deve ser aplicada também ao nível da aprendizagem linguística associada a situações de motivação para a aprendizagem e para capacidade de adaptação a novas situações de experiência linguística externa ao ambiente meramente escolar.

Os quatro objetivos estratégicos estabelecidos são os seguintes: "1. tornar a aprendizagem ao longo da vida e a mobilidade uma realidade; 2. melhorar a qualidade e a eficácia da educação e da formação; 3. promover a igualdade, a coesão social e a cidadania

activa; 4. incentivar a criatividade e a inovação, incluindo o espírito empreendedor, a todos os níveis da educação e da formação” (JO, 2009, p. C 119/3).

Neste documento são estabelecidos os ‘Níveis de referência do desempenho médio Europeu’ («Critérios de referência europeus»), sendo que um deles é a aprendizagem de línguas “Tendo em conta a importância de aprender duas línguas estrangeiras desde tenra idade, tal como salientado nas conclusões do Conselho Europeu de Barcelona de Março de 2002, convida-se a Comissão a apresentar ao Conselho, até ao final de 2012, uma proposta de possível critério de referência neste domínio, com base nos trabalhos em curso sobre as competências linguísticas”.

No que concerne aos ‘Domínios prioritários para a cooperação Europeia no domínio da educação e formação ao longo do primeiro ciclo: 2009-2011’, dentro do segundo objectivo estratégico pretende-se prosseguir os trabalhos sobre “Aprendizagem de línguas: Permitir aos cidadãos comunicar em duas línguas além da sua língua materna, promover o ensino de línguas, consoante adequado, no âmbito do EFP e do ensino para adultos, e proporcionar aos migrantes oportunidades de aprenderem a língua do país de acolhimento”.

“O ensino e a formação têm um papel fundamental a desempenhar na consecução dos objectivos da Estratégia Europa 2020 para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo, não só dotando os cidadãos das competências e aptidões necessárias para que a economia e a sociedade europeias continuem a ser competitivas e inovadoras, mas também ajudando a promover a coesão e a inclusão sociais.”

O conhecimento das línguas vivas europeias irá facilitar a comunicação e a interação entre Europeus que dominam línguas maternas diferentes, promovendo a mobilidade, o conhecimento e a cooperação recíprocas. Por outro lado, será uma forma de eliminar os preconceitos e a discriminação bem como de satisfazer necessidades comunicativas e de promover uma maior mobilidade.

Apesar das políticas da União Europeia pretenderem promover a proteção de todas as línguas dos estados-membros, inclusivamente aquelas menos utilizadas pelos seus falantes, a verdade é que existe uma forte presença do inglês na União Europeia, enquanto segunda língua de uma percentagem considerável de falantes, bem como é a língua estrangeira mais estudada. Tal como afirma Silva (2009, p.1080) “... notamos a forte presença do inglês, língua global, e porque não dizer imperial, no sentido que se impõe sem a necessidade de políticas linguísticas, mas pelo seu carácter económico e político próprio”.

Deste modo, podemos concluir que as indicações da União Europeia vão, claramente, no sentido de promover o multilinguismo e a interculturalidade entre os povos europeus, como forma de permitir uma maior mobilidade, uma maior proximidade e uma competitividade que ponha a Europa em lugar de destaque no quadro mundial.

4. Utilidade e motivações para a aprendizagem de uma língua estrangeira

Os argumentos utilizados, no sentido da promoção de uma língua estrangeira, prendem-se essencialmente com a sua utilização em contexto real, bem como com o papel mediador que as línguas adquirem na comunicação intercultural.

Os dias de hoje implicam, obrigatoriamente, um contexto linguístico multifacetado que permita o acesso a um manancial de informação que se encontra disponível em línguas variadas, acessíveis apenas àqueles que as dominem e utilizem de forma sistemática. As crescentes internacionalização, globalização, interculturalidade e mobilidade internacional fomentam a necessidade de um domínio linguístico que permita a troca de informação e fomentem os contactos entre os povos.

Já verificámos, anteriormente, que a própria Comissão Europeia alerta para a necessidade de dominar mais do que uma língua ao afirmar que “A aptidão para compreender e comunicar em mais de uma língua – já uma realidade no dia-a-dia para a maioria das pessoas em todo o mundo – é uma competência de vida desejável na bagagem de todos os cidadãos europeus” (C. E., 2005, p. 3).

O domínio de outras línguas, para além da língua materna, é essencial ao sucesso profissional do indivíduo, para além de estar provado que promove o desenvolvimento das estruturas mentais fomentando a criatividade e a inovação. Neste sentido, Conceição (2011, p. 6) afirma que “A capacidade de verbalização em mais do que uma língua, cujos marcadores neurobiológicos começam a ser conhecidos, revela flexibilidade mental, estruturas de pensamento complexo, trunfos cognitivos e competências interpessoais indispensáveis para a criatividade e para a inovação, ambas mais-valias para a competitividade e para o sucesso”, apontando para a flexibilidade mental promovida pelo domínio de mais do que uma língua.

Também Block e Cameron (2002, p. 5) defendem que as competências ao nível da comunicação representam capital linguístico, “*Communication skills’ and the new literacies demanded by new technologies, as well as competence in one or more second / foreign languages, all represent ‘linguistic capital’, to use Pierre Bourdieu’s (1991) term*”.

A competência em línguas torna o ser humano mais aberto às outras culturas adquirindo novas perspetivas, para além de amplificar as competências cognitivas e reforçar as competências na língua materna, salientando que “A aprendizagem de línguas não representa um objetivo em si, mas antes abre novas oportunidades para cada um.” (C. E., 2009, p.13).

A aprendizagem de uma língua implica o desenvolvimento de competências distintas, assim, estudar uma língua estrangeira pode melhorar e potenciar a destreza cognitiva. Na verdade, as pessoas que aprendem línguas estrangeiras têm um maior desenvolvimento cognitivo ao nível da flexibilidade e da criatividade mentais e conseqüentemente uma maior capacidade de resolução de problemas.

Aprender uma língua não se limita a aprendizagem das estruturas gramaticais, fonológicas ou sintáticas implicando também o contacto com a cultura do país ou países em que essa língua é falada. Deste modo, o aluno que aprende línguas tem maior capacidade para se adaptar a um mundo em constante mutação, visto que o encontro com outras culturas, costumes e estilos de vida potencia a capacidade do aluno compreender e comunicar com pessoas pertencentes a outros países, culturas e estratos sociais.

O domínio de uma língua estrangeira é essencial à mobilidade e à circulação dos povos dentro e fora da Europa tendo-se tornado um dos apanágios da Comissão Europeia. Na verdade, de acordo com a Comissão (2005, p. 3) o domínio de mais do que uma língua irá facultar a circulação dos povos na Europa na medida em que “permite às pessoas tirar partido da liberdade de trabalhar ou estudar noutro Estado-Membro” (C. E., 2005, p. 3). A este respeito, para os trabalhadores da União Europeia, a barreira mais apontada tem exatamente a ver com as barreiras linguísticas que por vezes se apresentam como fator desmotivador.

Ao nível empresarial, para que seja possível competir de forma eficaz numa economia globalizada, é necessário aprender a lidar com outras culturas e povos e, para tal, o domínio da sua língua é essencial. Deste modo, trabalhadores que falam apenas uma língua têm um potencial comunicativo menor, uma vez que apenas conseguem comunicar com pessoas que falam o mesmo idioma.

Também ao nível das agências governamentais, na área das engenharias, da educação, das viagens, da política, da economia e da publicidade, existe a necessidade de pessoas com competências em línguas estrangeiras.

Atualmente, muitas universidades requerem que os alunos tenham um determinado número de anos de aprendizagem de uma língua estrangeira para que sejam admitidos, por considerarem que o conhecimento de línguas estrangeiras faz parte da cultura e da instrução do indivíduo. Por outro lado, para quem pretende continuar os estudos com uma pós-graduação, o conhecimento de um segundo idioma é muitas vezes um pré-requisito.

Para quem pretende estudar num país estrangeiro é essencial o domínio de uma outra língua para além da sua. Por outro lado, conhecer outras línguas aumenta o número de pessoas com quem se pode comunicar fomentando o interesse por outras culturas bem como as ligações com essas pessoas.

Uma das razões para aprender uma língua está relacionada com emigração. Na verdade, quando vamos para outro país ou para outra região, aprender a língua local é essencial para que haja uma integração adequada na comunidade que nos recebe. Mesmo que nesse país seja falada a língua materna do sujeito, o interesse pela aprendizagem da língua local é essencial para que a adaptação ao novo país decorra de forma mais facilitada.

Também razões familiares são motivo para a aprendizagem de uma outra língua, situação que acontece cada vez mais na medida em que os relacionamentos entre pessoas de outras nacionalidades está a aumentar.

Os fundamentos para a aprendizagem de uma outra língua para além da língua materna podem ser de ordem prática, intelectual ou até sentimental. Será realmente importante que cada indivíduo descubra por si o que considera mais importante na aprendizagem da língua estrangeira, de modo a que o progresso ao nível académico seja mais profícuo.

De acordo com o que é estabelecido no Q.E.C.R.L. (2001, p. 185), “Os enunciados das finalidades e dos objectivos da aprendizagem e do ensino das línguas deveriam ser baseados, quer numa apreciação das necessidades dos aprendentes e da sociedade, quer nas tarefas, actividades e processos que os aprendentes necessitam de levar a cabo para satisfazer essas necessidades, quer, ainda, nas competências e estratégias que eles necessitam de desenvolver / construir para o conseguir”.

Um conhecimento básico de uma língua estrangeira irá permitir que o indivíduo estabeleça conversas básicas para sobreviver num país estrangeiro, por outro lado, um domínio mais avançado permitirá que se estabeleçam conversações mais intensas até a nível cultural permitindo um acesso crescente a dados sobre o país que visita.

Assim, podemos concluir que a necessidade, a motivação e as razões sociais e/ou económicas para desenvolver a competência de comunicação em língua estrangeira, são alguns dos fatores que levam o indivíduo a aprender uma nova língua, sendo que, muitas vezes, as necessidades são bastante particulares e dependem das circunstâncias específicas em que se move o sujeito falante.

5. Inglês como língua estrangeira – aprender Inglês porquê e para quê?

A língua inglesa é falada por cerca de 375 milhões de pessoas enquanto primeira língua sendo que é a terceira língua mundial, a seguir ao mandarim e ao espanhol. Se falarmos em nativos e não nativos, adquire o estatuto de língua mais falada do mundo. Na verdade, de acordo com o linguista Crystal (1997) o número de falantes de inglês enquanto segunda língua já ultrapassa o número de falantes de inglês enquanto língua materna. Segundo Crystal (1997, p. 90) “*English as official or special status in at least 75 countries with a total population of over 2 billion.*”

Segundo Bhatia e Ritchie (2004, p. 519) “*It is spoken as a first language by around 300 million and as second or official language along with one or more other languages by around 375 million speakers in the world*”. De acordo com os mesmos autores, o número de falantes de inglês, como segunda língua, irá em breve suplantar o número daqueles que o falam como primeira língua.

Atualmente pode sublinhar-se a existência de um mundo globalizado difundido, em grande parte, através da utilização do inglês enquanto língua que facilita a comunicação no espaço europeu e mundial. A crescente importância desta língua leva a que o seu domínio rápido e eficaz seja premente para os povos.

O aumento do número de utilizadores da língua inglesa bem como o seu entrosamento nas sociedades é sublinhado por Hasman (2001, p. 19) “*The global spread of English over the last 40 years is remarkable. It is unprecedented in several ways: by the increasing number of users of the language; by its depth of penetration into societies; and by its range of functions*”.

Bhatia e Ritchie (2004) realçam a importância do inglês enquanto língua que promove o bilinguismo e estimula a criatividade ao afirmarem que “*English is perhaps the single most important linguistic source for the promotion of global bilingualism and for linguistic creativity*” (Bhatia e Ritchie, 2004, p. 519)

Culpeper (1997) sublinha o papel do inglês no mundo bem como o aparecimento de outras variedades linguísticas advindas do contacto com outras línguas, “*The crucial factor in the development of English over the last few centuries is its role in the world. English has been brought into contact with new environments and languages, and as a result has developed in new directions, giving rise to different varieties of English*” (Culpeper, 1997, p. 75).

Kumaravadivelu (2006, p. 1) afirma que o inglês tem uma função inigualável enquanto língua global “*English, in its role as the global language, creates, reflects and*

spreads the import and the imagery of the global flows. The forces of globalization, empire and English are intricately interconnected”, sublinhando, ainda, que, para alguns, não passou de um acaso o facto de ter adquirido este estatuto, enquanto para outros foi fruto do colonialismo “*According to some, English just happened to be in the right place at the right time* (Crystal, 1997), *but according to others it rode on the back of colonialism* (Pennycook, 1998)” (Kumaravadivelu 2006, p. 11).

A globalidade e o colonialismo da língua inglesa são referidas por Kumaravadivelu (2006, p. 13) da seguinte forma, “*If the coloniality of the English language is undeniable, so is its globality*”. E recupera a ideia de Crystal (1997) de que uma língua adquire um estatuto global quando cada país que a utiliza o reconhece, “*A language achieves a genuinely global status when it develops a special role that is recognized in every country* (Crystal, 1997, p.2)”.

A ideia do inglês como língua franca é referida por Kumaravadivelu (2006, p. 13) ao afirmar que “*Clearly, English has achieved such a role. It has become the world’s lingua franca. Because of its association with global economy, it is deemed to be ‘the natural choice for progress’* (Crystal, 1997, p. 75). *It is seen as opening doors for social mobility*”.

Existem várias razões históricas para a primazia da língua inglesa no mundo, nomeadamente o poder político e económico da Inglaterra no século XIX e dos Estados Unidos da América no século XX. Estas mesmas razões estiveram na base do aumento de falantes da língua inglesa. De acordo com o Culpeper (1997), “*...it has been estimated that in total around a billion people use English with varying degrees of proficiency. English is the most widely used language in the world*” (Culpeper, 1997, p. 75).

A língua inglesa, enquanto língua que serve um mundo globalizado, terá sempre a função de obedecer aos objetivos socioeconómicos e políticos. A este respeito Kumaravadivelu (2006, p. 13) afirma que “*English, as a global language, will continue to serve the communicational needs as well as the propaganda purposes of both globalization and empire*”.

Culpeper salienta as várias áreas nas quais o inglês domina o mundo, nomeadamente ao nível do comércio, das relações diplomáticas, da tecnologia, das publicações científicas, etc. De acordo com o autor, “*English has gone global. Today, English dominates the world stage in a number of language uses: it is the main language of publishing, science, technology, commerce, diplomacy, air-traffic control and popular music*” (1997, p. 75).

Como podemos verificar, razões históricas, económicas e políticas elegeram o inglês como a língua do mundo tornando o monolinguismo em países de língua não inglesa o analfabetismo em termos de futuro. A importância de falar mais do que uma língua alterou-

se ao longo dos últimos anos, numa perspetiva comunicacional globalizante que não existia há algumas décadas atrás. Deste modo, será possível afirmar que o monolinguismo é o analfabetismo dos tempos modernos na medida em que isola o indivíduo e lhe limita o acesso às várias formas de informação.

A língua inglesa lidera as línguas mundiais no que diz respeito à comunicação e à publicação, sendo que é a língua mais utilizada nos meios de comunicação social, sendo que, enquanto língua de comunicação abrangente, ganhou um estatuto de neutralidade. De acordo com Ortiz (2004, p. 8) “Já não se trata apenas de neutralidade comunicativa ou vantagens diglósicas, o inglês, em sua “essência”, seria intrinsecamente superior aos outros idiomas. Língua da racionalidade e da modernidade, ele seria a razão primeira, e não a expressão, da supremacia norte-americana (muito dessa ideologia ainda se manifesta no senso comum em tempos de globalização)”.

Ortiz (2004, p. 8) recupera Crystal (1997) no seguinte:

“Uma língua não se torna global por causa de suas propriedades estruturais, pelo tamanho de seu vocabulário, por ser veículo de uma grande literatura do passado, ou ter sido associada a uma grande cultura ou religião [...]. Uma língua torna-se internacional por uma razão maior: o poder político de seu povo – especialmente seu poderio militar [...]. Mas o domínio internacional de uma língua não decorre apenas da força militar. O poder militar de uma nação pode impor uma língua, mas é necessário um poderio econômico para mantê-la e expandi-la [...]. O crescimento dos negócios e de uma indústria competitiva trouxe uma explosão internacional do marketing e do business [...]. A tecnologia, na forma do cinema e dos discos, canalizou as novas formas de entretenimento de massa, o que teve um impacto mundial. O impulso no progresso da ciência e da tecnologia criou um ambiente internacional de pesquisa, conferindo ao conhecimento acadêmico um grau elevado de desenvolvimento. Qualquer língua, no centro dessa explosão de atividades internacionais, repentinamente, teria sido alçada a um status global” (Crystal, 1997).

No início da era tecnológica, as limitações técnicas da maioria das línguas ajudaram bastante a língua inglesa a tornar-se a língua preferencial das novas tecnologias. A verdade é que, ainda hoje, grande parte das informações presentes on-line aparecem em inglês e só posteriormente é que são sujeitas a tradução. No comércio internacional, onde quer que os clientes vivam, a verdade é que a comunicação multilinguística é uma condição essencial numa empresa.

A globalização concretiza-se preferencialmente através da língua inglesa, na medida em que a presença de outros idiomas é parte constituinte dos tempos atuais. De acordo com vários estudos, uma segunda língua é aprendida quando o falante considera que pode obter

vantagens na utilização de um outro idioma na medida em que o seu raio de atuação se torna mais alargado.

De acordo com Fishman, Cooper e Rosenbaum, (1977, p. 106) citado por Ortiz (2004, p. 7):

“Dizer que o inglês está se difundindo no mundo em função de uma combinação de variáveis é uma afirmação sumária, fundada nas inúmeras interações e motivações humanas. São os indivíduos, e não os países, que aprendem inglês como segunda língua. E eles o fazem, não por causa de abstrações, como a diversidade lingüística ou a balança de pagamento, mas porque o conhecimento do inglês os ajuda a comunicar num determinado contexto, no qual, por razões econômicas, educacionais ou emocionais, eles desejam se comunicar com os outros e a oportunidade de aprender inglês encontra-se disponível. As estatísticas aqui utilizadas revelam algumas simetrias e regularidades, mas não podemos esquecer que o comportamento humano as antecede. Portanto, o estudo da difusão das línguas deve proceder, não tanto da manipulação e da análise de dados abstratos e sumários, mas da observação direta do comportamento humano. (...) Os dados de um contexto específico devem por isso ser considerados dados secundários, na verdade muito distantes da arena cotidiana na qual as línguas são aprendidas e abandonadas”.

A predominância do inglês é feita ainda ao nível da divulgação e interação científicas, atuando como uma língua internacional que se assume com uma abrangência considerável em termos globais. De acordo com Crystal (2003, p. 2) o inglês é a língua global na medida em que *“You hear it on television spoken by politicians from all over the world. Whenever you travel, you see English signs and advertisements. Whenever you enter an hotel or a restaurant in a foreign city, they will understand English, and there will be an English menu.”*

O papel de uma língua é reconhecido pela sociedade quando assume um papel importante quer ao nível da comunicação quer ao nível escolar, por outro lado, o estatuto global é assumido quando todos os países reconhecem a utilidade dessa língua na comunicação mundial. Na perspetiva de Crystal (2003, p. 3) *“A language achieves a genuinely global status when it develops a special role that is recognized in every country”*.

Crystal (2003, p. 5) afirma que *“English is now the language most widely taught as a foreign language – in over 100 countries (...) in most of these countries it is emerging as the chief foreign language to be encountered in schools (...)”*. O mesmo autor refere que as razões para a escolha de uma determinada língua como a segunda língua de um país podem ser de várias ordens, assim, *“there is a great variation in the reasons for choosing a particular language as a favoured foreign language: they include historical tradition, political expediency, and the desire for commercial, cultural or technological contact”*.

Neste sentido, Hasman (2004, p. 19) afirma que “*Over 70% of the world’s scientists read English. About 85% of the world’s mail is written in English. And 90% of all information in the world’s electronic retrieval systems is stored in English*”.

O inglês é uma língua cosmopolita, visto que absorveu léxico de outras línguas sem fazer adaptações, como por exemplo o francês ou o alemão, para além de ser uma língua democrática na medida em que não faz distinções nos relacionamentos sociais. Mas todas estas razões são secundárias se pensarmos na causa principal que leva uma língua a tornar-se global que se prende com os poderes político, económico e militar do seu povo, basta pensarmos nos casos do grego e do latim, que dominaram o mundo não por serem línguas cosmopolitas ou democráticas mas pelo poder que os seus povos emanavam.

Hasman (2004) divide os motivos para a utilização cada vez mais alargada da língua inglesa em três: ciência, tecnologia e comércio, “*Three factors continue to contribute to this spread of English: English usage in science, technology and commerce; the ability to incorporate vocabulary from other languages; and the acceptability of various English dialects*” (Hasman, 2004, p. 19).

Num mundo cada vez mais dividido entre os que acedem facilmente à informação mundial e aqueles que apenas têm acesso a informações mais próximas, o domínio da língua inglesa é um instrumento fundamental para ter acesso de forma mais adequada à informação tornando-se uma forma de ampliar as oportunidades sociais.

A língua inglesa permite o acesso a notícias relevantes sobre qualquer país do mundo bem como ao pensamento e ideias de artistas, músicos, escritores e cineastas tal como foram originalmente concebidos. A compreensão da arte na versão original é outra razão que torna a aprendizagem da língua inglesa gratificante.

O inglês tornou-se a língua do comércio por excelência, sendo este facto uma outra razão para aprender esta língua, na medida em que o seu domínio irá permitir a concretização de negócios à escala global. Assim, um domínio desta língua, principalmente ao nível da fala, irá abrir os horizontes em termos de carreira profissional em empresas multinacionais.

Ao nível profissional, o domínio da língua inglesa é essencial para qualquer carreira visto que é útil em qualquer profissão na qual seja necessário lidar com estrangeiros, nomeadamente motoristas de táxis, trabalhadores na área da restauração e hotelaria, secretariado, controladores de tráfego aéreo, etc. O domínio de uma língua estrangeira aumenta a possibilidade de encontrar emprego, bem como de ser promovido, trabalhar numa sucursal estrangeira da empresa ou até viajar em negócios. O mercado de trabalho cada vez mais globalizado leva a que quanto maior for a proficiência em línguas, mais possibilidades existem de empregabilidade.

O acesso ao conhecimento, principalmente aquele disponível on-line, é outra das vantagens que o domínio da língua inglesa pode trazer. Desde as coisas mais simples, como uma receita de culinária, a coisas mais complexas, como um artigo de âmbito científico, podem tornar-se de fácil acesso. A língua inglesa domina a internet e a maioria dos estudos são publicados nesta língua e só mais tarde são traduzidos para outras línguas.

Quando a língua inglesa é aprendida como língua estrangeira existem várias motivações para esta aprendizagem. De acordo com Crystal (2003, p. 3) *“You may be strongly motivated to learn it, because you know it will put you in touch with more people than any other language; but at the same time you know it will take a great deal of effort to master it...”*.

A motivação é um dos o fatores afetivos mais importantes na aprendizagem de uma língua estrangeira de modo que quanto mais motivado estiver para a aprender, maiores serão as possibilidades de o aluno alcançar o sucesso.

Cada sujeito é motivado por diferentes razões para a aprendizagem da língua inglesa e, tendo em conta o número de alunos cada vez mais crescente, as razões para tal aprendizagem são cada vez mais diversas. Sendo o inglês a língua oficial de mais de cinquenta países, torna-se essencial o seu domínio quando se pretende viajar e conhecer outros países do mundo, deste modo, ser capaz de falar e compreender a língua inglesa vai permitir uma comunicação mais adequada bem como ter acesso a um maior número de informações.

Podemos concluir afirmando que, o poder da indústria, da tecnologia, dos meios de comunicação social, bem como do comércio internacional fomentam a necessidade do ser humano ter um domínio de outras línguas para além da sua língua materna, como forma de intervir ativamente na sociedade global em que vivemos. A mobilidade das pessoas quer em termos físicos quer em termos eletrónicos levou a que a adoção de uma língua global que todos percebessem e dominassem fosse essencial à comunicação, neste aspeto, as características da língua inglesa colocaram-na ao dispor da globalização.

Parte II – Pesquisa Empírica

1. Problemática

Tendo em conta a pesquisa teórica realizada, considerou-se que seria relevante verificar a importância atribuída pelos alunos à aprendizagem de línguas não maternas no contexto europeu.

Considerando que a comunicação humana é um processo que se encontra em constante evolução fruto de todas as circunstâncias económicas, sociais, culturais, políticas, entre outras que vão ocorrendo, atualmente, a aprendizagem e o domínio de mais do que uma língua é essencial à condição humana permitindo-lhe o acesso a outras culturas e a intensificação das relações entre o indivíduo e o todo.

A sociedade do conhecimento só é possível se a aprendizagem ao longo da vida se tornar a apanágio não só da União Europeia como um todo mas também de cada país em particular. Dentro desta União Europeia, o multilinguismo é um fenómeno abrangente e multifacetado com diferentes áreas de intervenção nomeadamente as áreas social, política, económica, científica e cultural. A política linguística europeia tem sofrido várias alterações, no sentido de a quebrar das barreiras linguísticas entre os seus países constituintes e propondo um multilinguismo que promova a comunicação intercultural facilitando as trocas comerciais e a definição de objetivos culturais, económicos e políticos, tendo sempre em conta a importância de proteger a diversidade cultural e linguística.

A verdade é que a sociedade europeia atual está a enfrentar mudanças céleres, muitas delas fruto da globalização e das alterações tecnológicas, levando a que um número considerável de indivíduos trabalhem num país que não é o seu, obrigando à utilização de outras línguas.

A globalização contribuiu para um crescente multilinguismo interligando os vários países e comunidades mundiais e permitindo uma interação mais próxima, não só a nível cultural e linguístico, mas também a nível político, social e económico. A internet é o fenómeno tecnológico que despoletou a globalização comunicacional, permitindo a troca de informações e de ideias de uma forma desimpedida e sistemática.

Atualmente, quem não falar outras línguas, para além da sua língua materna, estará forçosamente afastado do mercado de trabalho internacional e europeu, o que irá limitar as opções.

Depois de definidos os contextos de “Língua materna”, “Língua segunda” e “Língua estrangeira”, considerou-se que no estudo em causa nos centraríamos na aprendizagem de uma língua estrangeira, visto que pressupõe um contexto formal de aprendizagem, que no caso específico será a escola.

O domínio linguístico é essencial tendo em conta a crescente internacionalização, globalização, interculturalidade e mobilidade internacional. Deste modo, os fatores que levam o indivíduo a aprender uma língua não materna prendem-se com a necessidade, a motivação e as razões sociais e/ou económicas. Por outro lado temos ainda o poder da indústria, da tecnologia, dos meios de comunicação social, bem como do comércio internacional como fatores que fomentam a necessidade do ser humano dominar outras línguas.

Por fim, a mobilidade física e eletrónica levou a que a adoção de uma língua franca que todos percebessem e dominassem fosse essencial à comunicação, e foi aqui que as características da língua inglesa a colocaram ao dispor da globalização.

A questão essencial será se os nossos alunos estarão conscientes da importância da aprendizagem de línguas não maternas na sociedade europeia e mundial do conhecimento e foi esta dúvida que nos levou a formular a questão de investigação a analisar.

1.1. Definição de uma pergunta de investigação

Questão de investigação:

O que pensam os alunos do 3º ciclo sobre a importância e as funções da aprendizagem de línguas não maternas no contexto Europeu e da globalização?

2. Objetivos da investigação

2.1. Objetivos geral da investigação

Estudar, face à crescente generalização da língua inglesa no contexto mundial e europeu, o que pensam os alunos sobre a importância para a comunicação humana da aprendizagem de uma língua não materna.

2.2. Objetivos específicos

1 – Estudar as concepções dos alunos em relação à aprendizagem das línguas estrangeiras.

2 – Analisar as concepções dos alunos em relação à aprendizagem da língua inglesa.

3 – Identificar as funções que os alunos atribuem à língua inglesa no contexto europeu e internacional.

3. Metodologia

3.1. Tipo de investigação

A metodologia a aplicar neste estudo será do tipo descritivo, na medida em que o objetivo principal é observar os factos, registá-los, descrevê-los, analisá-los e interpretá-los sem interferência do investigador. Ou seja, o investigador irá estudar a realidade partindo dos dados recolhidos através de um questionário.

Deste modo, pretende-se saber se, apesar de toda a literatura e legislação europeia que concede à aprendizagem das línguas estrangeiras no geral e da língua inglesa em particular uma importância acrescida no mundo globalizado, os alunos encaram a aprendizagem desta língua algo per se ou se a consideram algo que os completa a outros níveis.

4. População

A população é constituída por 101 alunos do 9º ano, do 3º Ciclo do Ensino Básico que frequentam o Colégio Vasco da Gama (C.V.G.) em Sintra.

Optou-se por este nível de ensino porque se considerou serem os mais adequados ao estudo, na medida em que têm inglês pelo menos há 5 anos, estão a terminar um ciclo de aprendizagem, e revelam já alguma maturidade ao nível da importância concedida às aprendizagens.

De salientar que a opção por este estabelecimento de ensino se prende com questões de ordem pessoal, portanto, por conveniência, no caso, acesso fácil ao local de pesquisa.

5. Sujeitos

Os sujeitos são 101 alunos do 9º ano com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos, sendo que a maioria não registou retenções nem faltas disciplinares, ao longo do seu percurso académico. A maioria dos alunos reside com os pais e as habilitações literárias de grande parte dos encarregados de educação correspondem ao ensino superior. Podemos considerar que estamos perante um grupo de alunos que pertence a um estrato social considerado médio/ alto, como acontece com a maioria dos alunos que frequentam o colégio em causa.

6. Instrumentos de avaliação

De modo a acedermos à opinião dos alunos recorreremos à técnica de recolha de dados por 'questionário estruturado' (Fox, 1987).

As questões levantadas no questionário foram todas fundamentadas em indicadores apontados no quadro teórico.

O questionário foi construído a partir de grandes questões correspondentes a grandes temas e que constituíram o roteiro prévio à construção do questionário. Cada tema foi objeto de várias questões e, uma vez concluída a primeira construção foi revisto e aplicado a um grupo de 12 alunos de modo a que fosse possível realizar um pré-teste. Não houve necessidade de fazer alterações ao questionário e fez-se a versão final.

A versão final do questionário é constituída por quatro blocos de questões, sendo que na primeira parte os alunos responderam a questões relativas aos dados pessoais; na segunda parte temos um bloco de questões em que os alunos responderam “sim” ou “não” a questões relacionadas com a relação entre a aprendizagem de línguas e o contacto com outros povos; na terceira parte temos um grupo de questões em que os alunos escolheram, numa escala de Likert, qual a opção que melhor se enquadrava na sua posição relativamente à importância da aprendizagem de uma língua não materna para a comunicação humana; na quarta parte do questionário os alunos atribuíram um número a cada um dos itens de acordo com a importância dada a cada um deles.

7. Procedimentos

De modo a que o estudo fosse feito de forma adequada, solicitou-se ao diretor do Colégio que aprovasse a aplicação dos questionários. As turmas foram escolhidas de acordo com o ano ao qual se aplicava o estudo.

As turmas foram previamente avisadas de que iriam responder a um questionário anónimo sobre a aprendizagem da língua inglesa. Os alunos mostraram-se disponíveis para o fazer, e assim, na semana de 4 a 8 de fevereiro, foram aplicados os inquéritos. Não houve necessidade de prestar esclarecimentos aos alunos e estes demoraram cerca de quinze minutos a responder às questões colocadas.

O inquérito aplicado encontra-se em apêndice (apêndice número 1).

8. Análise de dados

Os dados provenientes dos inquéritos realizados aos alunos foram inseridos, processados e analisados através de uma folha de cálculo Excel que permitiu a construção de gráficos que serão de seguida apresentados como forma de melhor concluir acerca das respostas obtidas.

A apresentação dos dados será feita de acordo com os grandes temas que constituíram o questionário, e as questões serão analisadas uma a uma, sendo que para cada uma delas apresentadas será apresentado o respetivo gráfico.

8.1. Parte I – Dados Pessoais

Responderam a este inquérito 101 alunos do 9º ano de escolaridade do Ensino Básico, que frequentam o Colégio Vasco da Gama.

No que diz respeito às idades, a maioria dos alunos (86%) tem 14 anos e apenas 14% tem 15 anos. 45% dos alunos são do sexo feminino e 55% do sexo masculino (gráficos 1 e 2).

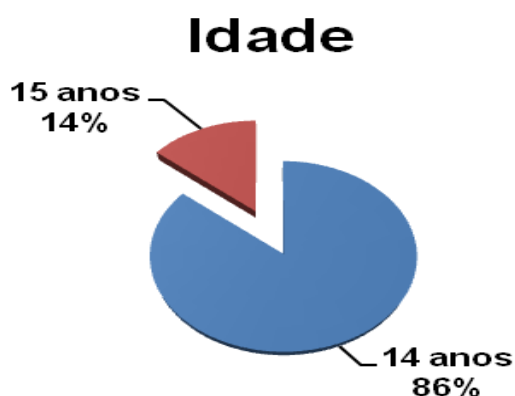


Gráfico 1 - Idades dos alunos questionados

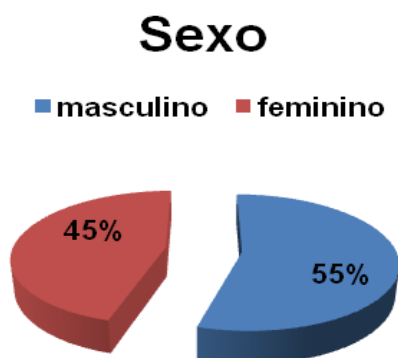


Gráfico 2 - Sexo dos alunos questionados

8.2. Parte II – Questões

O segundo bloco do questionário é constituído por seis questões de resposta “sim” ou “não”.

Questão 1

À primeira questão, “Consideras que a aquisição de uma língua estrangeira te enriquece culturalmente?”, 99% dos alunos responderam que sim.

1. Consideras que a aquisição de uma língua estrangeira te enriquece culturalmente?



Gráfico 3 - Respostas à questão número 1

Questão 2

A questão nº 2 “És da opinião de que a comunicação noutras línguas permite o contacto com um maior número de pessoas?” foi respondida de forma afirmativa por 98% dos alunos questionados.

2. És da opinião de que a comunicação noutras línguas permite o contacto com um maior número de pessoas?



Gráfico 4 - Respostas à questão número 2

Questão 3

Relativamente à questão nº 3 “Para ti, o contacto com pessoas de outros países aumenta a competência intercultural?”, apenas 10% dos alunos responderam negativamente.

3. Para ti, o contacto com pessoas de outros países aumenta a competência intercultural?

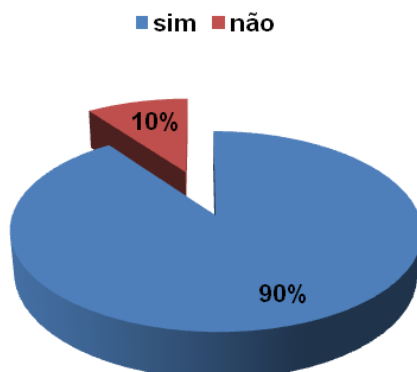


Gráfico 5 - Respostas à questão número 3

Questão 4

A questão 4 “Para ti, o contacto com pessoas de outra nacionalidade modifica o modo de ver o mundo?” teve 78% das respostas positivas e 22% das respostas foram negativas.

4. Para ti, o contacto com pessoas de outra nacionalidade modifica o modo de ver o mundo?

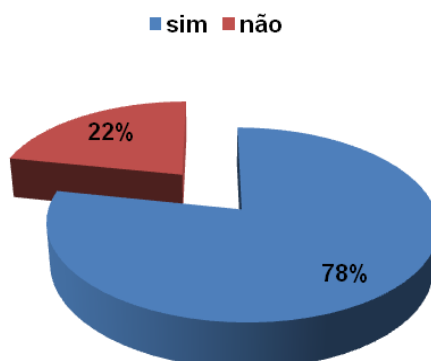


Gráfico 6 - Respostas à questão número 4

Questão 5

Em relação à questão nº 5 “Consideras que o domínio de uma outra língua, para além da língua materna, promove a criatividade?”, 65 % dos alunos responderam que sim e 35% responderam que não.

5. Consideras que o domínio de uma outra língua,
para além da língua materna, promove a criatividade?

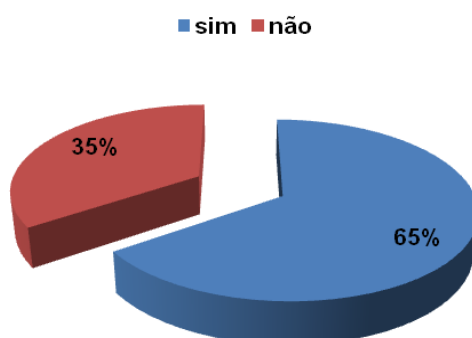


Gráfico 7 - Respostas à questão número 5

Questão 6

No que diz respeito à última questão da II parte, “Consideras que o domínio de uma outra língua, para além da língua materna, promove o desenvolvimento das estruturas mentais?”, 84% dos alunos responderam de forma afirmativa e 16% de forma negativa.

6. Consideras que o domínio de uma outra língua,
para além da língua materna, promove o
desenvolvimento das estruturas mentais?

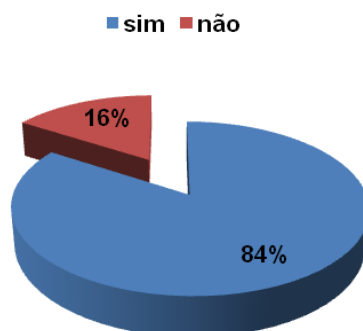


Gráfico 8 - Respostas à questão número 6

8.3. Parte III – Proposições

Em relação ao bloco 3, são apresentadas 27 proposições para as quais os alunos tiveram de expressar o seu acordo ou desacordo, recorrendo à seguinte escala: 1 – **AT** (Acordo Total); 2 – **A** (Acordo); 3 – **I** (Indeciso); 4 – **D** (Desacordo); 5 – **DT** (Desacordo Total). As questões colocadas prendem-se com importância para a comunicação humana da aprendizagem de uma língua não materna.

A análise dos resultados será apresentada proposição a proposição e acompanhada por um gráfico de modo a que a apreciação seja feita de uma forma mais facilitada. Na parte final será apresentado um quadro resumo com todas as proposições e respetivas respostas.

Proposição 1

Assim sendo, relativamente à 1ª proposição apresentada “A língua é o meio através do qual as relações sociais são constituídas e mantidas”, 47% dos alunos selecionaram a opção “Acordo”, 46% “Acordo total”, 4% “Indeciso”, 2% “Desacordo” e 1% “Desacordo total”.

1. A língua é o meio através do qual as relações sociais são constituídas e mantidas

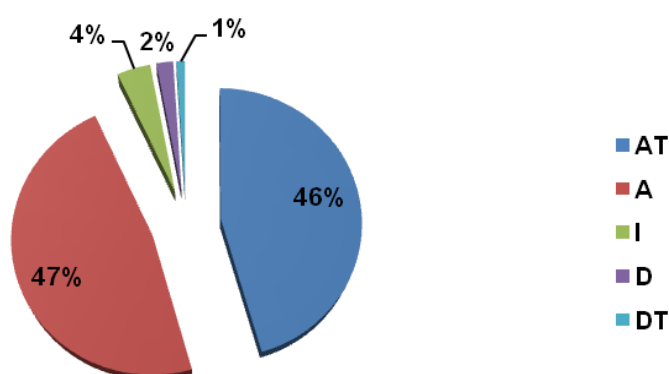


Gráfico 9 - Respostas à proposição número 1

Proposição 2

No que diz respeito ao item nº 2 “A comunicação deixou de ser um fenómeno local para ser um fenómeno global”, 52% dos alunos manifestam “Acordo total” com a afirmação, 39% “Acordo”, 6% “Indeciso”, 2% “Desacordo” e 1% “Desacordo total”.

2. A comunicação deixou de ser um fenómeno local para ser um fenómeno global.

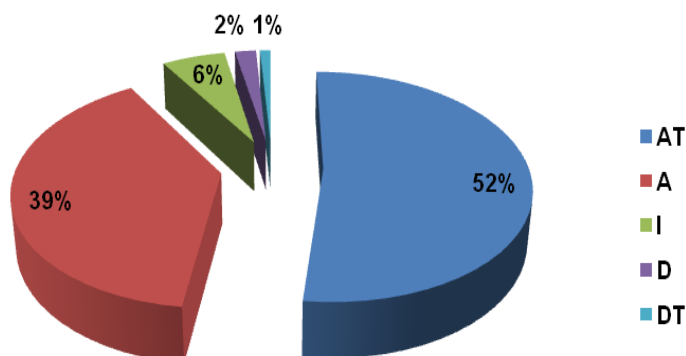


Gráfico 10 - Respostas à proposição número 2

Proposição 3

Em relação à proposição “A comunicação global faz-se com ferramentas disponíveis online”, 52% dos alunos estão de acordo com a afirmação, 18% dos alunos estão indecisos, 17% revelam acordo total, 10% dos alunos não concordam e 3% discordam totalmente.

3. A comunicação global faz-se através de ferramentas disponíveis online.

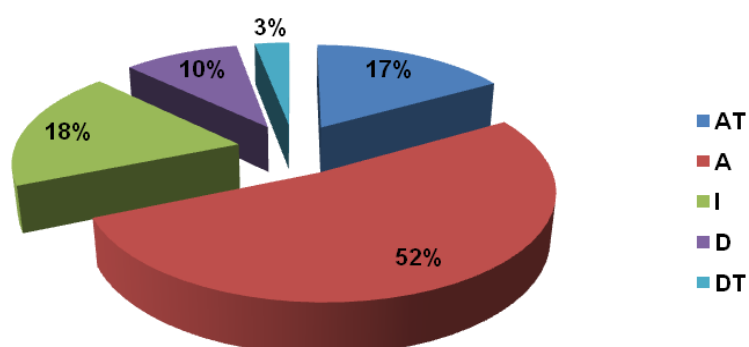


Gráfico 11 - Respostas à proposição número 3

Proposição 4

Relativamente à 4ª proposição “A globalização permite a expansão das relações sociais”, 54% dos alunos selecionam a opção “Acordo total”, 35% a opção “Acordo” e 11% dos alunos estão indecisos.

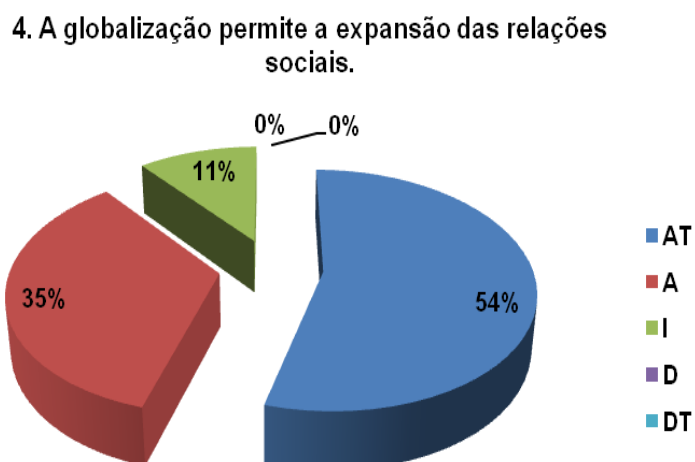


Gráfico 12 - Respostas à proposição número 4

Proposição 5

Na proposição 5 “A globalização permite a redução do espaço e do tempo”, 33% dos alunos selecionaram as opções “Acordo total” e “Acordo”, 23% “indeciso”, 8% “Desacordo” e 3% “Desacordo total”.

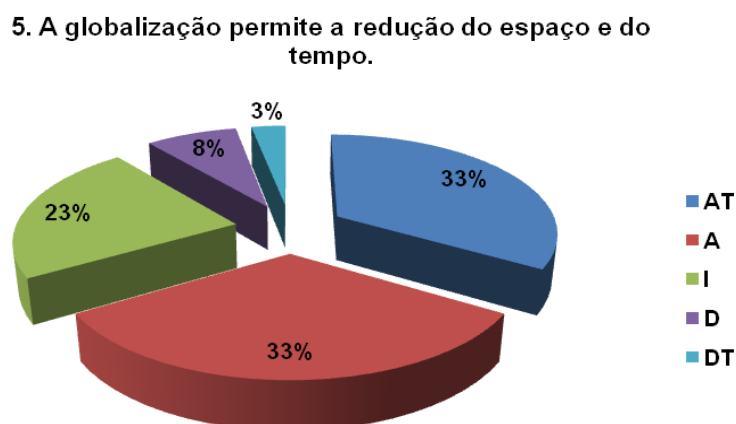


Gráfico 13 - Respostas à proposição número 5

Proposição 6

No item nº 6 “A internet possibilita a globalização”, a opção que obteve a maior percentagem foi “Acordo total” com 71% das respostas possíveis seguida de “Acordo” com 26%, “Indeciso” com 2% e “Desacordo” com 1%.

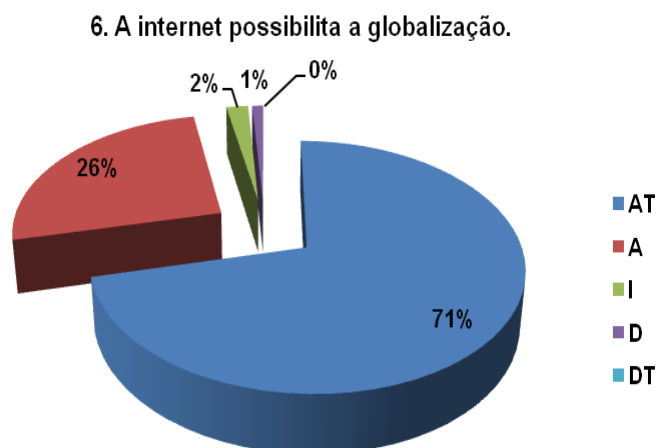


Gráfico 14 - Respostas à proposição número 6

Proposição 7

No que diz respeito ao item 7 “A internet permite o acesso a uma quantidade enorme de informação que só é perceptível se o sujeito tiver conhecimentos linguísticos”, 30% dos alunos discordam, 27% referem que concordam ou concordam totalmente, 12% dos alunos estão indecisos e 4% discordam totalmente.

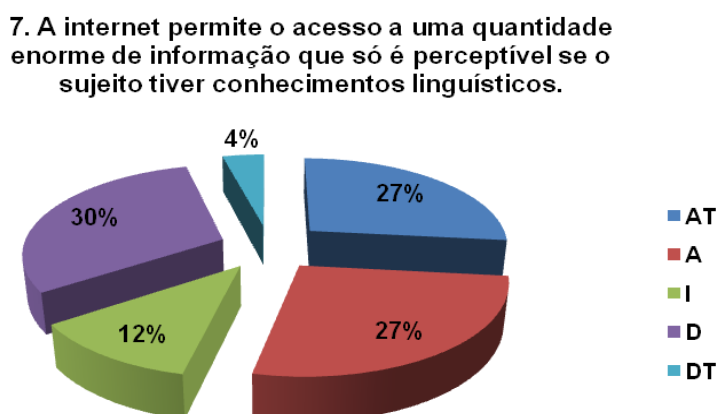


Gráfico 15 - Respostas à proposição número 7

Proposição 8

Na proposição 8 “A internet tornou-se numa fonte única que liga milhões de pessoas, instituições e empresas”, 64% dos alunos concordam totalmente, 35% dos alunos concordam e apenas 1% dos alunos discorda.

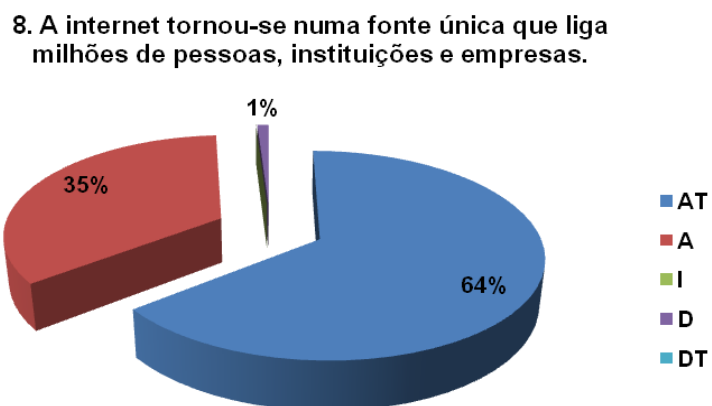


Gráfico 16 - Respostas à proposição número 8

Proposição 9

Em relação ao 9º item “A internet permite o aumento das transações económicas e financeiras”, 40% dos alunos selecionaram a opção “Acordo total”, 36% “Acordo”, 21% “Indeciso” e 3% “Desacordo”.

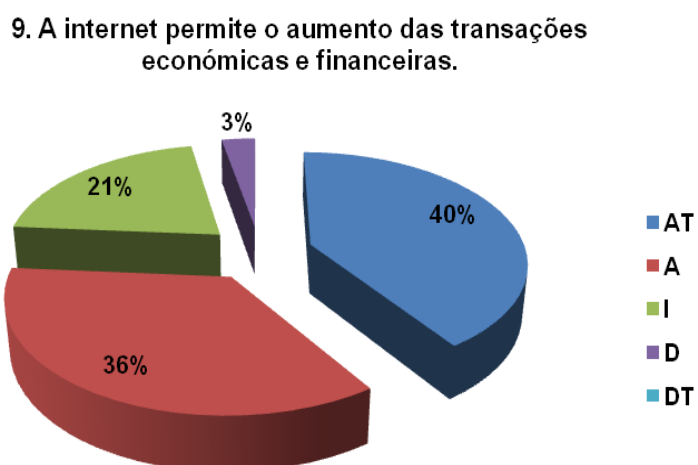


Gráfico 17 - Respostas à proposição número 9

Proposição 10

Relativamente à proposição nº 10 “A internet permite um contacto linguístico globalizado”, 55% dos alunos concordam, 36% concorda totalmente, 6% está indeciso, 2% discorda e 1% discorda totalmente.

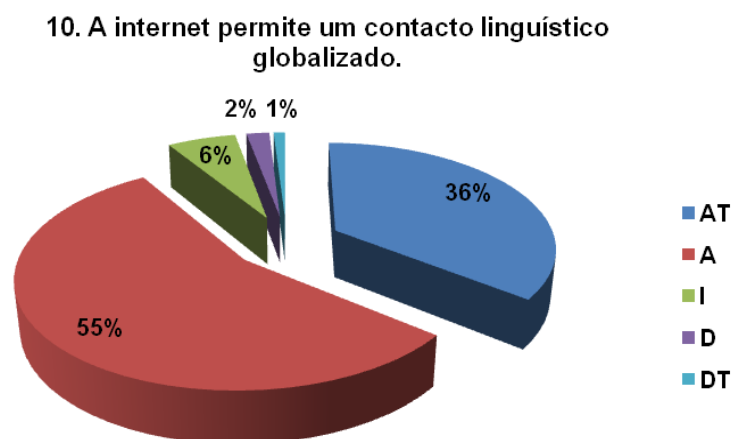


Gráfico 18 - Respostas à proposição número 10

Proposição 11

No item nº 11 “Quem não falar outras línguas para além da sua língua materna, estará excluído do mercado de trabalho internacional”, a opção que obteve maior percentagem foi “Acordo” com 34%, seguida de “Indeciso” com 22%, “Desacordo” com 18%, “Acordo total” com 15% e finalmente “Desacordo total” com 11%.



Gráfico 19 - Respostas à proposição número 11

Proposição 12

Já na proposição nº 12 “O contacto com outras línguas e culturas permite o desenvolvimento de uma personalidade mais rica e complexa”, a opção com maior número de respostas foi “Acordo total” com 50%, seguido de “Acordo” com 41%, “Indeciso” e “Desacordo” ambos com 4% e por fim “Desacordo total” com 1% das respostas.

12. O contacto com outras línguas e culturas permite o desenvolvimento de uma personalidade mais rica e complexa.

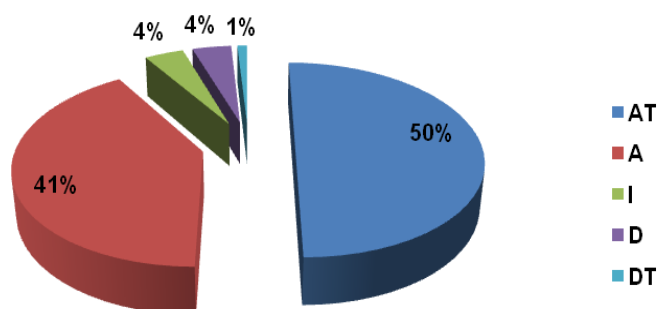


Gráfico 20 - Respostas à proposição número 12

Proposição 13

No que diz respeito ao item nº 13 “O conhecimento de várias línguas promove e facilita a comunicação”, 73% dos alunos concorda totalmente com a afirmação, 26% dos alunos concorda e 1% mostrou-se indeciso.

13. O conhecimento de várias línguas promove e facilita a comunicação.

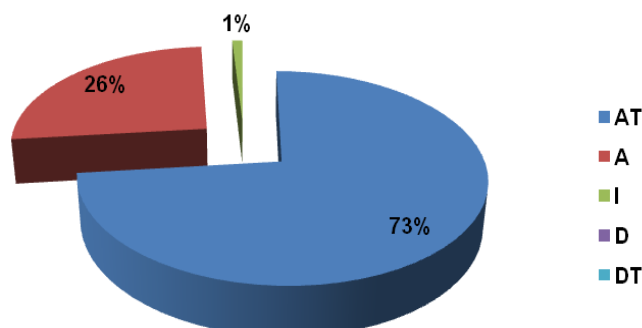


Gráfico 21 - Respostas à proposição número 13

Proposição 14

Respeitante à proposição nº 14 “A comunicação em línguas estrangeiras exige que o sujeito tenha competências ao nível da compreensão intercultural”, 49% dos alunos concordam, 30% concorda totalmente, 18% mostrou-se indeciso e 3% discordou.



Gráfico 22 - Respostas à proposição número 14

Proposição 15

No que concerne à proposição 15 “A aprendizagem de línguas satisfaz as necessidades comunicativas”, 52% dos alunos selecionaram a opção “Acordo”, 22% “Acordo total”; 15% “Indeciso” e 11% “Desacordo”.

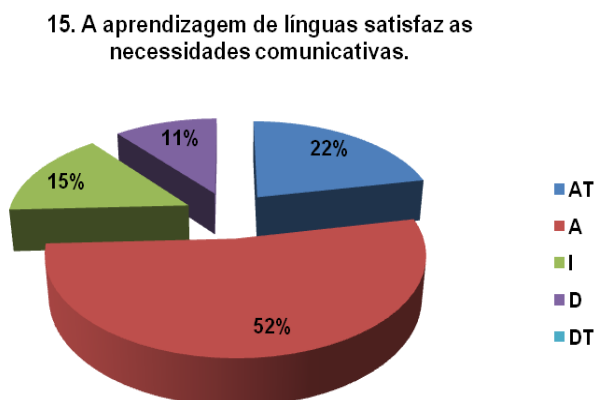


Gráfico 23 - Respostas à proposição número 15

Proposição 16

Em relação ao item 16 “A aprendizagem de línguas promove uma maior mobilidade”, 46% dos alunos concorda, 31% concorda totalmente, 14% está indeciso, 6% discorda e, por fim, 3% discorda totalmente.



Gráfico 24 - Respostas à proposição número 16

Proposição 17

Na proposição 17 “A aprendizagem de línguas promove o respeito pela diversidade cultural”, 47% dos alunos concordam com a afirmação, 21% concorda totalmente, 18% revelou-se indeciso, 13% discorda e 1% discorda totalmente.

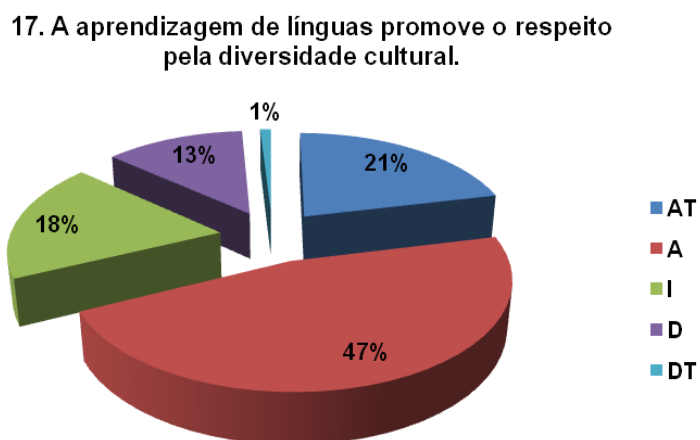


Gráfico 25 - Respostas à proposição número 17

Proposição 18

No que diz respeito ao item 18 “A expansão da língua inglesa relaciona-se com a globalização”, 46% selecionou a opção “Acordo”, 42% “Acordo total”, 11% “Indeciso” e 1% “Desacordo”.

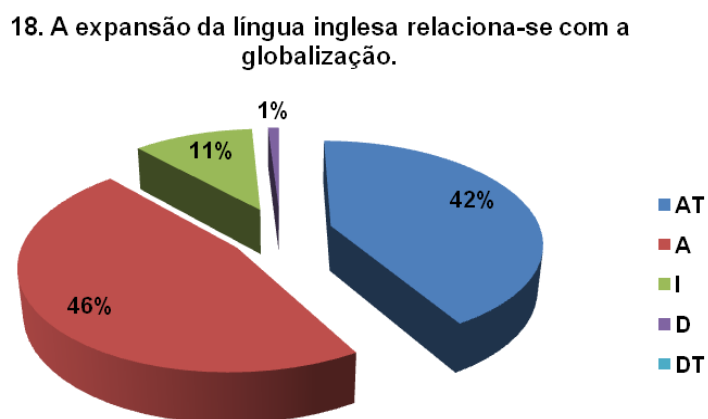


Gráfico 26 - Respostas à proposição número 18

Proposição 19

Na proposição 19 “O multilinguismo é o motor de transmissão dos valores da União Europeia (democracia, paz, respeito pela diversidade linguística e cultural)”, 39% dos alunos revelou-se indeciso, 37% concordou com a afirmação, 19% concordou totalmente e 5% discordou.

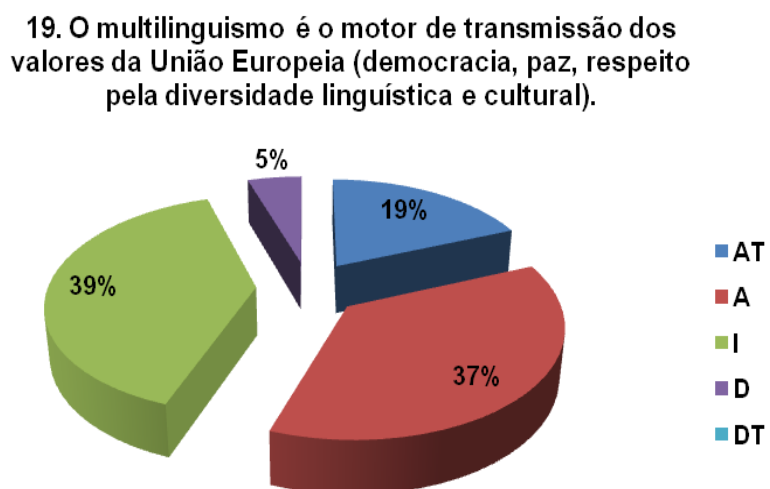


Gráfico 27 - Respostas à proposição número 19

Proposição 20

Relativamente ao item 20 “O multilinguismo é essencial ao bom funcionamento da União Europeia”, 48% dos alunos concordam com a afirmação, 39% concorda totalmente, 11% está indeciso e 2% discorda.

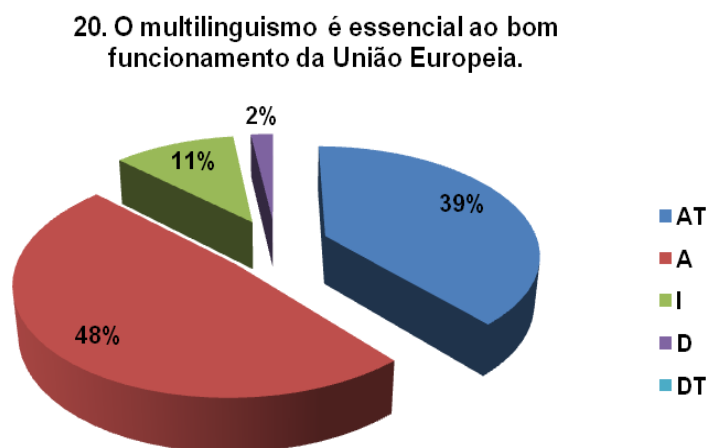


Gráfico 28 - Respostas à proposição número 20

Proposição 21

No que concerne à questão número 21 “Aumentar as competências linguísticas dos cidadãos europeus é essencial para a concretização dos objetivos políticos da União Europeia”, 54% selecionou a opção “Acordo”, 22% “Indeciso”, 18% “Acordo total” e 6% “Desacordo”.



Gráfico 29 - Respostas à proposição número 21

Proposição 22

Em relação ao item 22 “O conhecimento de línguas é uma das competências essenciais necessárias a cada cidadão para participar de forma efetiva na sociedade europeia do conhecimento”, 57% dos alunos concordam, 23% concordam totalmente, 15% manifesta-se indeciso e 5% discorda.

22. O conhecimento de línguas é uma das competências essenciais necessárias a cada cidadão para participar de forma efetiva na sociedade europeia do conhecimento.

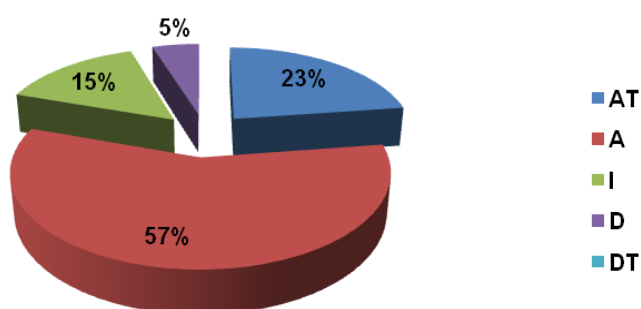


Gráfico 30 - Respostas à proposição número 22

Proposição 23

Na proposição 23 “A compreensão linguística entre os povos europeus é essencial para a mobilidade”, 44% dos alunos selecionaram a opção “Acordo”, 37% “Acordo total”, 11% “Indeciso” e 8% “Desacordo”.

23. A compreensão linguística entre os povos europeus é essencial para a mobilidade.

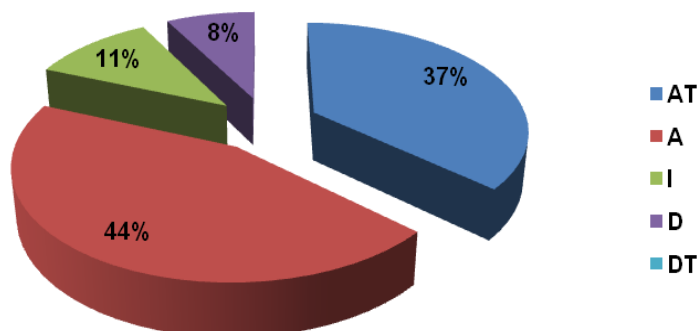


Gráfico 31 - Respostas à proposição número 23

Proposição 24

Relativamente à questão 24 “A compreensão linguística entre os povos europeus é essencial para a competitividade”, 35% dos alunos concorda, 28% concorda totalmente, 22% é indeciso, 13% discorda e 2% discorda totalmente.



Gráfico 32 - Respostas à proposição número 24

Proposição 5

Em relação à proposição número 25 “É importante dominar as línguas dos países vizinhos”, 31% dos alunos concorda, 28% discorda, 18% concorda totalmente, 17% é indeciso e 6% discorda totalmente.

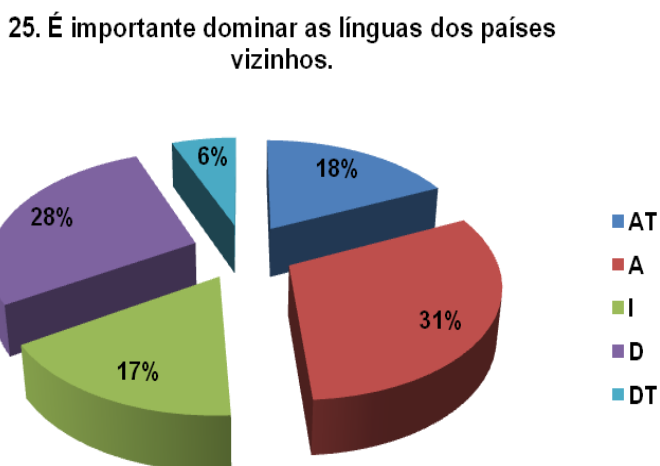


Gráfico 33 - Respostas à proposição número 25

Proposição 26

No que concerne ao item 26 “É importante conhecer as línguas da União Europeia”, 45% dos alunos selecionaram a opção “Acordo”, 21% “Acordo total”, 17% “Desacordo”, 14% “Indeciso” e 3% “Desacordo total”.

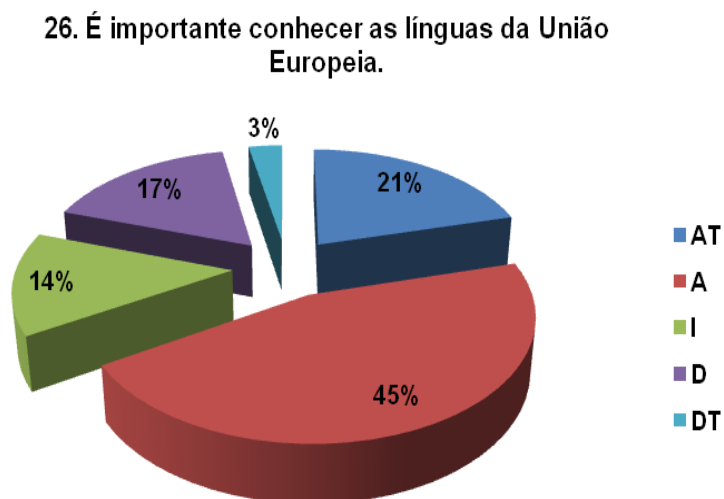


Gráfico 34 - Respostas à proposição número 26

Proposição 27

No que diz respeito à última proposição “A aprendizagem de línguas facultava aos cidadãos o acesso à legislação europeia”, 49% dos alunos concordam, 24% é indeciso, 17% concorda totalmente e 10% discorda.

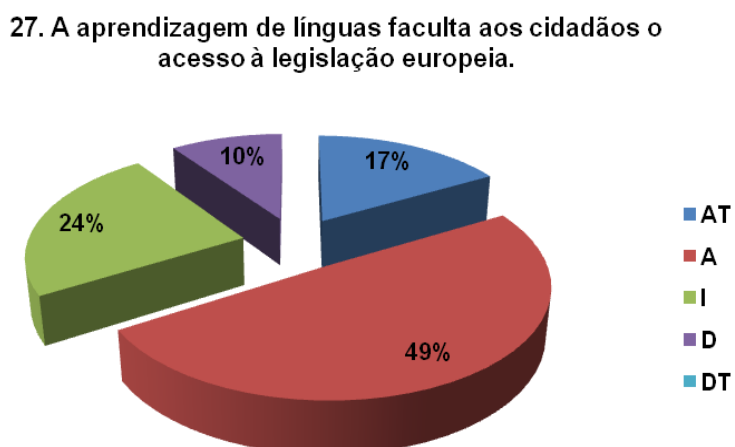


Gráfico 35 - Respostas à proposição número 27

Para facilitar a leitura das respostas da Parte III, resumimos as respostas num quadro onde estão registadas as escolhas dos alunos em cada opção a que adicionamos o somatório dos que afirmam concordar e concordar plenamente (S1) de um dos lados e dos que discordam e discordam totalmente (S2) do outro (Ver quadro 1).

Quadro 1 - Somatório das respostas às proposições da Parte III

Proposições	AT	A	S1	I	D	DT	S2
1. A língua é o meio através do qual as relações sociais são constituídas e mantidas.	46	48	94	4	2	1	3
2. A comunicação deixou de ser um fenómeno local para ser um fenómeno global.	53	40	93	6	2	1	3
3. A comunicação global faz-se com ferramentas disponíveis online.	17	53	70	19	10	3	13
4. A globalização permite a expansão das relações sociais.	55	35	90	11	0	0	0
5. A globalização permite a redução do espaço e do tempo.	34	33	67	23	8	3	11
6. A internet possibilita a globalização.	72	26	98	2	1	0	1
7. A internet permite o acesso a uma quantidade enorme de informação que só é perceptível se o sujeito tiver conhecimentos linguísticos.	27	27	54	12	31	4	35
8. A internet tornou-se numa fonte única que liga milhões de pessoas, instituições e empresas.	65	35	100	0	1	0	1
9. A internet permite o aumento das transações económicas e financeiras.	41	36	77	21	3	0	3
10. A internet permite um contacto linguístico globalizado.	36	56	92	6	2	1	3
11. Quem não falar outras línguas para além da sua língua materna, estará excluído do mercado de trabalho internacional.	15	35	50	23	18	11	29
12. O contacto com outras línguas e culturas permite o desenvolvimento de uma personalidade mais rica e complexa.	50	42	92	4	4	1	5
13. O conhecimento de várias línguas promove e facilita a comunicação.	74	26	100	1	0	0	0
14. A comunicação em línguas estrangeiras exige que o sujeito tenha competências ao nível da compreensão intercultural.	30	50	80	18	3	0	3

15. A aprendizagem de línguas satisfaz as necessidades comunicativas.	22	53	75	15	11	0	11
16. A aprendizagem de línguas promove uma maior mobilidade.	31	47	78	14	6	3	9
17. A aprendizagem de línguas promove o respeito pela diversidade cultural.	22	48	70	19	11	1	12
18. A expansão da língua inglesa relaciona-se com a globalização.	42	47	89	11	1	0	1
19. O multilinguismo é o motor de transmissão dos valores da União Europeia (democracia, paz, respeito pela diversidade linguística e cultural).	19	37	56	40	5	0	5
20. O multilinguismo é essencial ao bom funcionamento da União Europeia.	39	49	88	11	2	0	2
21. Aumentar as competências linguísticas dos cidadãos europeus é essencial para a concretização dos objetivos políticos da União Europeia.	18	55	73	22	6	0	6
22. O conhecimento de línguas é uma das competências essenciais necessárias a cada cidadão para participar de forma efetiva na sociedade europeia do conhecimento.	23	58	81	15	5	0	5
23. A compreensão linguística entre os povos europeus é essencial para a mobilidade.	37	45	82	11	8	0	8
24. A compreensão linguística entre os povos europeus é essencial para a competitividade.	29	36	65	21	13	2	15
25. É importante dominar as línguas dos países vizinhos.	18	31	49	17	28	6	24
26. É importante conhecer as línguas da União Europeia.	21	46	67	14	17	3	20
27. A aprendizagem de línguas faculta aos cidadãos o acesso à legislação europeia.	17	50	67	24	10	0	10

8.4. Parte IV – Itens

Relativamente às questões colocadas na IV e último bloco do inquérito, os alunos tinham de atribuir um número a cada um dos itens, de acordo com a importância que dão a cada um deles, começando por 1, que é o mais importante e colocando os números seguintes nos outros itens, pela ordem de importância.

Por fim, o item ao qual mais alunos atribuíram o número quatro foi “maior intercâmbio”, seguida da “maior mobilidade”, “maior colaboração e por fim “maior compreensão recíproca”.

Item 2

Relativamente à afirmação “É importante conhecer outras línguas para...” as opções apresentadas foram as seguintes: a) lidar com situações da vida quotidiana noutra país, b) ajudar estrangeiros residentes no nosso país, c) trocar informações e ideias com jovens de outras nacionalidades, d) adquirir um conhecimento mais vasto e profundo sobre o modo de vida de outros povos.

2. É importante conhecer outras línguas para:

- a) Lidar com situações da vida quotidiana noutra país.
- b) Ajudar estrangeiros residentes no nosso país.
- c) Trocar informações e ideias com jovens de outras nacionalidades.
- d) Adquirir um conhecimento mais vasto e profundo sobre o modo de vida de outros povos.

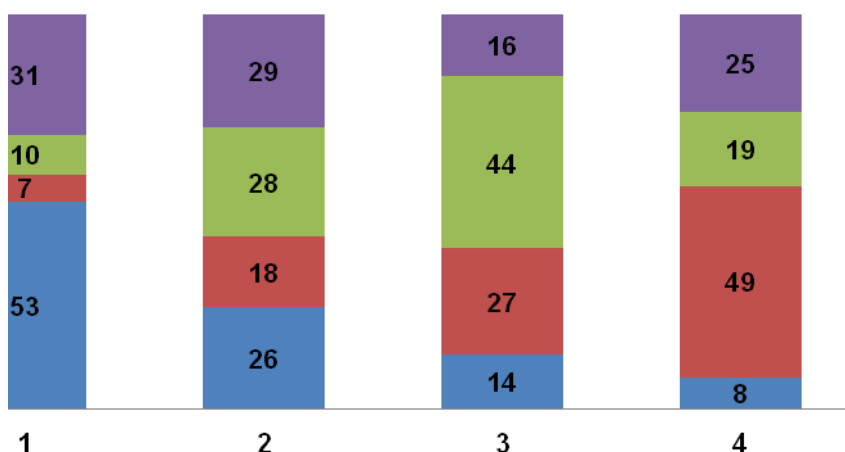


Gráfico 37 - Hipóteses para o item número 2

Podemos observar no gráfico que a opção a) “lidar com situações da vida quotidiana noutra país foi colocada em primeiro lugar por 53 alunos, 3m segundo lugar por 26, 14 alunos colocaram-na em terceiro lugar e apenas 8 em último. A opção d) foi colocada em primeiro lugar por 31 alunos e em segundo por 29. 25 alunos colocaram-na em última opção e 16 alunos atribuíram-lhe o terceiro lugar. Em relação à hipótese “trocar informações e

ideias com jovens de outras nacionalidades”, apenas 10 alunos a colocaram em primeiro lugar, sendo que a maioria (44) lhe atribuiu o quarto lugar. No que diz respeito à opção b) “ajudar estrangeiros residentes no nosso país” a maioria dos alunos (49) atribuiu-lhe o quarto lugar e apenas 7 o primeiro. Os restantes alunos colocaram esta opção em terceiro (27 alunos) e em quarto (18 alunos).

Item 3

Em relação à terceira proposição “Uma língua estrangeira é útil para...” as opções eram: a) utilização em contexto real, b) comunicação intercultural, c) sucesso profissional, d) desenvolvimento das estruturas mentais, e) desenvolvimento da criatividade, f) promoção da flexibilidade mental, g) desenvolvimento das competências cognitivas, h) reforçar as competências em língua materna, i) aprender a lidar com outras culturas e povos a nível empresarial, j) estudar noutros países.

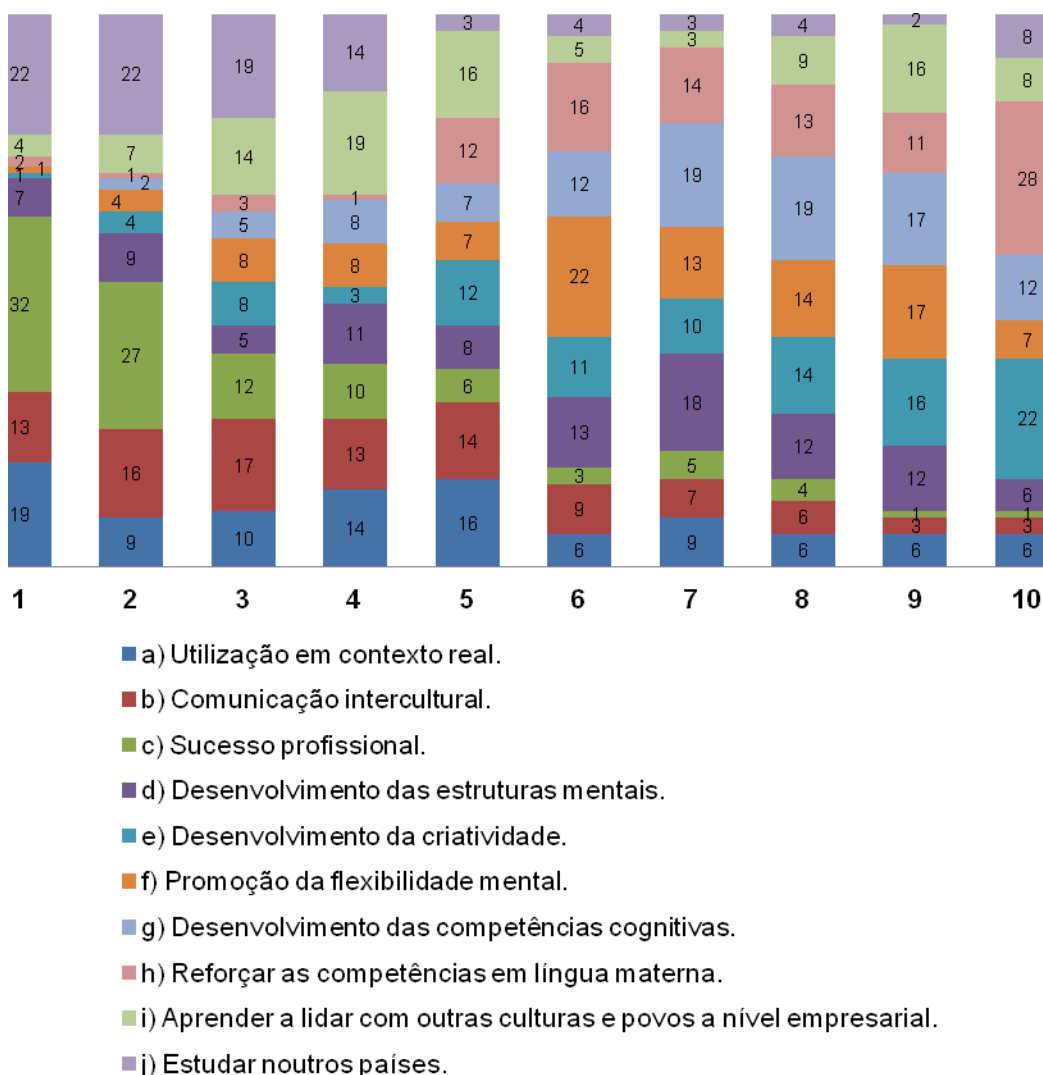
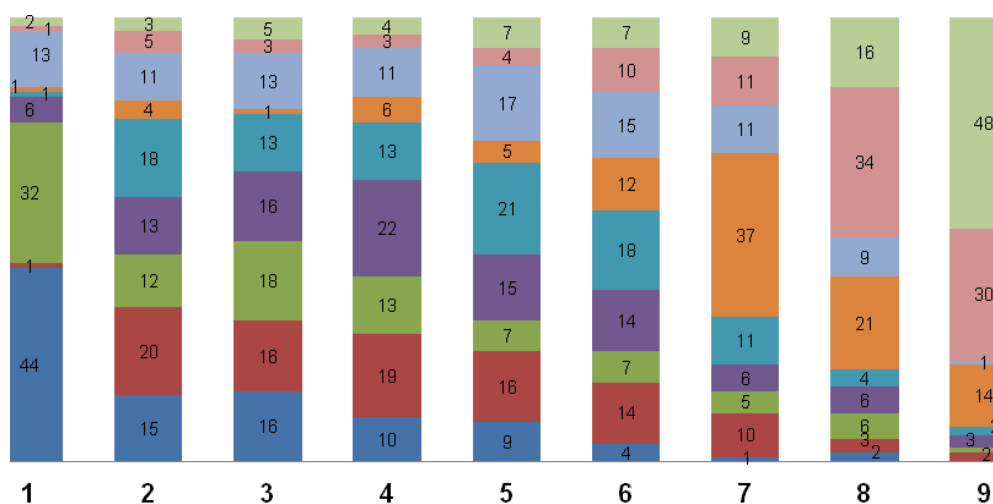


Gráfico 38 - Hipóteses para o item número 3

Podemos verificar pela observação do gráfico que o “sucesso profissional” é a opção que mais alunos colocam em primeiro lugar (32 alunos), seguida da opção j) “estudar noutros países” (22 alunos) e da “utilização em contexto real” (19 alunos). 27 alunos colocaram o “sucesso profissional” em segundo lugar. A opção h) “reforçar as competências em língua materna” é colocada em último lugar por 28 alunos, obtendo, desta forma, o maior número de respostas, logo seguida do “desenvolvimento da criatividade” com 22 alunos. Nas restantes opções, resta apenas salientarmos que 19 alunos colocaram a hipótese i) “aprender a lidar com outras culturas e povos a nível empresarial” em quarto lugar e 22 alunos colocaram a “promoção da flexibilidade mental” em sexto lugar.

Item 4

Na questão número 4 “Atualmente, é importante dominar a língua inglesa porque...” as opções possíveis eram as seguintes: a) facilita a comunicação no espaço mundial, b) facilita a comunicação no espaço europeu, c) é a língua mais utilizada na comunicação, d) é a língua do comércio, e) aumenta as oportunidades sociais, f) permite o acesso a notícias, g) aumenta as oportunidades profissionais, h) promove o bilinguismo, i) estimula a criatividade.



- a) Facilita a comunicação no espaço mundial.
- b) Facilita a comunicação no espaço europeu.
- c) É a língua mais utilizada na comunicação.
- d) É a língua do comércio.
- e) Aumenta as oportunidades sociais.
- f) Permite o acesso a notícias.
- g) Aumenta as oportunidades profissionais.
- h) Promove o bilinguismo.
- i) Estimula a criatividade.

Gráfico 39 - Hipóteses para o item número 4

Pela observação do gráfico apresentado, podemos verificar que 44 dos 101 alunos questionados colocam a opção a) “facilita a comunicação no espaço mundial em primeiro lugar, 15 alunos em segundo, 16 em terceiro, 10 em quarto, 9 em quinto lugar, 4 em sexto lugar, 1 em sétimo e 2 em oitavo e nono. No que diz respeito à opção b) “facilita a comunicação no espaço europeu” apenas 1 aluno a coloca em primeiro lugar, 20 em segundo, 16 em terceiro e quinto lugares, 19 em quarto, 14 em sexto, 10 em sétimo, 3 em oitavo e 2 em nono lugar. O item “É a língua mais utilizada na comunicação” é posto em primeiro lugar por 32 alunos, em segundo por 12, em terceiro por 18, em quarto por 13 alunos, em quinto e sexto por 7, em oitavo por 6 e em último lugar por apenas 1 aluno. 48 alunos colocam a opção “estimula a criatividade” em último lugar e 30 alunos colocaram a opção h) “promove o bilinguismo” também em último lugar. 34 alunos colocaram a hipótese “estimula a criatividade” em oitavo lugar e 21 a opção “permite o acesso a notícias”. Em relação às restantes opções não existem valores a realçar.

9. Discussão dos dados

Parte II

No que diz respeito à primeira questão colocada na parte II do inquérito, “Consideras que a aquisição de uma língua estrangeira te enriquece culturalmente?”, o facto de 99% dos alunos inquiridos responderem de forma afirmativa está de acordo com a importância que atualmente é atribuída à necessidade de dominar outras línguas e conhecer outras culturas.

Na questão número 2 “És da opinião de que a comunicação noutras línguas te permite o contacto com um maior número de pessoas?” verificámos na análise de dados que 98% dos alunos concorda com a ideia de que a comunicação noutras línguas permite o contacto com um maior número de pessoas o que está de acordo com o que verificámos ao nível do enquadramento teórico.

Relativamente à pergunta “Para ti, o contacto com pessoas de outros países aumenta a competência intercultural?” verificámos que, 90% dos alunos considera que o aumento da competência intercultural é proporcionado pelo contacto com pessoas de outros países o que vai e encontro à ideia teórica apresentada de que a aprendizagem

de uma outra língua irá permitir ao falante a aquisição de competências interculturais, na medida em que terá acesso a outras culturas que o irão enriquecer enquanto ser humano membro de uma comunidade cada vez mais globalizada. Nesta medida, a aprendizagem de uma língua não se limitará a aprendizagem dos processos fonológicos a ela associados, mas também a todas as outras vertentes associadas à língua e à cultura dos países que as representam.

Na questão número 4 “Para ti, o contacto com pessoas de outra nacionalidade modifica o modo de ver o mundo?” 78% dos alunos inquiridos é da opinião que o contacto com pessoas de outra nacionalidade modifica o modo de ver o mundo, o que na nossa opinião será valor abaixo do esperado tendo em conta as teorias que apresentamos e que nos revelam que o contacto intercultural modifica a forma de perspetivar a realidade.

Em relação à questão 5 “Tu consideras que o domínio de uma outra língua, para além da língua materna, promove a criatividade?” apenas 65% dos alunos considera que a criatividade é promovida através do domínio de outras línguas para além da língua materna. Mais uma vez, e tendo em conta as teorias que defendem que o domínio linguístico promove a criatividade, seria expectável que mais alunos respondessem de forma afirmativa, apesar de estarmos perante um número de respostas positivas considerável.

A última questão “Para ti o domínio de uma outra língua, para além da língua materna, promove o desenvolvimento das estruturas mentais?” 84% dos alunos é da opinião que o domínio de outra língua para além da língua materna desenvolve as estruturas mentais, o que vai de encontro às teorias que encontrámos que defendem a ideia de que o domínio de várias línguas permite que o sujeito desenvolva de forma mais produtiva as estruturas mentais.

Em suma, consideramos que, tendo em conta os resultados obtidos e já apresentados no capítulo anterior, a maioria dos alunos está de acordo com o que encontrámos em termos teóricos, apesar de, alguns dos valores encontrados, estarem aquém do esperado.

Parte III

No que diz respeito à primeira proposição da parte III do inquérito, “A língua é o meio através do qual as relações sociais são constituídas e mantidas” vimos no capítulo anterior que 46% dos alunos concordam totalmente e 47% concorda, indo assim de encontro à ideia de que a linguagem é utilizada como forma de comunicar sentimentos e emoções, adquirindo o estatuto de instrumento de convenção social sendo que, quando não exposto à

língua, o ser humano não aprende a língua sozinho e conseqüentemente não conhece as regras e convenções sociais, como acontece no caso dos “meninos selvagens”.

Na segunda proposição “A comunicação deixou de ser um fenómeno local para ser uma fenómeno global” as respostas adquiridas vão de encontro ao que verificámos ao nível do enquadramento teórico já que 52% dos alunos concordam totalmente. Estas respostas estão de acordo com as ideias de Genesee (2004) citado por Flory e Souza (2009, p. 24) quando afirmam que “nos dias de hoje, vivenciamos uma internacionalização sem precedentes, impulsionada por uma globalização crescente...por uma revolução nas comunicações eletrônicas”, revelando que, os alunos inquiridos consideram a globalização um fenómeno abrangente.

Em relação à afirmação 3 “A comunicação global faz-se com ferramentas disponíveis online”, 52% dos inquiridos concordaram com a afirmação, o que vai de encontro àquilo que verificámos na parte teórica, nomeadamente em relação ao contacto linguístico globalizado que faz parte da nossa rotina diária efetuando-se através da internet. No entanto, a dada a importância da internet para a comunicação global, seria de esperar que mais do que 17% dos alunos concordassem totalmente com a afirmação.

Na proposição número 4 “A globalização permite a expansão das relações sociais”, 54% dos alunos concorda totalmente e 35% concorda. Esta concordância vai de encontro ao que encontrámos ao nível do enquadramento teórico quando é referido que com a globalização as relações sociais sofrem uma expansão, na medida em que o sujeito tem contactos com pessoas de todo mundo de forma bastante facilitada e com uma frequência que não era possível há apenas alguns anos atrás.

Relativamente à afirmação número 5 “A globalização permite a redução do espaço e do tempo”, 33% dos inquiridos concordam totalmente e 33% situação que confirma o que foi apurado em termos teóricos aquando da verificação de que a globalização permitiu inclusivamente o aparecimento de multinacionais em diferentes áreas da economia exatamente devido a esta redução do espaço e do tempo. Apesar das percentagens apuradas, a verdade é que o número de alunos inquiridos que relacionaram a redução do espaço e do tempo com o fenómeno da globalização fica aquém do esperado.

Na proposição número 6 “A internet possibilita a globalização” 71% dos alunos inquiridos concordaram totalmente o que vai de encontro ao enquadramento teórico que encontrámos quando se refere que o convívio à escala global é permitido pelo desenvolvimento das novas tecnologias, sendo que a internet é um dos expoentes máximos da comunicação à escala global.

Em relação à questão número 7 “A internet permite o acesso a uma quantidade enorme de informação que só é perceptível se o sujeito tiver conhecimentos linguísticos”,

verificámos que 30% dos alunos discorda, o que nos leva a concluir que a utilização que fazem da internet não é impedida pela falta de conhecimentos linguísticos. Neste aspeto, podemos referir que os sites consultados pelos alunos não necessitam de conhecimentos ao nível das línguas estrangeiras. Esta ideia está em desacordo com o que encontramos em termos teóricos na medida em que vários estudos comprovam que a internet permite o acesso a um manancial de informação que será mais compreensível quanto mais conhecimentos linguísticos tiver o indivíduo. Esta falta de conexão, entre a internet e o domínio pode estar interligada com a idade nos alunos na medida em que ainda não sentirão necessidade de utilizar sites noutras línguas para as pesquisas que fazem.

64% dos alunos inquiridos concorda totalmente com a afirmação número 8 de que “A internet tornou-se numa fonte única que liga milhões de pessoas, instituições e empresas”, o que está de acordo com o que encontramos ao nível do enquadramento teórico, nomeadamente os autores que afirmam que a comunicação mundial sofreu fortes alterações aquando do aparecimento da internet, fomentando e facilitando o contacto entre sujeitos de diferentes nacionalidades e adquirindo um papel preponderante a nível comercial.

Na proposição “A internet permite o aumento das transações económicas e financeiras” (nº 9), 40% dos alunos selecionaram a opção “Acordo total” o que demonstra que os alunos inquiridos relacionam as transações económicas e financeiras com a utilização da internet. De sublinhar, no entanto, que ainda assim, 21% dos alunos se mostram indecisos e 3% discordam, o que revela a falta de conexão entre os elementos apresentados na proposição em desacordo com o que verificámos ao nível do enquadramento teórico.

36% dos alunos concordam totalmente com o item nº 10 “A internet permite um contacto linguístico globalizado”. Mais uma vez verificamos que a maioria dos sujeitos inquiridos estão conscientes da importância que a internet tem, em vários ramos da sociedade atual, tal como verificámos ao nível das teorias que defendem que a comunicação global permitiu o crescimento económico e grandes mudanças ao nível das transações económicas e financeiras.

Relativamente à proposição nº 11 “Quem não falar outras línguas para além da sua língua materna, estará excluído do mercado de trabalho internacional”, apenas 15% dos alunos inquiridos concorda totalmente com a afirmação o que está em desacordo com o que encontramos em termos teóricos em relação a este tema. Na verdade, 11% dos alunos inquiridos selecionaram a opção “Desacordo total” e 18 % “Desacordo” o que revela a pouca importância que os alunos atribuem ao domínio linguístico no mercado de trabalho internacional. Em parte, podemos considerar que o fator idade teve um papel preponderante

na obtenção destas respostas na medida em que alunos de 9º ano podem ainda não ter uma ideia clara do que será o mercado de trabalho internacional.

Na proposição nº 12 “O contacto com outras línguas e culturas permite o desenvolvimento de uma personalidade mais rica e complexa” 50% dos alunos concorda totalmente com a afirmação comprovando que a interligação entre as várias culturas levará a que o pensamento, a forma de ser e estar sejam enriquecidos e alterados. Temos aqui uma valorização do contacto com outras línguas e culturas como verificámos no enquadramento teórico.

73% dos alunos inquiridos concorda totalmente com a afirmação de que “O conhecimento de várias línguas promove e facilita a comunicação” (nº 13) indo de encontro a todas as teorias que encontramos que defendem a promoção do desenvolvimento linguístico desde tenra idade de modo a dotar os sujeitos de competências linguísticas que lhes possam ser úteis no dia a dia.

Em relação à afirmação “A comunicação em línguas estrangeiras exige que o sujeito tenha competências ao nível da compreensão intercultural” (nº 14) 30% dos alunos inquiridos concordam totalmente, e 49% concordam revelando que consideram importante conhecer as culturas e tradições associadas a cada língua de modo a que a comunicação seja feita de forma adequada. Ainda assim, 18% dos alunos mostraram-se indecisos e 3% discordaram.

No que diz respeito ao item nº 15 “A aprendizagem de línguas satisfaz as necessidades comunicativas”, 52% dos alunos concordam com o que se afirma, demonstrando, deste modo, a importância que é atribuída a aprendizagem de outras línguas como forma de lidar com outras culturas e comunicar de forma adequada com sujeitos de língua materna diferente, tendo sempre em conta que a comunicação com pessoas que pertencem a outra cultura implica a utilização de competências ao nível da mediação e da compreensão intercultural já que os modos de ser, estar e as vivências diferem de cultura para cultura. De realçar ainda em relação ao item em causa que 15% dos alunos selecionaram a opção “Indeciso” e 11% “Desacordo” o que revela que alguns dos alunos não consideram que a aprendizagem de línguas alargue o seu leque comunicativo.

Em relação à proposição nº 16 “A aprendizagem de línguas promove uma maior mobilidade”, 46% dos alunos concordam. Ainda assim, consideramos que a opção “Acordo total” fica aquém daquilo que seria expectável tendo em conta as teorias encontradas a respeito deste assunto. Na verdade, verificamos que alguns dos alunos inquiridos não associam a possibilidade de irem para outros países através da aprendizagem de outras línguas.

No que diz respeito à proposição número 17 “A aprendizagem de línguas promove o respeito pela diversidade cultural” 47% dos alunos concorda o que vai de encontro ao lema da União Europeia “unidade na diversidade” respeitando e protegendo não só a diversidade cultural mas também a diversidade linguística. De qualquer forma, será de sublinhar que 18% dos alunos revelaram-se indecisos, 13% discorda e 1% discorda totalmente verificando-se assim que não ligaram a aprendizagem de línguas ao respeito pela cultura e tradições dos outros países.

42% dos sujeitos inquiridos concordaram totalmente e 46% concordaram com a afirmação nº 18 “A expansão da língua inglesa relaciona-se com a globalização” facto que vai de encontro às teorias que defendem que o inglês é a língua franca que permite um mercado global. Como podemos verificar, esta posição dos alunos está de acordo com o que é estabelecido no enquadramento teórico visto que a globalização aparece estritamente ligada com a expansão da língua inglesa e com o estatuto global que esta tem vindo a adquirir ao longo dos tempos. Ainda assim, 11% dos alunos inquiridos não ligaram a língua inglesa à globalização.

Relativamente à proposição nº 19 “O multilinguismo é o motor de transmissão dos valores da União Europeia (democracia, paz, respeito pela diversidade linguística e cultural)”, que é defendida ao nível das políticas linguísticas da U.N., 39% dos alunos mostraram-se indecisos, o que demonstra a desvalorização da relação que é estabelecida entre o domínio linguístico e a transmissão de valores inerentes à U.E..

Por outro lado, ainda no que diz respeito ao multilinguismo, 48% dos alunos concordam que “é essencial ao bom funcionamento da União Europeia” (proposição nº 20), tal como é sublinhado na Carta Europeia dos Direitos Fundamentais da União Europeia. Mais uma vez, a maioria dos alunos responde de acordo com o que encontrámos na legislação europeia.

O aumento das competências linguísticas dos cidadãos europeus é, como verificámos no capítulo em que abordámos as políticas linguísticas da União Europeia, um dos seus apanágios, como forma de permitir uma comunicação mais frutífera entre os cidadãos e consequentemente fomentar as trocas comerciais. Inquiridos a este respeito na proposição nº 21 “Aumentar as competências linguísticas dos cidadãos europeus é essencial para a concretização dos objetivos políticos da União Europeia”, 54% dos alunos concordam com o que encontrámos em termos teóricos, sendo de sublinhar que 22% dos inquiridos mostraram-se indecisos e 6% discordaram. A percentagem de alunos que concordaram totalmente (18%) também ficou aquém do que seria de esperar tendo em conta a legislação europeia.

No item 22 “O conhecimento de línguas é uma das competências essenciais necessárias a cada cidadão para participar de forma efetiva na sociedade europeia do conhecimento”, 57% dos alunos demonstra concordância revelando que, o que é uma das preocupações reveladas pela Comissão Europeia em 2008, é também considerada importante pela maioria dos alunos. Mais uma vez, a percentagem de inquiridos que concorda totalmente com a afirmação é menor do que esperávamos pois como vimos em termos teóricos, o conhecimento de línguas é essencial para que o sujeito seja ativo na sociedade europeia.

Já verificámos anteriormente que a compreensão recíproca entre os diversos povos europeus é essencial à mobilidade e à competitividade na medida em que a qualidade da comunicação conduz a um maior intercâmbio que proporciona inequivocamente o estreitar dos laços económicos. Também neste aspeto, a maioria dos alunos inquiridos vão na linha do que encontrámos em termos teóricos já que 44% concorda que “A compreensão linguística entre os povos europeus é essencial para a mobilidade” (proposição nº 23) e 35% concorda que “A compreensão linguística entre os povos europeus é essencial para a competitividade” (proposição nº 24). Estas questões vão de encontro ao que encontrámos em termos teóricos, apesar de considerarmos que os 35% dos alunos que concordam que a compreensão linguística é essencial à competitividade fica aquém daquilo que seria expectável. A diferença de 9% em relação à mobilidade leva-nos a concluir que muitos destes alunos pretendem viajar e estudar noutros países mas não projetaram a mesma ideia no que diz respeito à competitividade. Deste modo, também os alunos consideram que as competências linguísticas em línguas estrangeiras irão permitir a compreensão linguística entre os povos e, conseqüentemente, uma maior mobilidade e competitividade.

Em relação à proposição nº 25 “É importante dominar as línguas dos países vizinhos” 31% dos alunos concordam, mas ao contrário do que seria de esperar tendo em conta a literatura revista a este respeito 28% dos alunos discordaram. Este facto está em completo desacordo com aquelas que são as indicações da União Europeia na medida em que se pretende que o estreitamento de laços quer afetivos quer económicos, culturais e sociais se pretende que sejam feitos exatamente a partir dos países que fazem fronteira entre eles e já verificámos que um dos aspetos que aproxima os países é o domínio linguístico.

No que diz respeito à importância de conhecer as línguas da União Europeia (proposição nº 26), 45% dos alunos inquiridos concordam com a proposição apresentada facto que vai de encontro ao que é estabelecido nas políticas da União Europeia nomeadamente as que protegem a diversidade cultural e o conhecimento de várias línguas da comunidade como forma de promover e facilitar a comunicação bem como a mobilidade. Ainda assim, será de realçar que 17% dos alunos discordam da afirmação, o que revela que

para estes alunos o conhecimento de outras línguas, especificamente as línguas da U.E. não tem a importância que deveria ter de acordo com a literatura revista.

No que concerne ao acesso à legislação europeia, em termos teóricos, é considerado um dos itens importantes para o qual será necessário desenvolver uma política multilinguística, no mesmo sentido, 49% dos alunos inquiridos concorda com a proposição nº 27 “A aprendizagem de línguas faculta aos cidadãos o acesso à legislação europeia”. Ainda assim, será de sublinhar que 10% dos alunos inquiridos discordam o que está, em parte, relacionado com o facto de não sentirem necessidade de aceder à legislação europeia.

Parte IV

Na parte IV do inquérito, os alunos inquiridos deveriam atribuir um número a cada um dos itens, de acordo com a importância atribuída a cada um deles, sendo que à opção considerada mais importante o número a atribuir seria o 1.

Assim sendo, em relação à afirmação número 1 “É importante melhorar a comunicação entre europeus de diferentes contextos linguísticos e culturais já que a comunicação conduz a...”, a opção que obteve maior número de alunos a atribuírem a posição 1 foi “maior compreensão recíproca”. Este facto é revelador da importância que estes alunos dão à compreensão entre os povos, em parte provindo do comércio internacional, visto que onde quer que os clientes vivam, a verdade é que a comunicação multilinguística é uma condição essencial numa empresa. A compreensão é essencial às relações humanas e num mundo globalizado como é o que vivemos atualmente é imprescindível que as pessoas consigam comunicar umas com as outras, não só por motivos profissionais mais também por motivos relacionados com as viagens que são realizadas de forma recreativa.

No segundo item “É importante conhecer outras línguas para...” a opção que os alunos escolheram para primeiro lugar foi “lidar com situações da vida quotidiana noutro país”, o que revela a vontade de os alunos estudarem e viajarem para outros países. O facto de estarmos perante uma classe média alta está também relacionada com esta vontade inerente de lidar com as situações do quotidiano noutros países visto que a maioria dos alunos viagem para outros países com bastante frequência.

Em relação ao item número 3 “Uma língua estrangeira é útil para...”, os itens que obtiveram mais escolhas foram: “sucesso profissional”, “estudar noutros países” e “utilização em contexto real”. Pela análise destas escolhas, podemos concluir que a maioria dos alunos se preocupa com o seu sucesso profissional, encarando a aprendizagem de outras línguas

como uma forma de o atingir. Esta conceção vai de encontro às teorias que encontramos que defendem que o domínio de outras línguas para além da língua materna é essencial ao sucesso profissional. Ao nível profissional, para que seja possível competir de forma eficaz numa economia global, é necessário aprender a lidar com outras culturas e povos e, para tal, o domínio da sua língua é essencial. Deste modo, trabalhadores que falam apenas uma língua têm um potencial comunicativo menor, uma vez que apenas conseguem comunicar com pessoas que falam o mesmo idioma. Os alunos inquiridos estão já conscientes deste aspeto, revelando que o sucesso profissional está dependente do domínio linguístico.

O desejo de estudar noutros países revelado pelos alunos está de acordo com as políticas europeias de mobilidade entre os estudantes dos vários países europeus através de programas como SOCRATES ou ERASMUS. Este item está intrinsecamente ligado à utilização em contexto real que é a opção colocada em terceiro lugar pelos alunos. A utilização em contexto real é realçada no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas estando, deste modo, de acordo com as necessidades sentidas pelos alunos.

O domínio de uma língua estrangeira é essencial à mobilidade e à circulação dos povos dentro e fora da Europa tendo-se tornado um dos apanágios da Comissão Europeia sendo que o domínio de mais do que uma língua irá facultar a circulação dos povos na Europa na medida em que irá permitir às pessoas tirar partido da liberdade de trabalhar ou estudar noutro Estado-Membro”. As barreiras mais apontadas como fatores desmotivadores para a mobilidade entre os países da União Europeia terão tendência a desaparecer com as gerações vindouras em parte fruto das políticas linguísticas europeias que motivam a aprendizagem de duas ou mais segundas línguas desde tenra idade.

Já vimos que atualmente, muitas universidades exigem que os alunos tenham um determinado número de anos de aprendizagem de uma língua estrangeira para que sejam admitidos. Este facto está relacionado com as respostas dos alunos quando dizem que é importante conhecer outras línguas para poderem estudar no estrangeiro. Por outro lado, quer as universidades, quer os próprios alunos consideram que o conhecimento de línguas estrangeiras faz parte da cultura e da instrução de cada um.

Por fim, no que diz respeito ao domínio da língua inglesa, os alunos consideram que é importante dominar a língua inglesa porque: “facilita a comunicação no espaço mundial”, “é a língua mais utilizada na comunicação” e “aumenta as oportunidades profissionais”. Podemos concluir que a comunicação no espaço mundial é essencial à abertura a outras culturas, abrindo novas perspetivas e promovendo o sucesso profissional que, como verificámos pelas respostas dos inquiridos, fazem parte dos seus objetivos a longo prazo. Por outro lado, temos uma consciência de que a língua inglesa é a língua mais utilizada na comunicação sendo encarada como a língua franca em vários setores da sociedade. Esta

ideia do inglês como língua franca é referida por Kuravadivelu (2006) ao afirmar que o papel do inglês é de tal forma importante que se tornou a língua mais utilizada no mundo, o que a torna numa língua que permite a mobilidade social e a abertura dos mercados de trabalho. Esta questão é claramente visível para os alunos inquiridos na medida em que as respostas refletem a importância que atribuem à aprendizagem das línguas para a mobilidade social e o sucesso profissional.

O aumento do número de utilizadores da língua inglesa bem como o seu papel nas sociedades é sublinhado por Hasman (2001) e como podemos verificar nas respostas dos alunos, a tendência é para continuar a aumentar na medida em que desde jovens têm consciência da importância social da língua inglesa.

A verdade é que estes alunos que aprendem línguas têm maior capacidade para se adaptar a um mundo em constante mutação, adaptando-se a outras culturas, costumes e estilos de vida e compreendendo e comunicar com pessoas pertencentes a outros países, culturas e estratos sociais.

Conclusões finais

Sendo a comunicação humana um processo evolutivo que decorre dos fatores económicos, sociais, culturais, políticos, entre outros que vão ocorrendo, a aprendizagem e o domínio de mais do que uma língua, num mundo globalizado como o que nós vivemos, é essencial à condição humana na medida em que lhe permite não só a intensificação das relações interpessoais mas também o acesso a outras culturas.

A política linguística europeia tem sofrido diversas alterações no sentido de quebrar barreiras linguísticas entre os países que a constituem, através da introdução de um multilinguismo que desperte a comunicação intercultural e facilite as trocas comerciais e a definição de objetivos culturais, económicos e políticos, nunca deixando de parte um dos aspetos mais considerados pela União Europeia que consiste na proteção da diversidade cultural e linguística.

A globalização contribuiu para o aumento do multilinguismo unindo os vários países e comunidades mundiais e permitindo uma interação cultural, linguística, política, social e económica bem mais próxima do que há uns anos atrás. A internet pode ser considerada, sem dúvida, como o fenómeno tecnológico que despoletou a globalização comunicacional, permitindo a troca de informações e de ideias de forma mais célere.

Tendo em conta a crescente globalização, internacionalização, interculturalidade e mobilidade internacional, o domínio linguístico é essencial, levando a que, o indivíduo sinta a necessidade de aprender uma língua não materna por inúmeras razões, nomeadamente sociais e/ou económicas. O poder da indústria, da tecnologia, dos meios de comunicação social, bem como do comércio internacional são aspectos que também fomentam a necessidade do ser humano dominar outras línguas. Por fim, a mobilidade física e eletrónica levou à necessidade de adoção da língua inglesa enquanto língua franca ao serviço da globalização.

Partindo da pesquisa teórica realizada, considerou-se que seria relevante verificar a importância atribuída pelos alunos à aprendizagem de línguas não maternas no contexto europeu. Assim, a questão colocada foi relativamente àquilo que os alunos consideram essencial na aprendizagem de uma segunda língua e se estariam conscientes da importância da aprendizagem de línguas não maternas na sociedade europeia e mundial do conhecimento.

No estudo efetuado, concluímos que a maioria dos alunos inquiridos expressa opiniões de acordo com o que verificámos em termos teóricos, nomeadamente no que diz respeito à importância de dominar outras línguas e de conhecer outras culturas no mundo globalizado em que vivemos, onde facilmente o indivíduo se desloca para outros países,

sendo imprescindível deter competências linguísticas interculturais que lhes permitam facilmente interagir com outras culturas e formas de ser e estar.

Em termos de contribuições podemos referir que o estudo em causa vai permitir que os professores de inglês do Colégio Vasco da Gama, e outras escolas que encarem a sério esta problemática, adaptem o currículo nacional e as indicações ao nível da União Europeia às necessidades específicas de um público que, na sua maioria, valoriza a aprendizagem de uma segunda língua, mais especificamente da língua inglesa, como forma de obter sucesso profissional, de aumentar as oportunidades profissionais bem como de fomentar a colaboração e a compreensão recíproca. Assim, julgamos que, esta valorização que os alunos do 9º ano fazem da aprendizagem da língua inglesa poderá ser aproveitada para o desenvolvimento de projetos multidisciplinares que permitam a utilização do inglês transversalmente e num contexto real de aprendizagem. Por outro lado, seria também importante reforçar a aprendizagem desta língua através da criação de um horário suplementar de frequência não obrigatória para alunos que pudessem vir a fazer exames externos que lhes permitissem obter graus mais elevados de domínio linguístico. Por outro lado, a criação de um laboratório de línguas que apoiasse os alunos mais fracos podia ser proveitoso para motivar os alunos mais fracos e que não valorizam a aprendizagem de língua.

Em relação à consistência dos resultados tendo em conta o objetivo geral que consistia em estudar, face à crescente generalização da língua inglesa no contexto mundial e europeu, o que pensam os alunos sobre a importância para a comunicação humana da aprendizagem de uma língua não materna, podemos referir que foi possível averiguar de forma consistente que os alunos valorizam a aprendizagem de outra língua que não a sua, sendo de sublinhar que esta valorização está de acordo com a pesquisa teórica realizada.

Quanto aos objetivos específicos estabelecidos inicialmente, estudar as conceções dos alunos em relação à aprendizagem das línguas estrangeiras, analisar as conceções dos alunos em relação à aprendizagem da língua inglesa e identificar as funções que os alunos atribuem à língua inglesa no contexto europeu e internacional, podemos verificar que todos eles foram atingidos na medida em que, a partir do inquérito realizado, podemos concluir acerca de cada um dos objetivos estabelecidos. Assim, foi possível verificar quais as atribuições que os alunos dão à aprendizagem de línguas estrangeiras no geral e especificamente à língua inglesa não só no contexto europeu mas também no contexto internacional. Por fim, foi também possível verificar as funções que os alunos atribuem à língua inglesa.

Julgamos que as metodologias foram as mais adequadas tendo em conta os objetivos geral e específicos da investigação. Na verdade, para obtermos as opiniões dos

alunos, a forma mais clara e inequívoca de o fazer seria, sem dúvida, a utilização de inquéritos/questionários. Estes revelaram-se de fácil compreensão para os alunos e a análise foi facilitada pela utilização da folha de cálculo *excel*.

Consideramos que os aspetos mais marcantes da investigação prendem-se sobretudo com a consistência dos resultados em comparação com o que verificámos em termos teóricos. Na verdade, a maioria dos alunos questionados valorizam de forma clara a aprendizagem da língua inglesa no mundo globalizado em que vivemos atualmente revelando que estão absolutamente alertados para o mercado global e para a comunicação generalizada.

No que diz respeito a futuros estudos, seria interessante verificar o tipo de utilização que os alunos fazem da internet visto não sentirem que é impedida pela falta de conhecimentos linguísticos bem como efetuar a investigação ao nível do ensino secundário e universitário para que fosse possível comparar os resultados nesses níveis de ensino e verificar se os alunos sentiriam necessidade de dominar a língua inglesa para terem acesso a artigos científicos mais elaborados que, na sua maioria, aparecem primeiro em inglês e só muito posteriormente são traduzidos para outras línguas.

Em suma, podemos afirmar que os temas abordados são, na nossa opinião bastante atuais, indo de encontro às necessidades comunicacionais que encontramos na aldeia global em que vivemos. Verificámos que os alunos inquiridos estão conscientes da importância do domínio linguístico encarando-o como algo essencial a uma sociedade europeia e internacional cujos indivíduos cada vez mais estabelecem contactos frequentes entre si.

Referências bibliográficas

- AITCHISON, Jean – Introdução aos estudos linguísticos. Trad. de António H. Branco. Mem-Martins: Francisco Lyon de Castro, 1993. 238p. (Apontamentos Europa-América). ISBN 972-1-03685-4
- ANDRADE, Ana Isabel; ARAÚJO E SÁ, Maria Helena; MOREIRA, Gillian (coord.) – Imagens das línguas e do plurilinguismo: princípios e sugestões de intervenção educativa. Aveiro: Theoria poiesis praxis, 2007. 57p. (Cadernos do LALE). ISBN 978-972-99314-3-7
- ANDRADE, Ana Isabel; ARAÚJO E SÁ, Maria Helena (coord.) – Educação em línguas em contexto escolar: da intervenção à reflexão. Aveiro: Theoria poiesis praxis, 2007. 80p. (Cadernos do LALE). ISBN 972-789-146-2
- ANÇÃ, Maria Helena - Da Língua Materna à Língua Segunda. Revista Noesis, nº 51 (1999), p. 14-16
- BAKER, Stephen et al. – The great English Divide [Em linha], 2001. [Consult. 2012-08-01]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.businessweek.com/stories/2001-08-12/the-great-english-divide>>
- BARROSO, João – Políticas educativas e organização escolar. 1ª ed. Lisboa: Universidade Aberta, 2006. 196 p. ISBN 972-674-453-9
- BHATIA, Tej; RITCHIE, William - Bilingualism in the Global Media and Advertising, 2004
- BLOCK, David – Globalization and language teaching. ELT Journal. Vol. 58, nº 2 (2004), p. 75-77
- BLOCK, David; CAMERON, Deborah – Globalization and language teaching. London: Routledge, 2002
- BUTLER, Yuko; HAKUTA, Kenji – The handbook of bilingualism: Blackwell publishing, 2004
- CEIA, Carlos – Normas para apresentação de trabalhos científicos. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1997. ISBN 972-23-1874-8
- CONCEIÇÃO, Manuel Célio – Conselho Europeu das línguas. Algarve: Porto Editora, 2011
- COOLEY, Charles - Competition and Organization. Publications of the Michigan Political Science Association. Vol. 1 (1894) , p. 33-45
- COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS – Comunicação da comissão ao conselho, ao parlamento europeu, ao conselho económico e social europeu ao comité das regiões: Um novo quadro estratégico para o multilinguismo. Bruxelas, 2005

- COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS – Comunicação da comissão ao parlamento europeu e ao conselho: Indicador europeu de competência linguística. Bruxelas, 2005
- COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS – Comunicação da comissão ao parlamento, ao conselho, ao comité económico e social europeu e ao comité das regiões: Um novo quadro estratégico para o multilinguismo. Bruxelas, 2005
- COMISSÃO EUROPEIA – Carta dos direitos fundamentais da União Europeia, 2000
- COMISSÃO EUROPEIA - Multilinguismo: uma ponte para a compreensão mútua. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias. Bruxelas, 2009. 22 p. ISBN 978-92-79-11686-5
- COMISSÃO EUROPEIA - Conclusões do Conselho, de 12 de Maio de 2009 , sobre um quadro estratégico para a cooperação europeia no domínio da educação e da formação (EF 2020). Jornal Oficial nº C 119, 2009. p. 0002 - 0010
- COMISSÃO EUROPEIA – Comunicação da comissão ao parlamento, ao conselho, ao comité económico e social europeu e ao comité das regiões: Agenda para Novas Competências e Empregos - Um contributo europeu para o pleno emprego. Estrasburgo, 2010
- COMISSÃO EUROPEIA - Educação e Formação na Europa: sistemas diferentes, objectivos comuns para 2010 programa de trabalho sobre os objectivos futuros dos sistemas de educação e de formação. Bruxelas, 2002. ISBN 92-894-4268-9
- COMISSÃO EUROPEIA - Conclusões do Conselho de 12 de Maio de 2009 sobre um quadro estratégico para a cooperação europeia no domínio da educação e da formação («EF 2020»). Jornal Oficial da União Europeia. Bruxelas, 2009
- COMISSÃO EUROPEIA - Resolução do Conselho, de 21 de Novembro de 2008 , sobre uma estratégia europeia a favor do multilinguismo. [Em linha]. [Consult. 2012-06-18]. Disponível em WWW: <URL:Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2008:320:0001:01:PT:HTML>>
- CONSELHO EUROPEU - Conclusões da presidência, Conselho europeu de Barcelona. Barcelona, 2002
- CONSELHO DA EUROPA – Quadro europeu comum de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação. Trad. de Maria Joana Pimentel do Rosário e Nuno Verdial Soares. 1ª ed. Lisboa: ASA editors, 2001. 352 p. ISBN 972-41-2746-X
- CORREA, Letícia Maria Sicuro – Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º ESPECIAL, (1999), p. 339-383

- CRYSTAL, David – The Cambridge encyclopedia of language. Cambridge: Cambridge University Press, 1997
- CRYSTAL, David - English as a global language. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003
- CRYSTAL, David [Em linha]. [Consult. 2012-06-15]. Disponível em WWW: <URL:Disponível em: <http://www.davidcrystal.com/>>
- CULPEPER, Jonathan – History of English. New York: Routledge, 1997. 103 p. ISBN 0-415-14591-0
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley – Nova gramática do Português contemporâneo. 12ª ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1996. ISBN 972-9230-00-5
- ELBES, Yousef - Communication beyond the boundaries of languages [Em linha]. [Consult. 2012-06-15]. Disponível em WWW: <URL:Disponível em: <http://multilingualism.org/multilingual-communication/communication-beyond-the-boundaries-of-languages>>
- EUROPEAN COMMISSION - Evaluation of the European Year of Languages, 2002
- EUROPEAN COMMISSION - Council conclusions on language competences to enhance mobility 3128th EDUCATION, YOUTH, CULTURE and SPORT Council meeting. Brussels, 2011
- EUROPEAN COMMISSION - An Inventory of Community actions in the field of multilingualism. 2011 update. Brussels, 2011
- [Em linha]. [Consult. 2012-06-15]. Disponível em WWW: <URL:Disponível em: <http://www.priberam.pt/>>
- [Em linha]. [Consult. 2012-06-15]. Disponível em WWW: <URL:Disponível em: <http://www.omniglot.com/language/why.htm>>
- [Em linha]. [Consult. 2012-06-15]. Disponível em WWW: <URL:Disponível em: <http://dictionary.reverso.net/english-cobuild/second%20language>>
- [Em linha]. [Consult. 2012-06-15]. Disponível em WWW: <URL:Disponível em: [http://dictionary.reference.com/browse/second language](http://dictionary.reference.com/browse/second+language)>
- [Em linha]. [Consult. 2012-06-15]. Disponível em WWW: <URL:Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_materna>
- [Em linha]. [Consult. 2012-06-15]. Disponível em WWW: <URL:Disponível em: http://ec.europa.eu/languages/library/key-documents_en.htm>
- FLORES, Cristina (Org.) – Múltiplos olhares sobre o bilinguismo: transversalidades. 1ª ed. Famalicão: Edições Húmus, 2011. 242 p. ISBN 978-989-8139-88-7

- FLORY, Elizabete Villibor; SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de - Bilinguismo: Diferentes definições, diversas implicações. Revista Intercâmbio. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x. Vol. 19 (2009), p. 23-40
- HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel H. A. – Bilinguality and Bilingualism. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000
- HASMAN, Melvia A. The role of English in the 21st century. Forum, Vol. 38, nº 1 (2004)
- HERCULANO DE CARVALHO, José G.– Teoria da linguagem: Natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas (Vol.II). 6ª ed. Coimbra: Coimbra editora, 1983. 381p.
- HERCULANO DE CARVALHO, José G. Herculano de – Teoria da linguagem: Natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas (Vol.I). 4ª ed. Coimbra: Coimbra editora, 1984. 674p.
- KARMILOFF-SMITH, Annette; KARMILOFF, Kyra;– Pathways to language. Harvard: Harvard University Press, 2001
- KUMARAVADIVELU, B - Cultural globalization and language education. USA: Yale University, 2008. ISBN 978-0-300-11110-1
- KUMARAVADIVELU, B – Dangerous liaison: globalization, empire and TESOL: (Re)locating TESOL in an age of empire. London: Palgrave Macmillan, 2006
- KUMARAVADIVELU, B – Understanding language teaching: from method to postmethod. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2006. ISBN 1-4106-1572-3
- LONGARAY, Elisabete Andrade – Globalização, Antimperialismo e ensino de inglês na era pós-moderna. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Tese de doutoramento.
- LENARDUZZI, Domenico – Educação na Europa: desafios do futuro. Noesis: Direcção Geral da Educação e Cultura da Comissão Europeia. nº 54 (2000)
- LUKMANI, Yasmeen – Motivation to learn language proficiency. Language Learning. Nº 22 (1972), p.261-274
- MCKAY, Sandra Lee – Teaching English as an international language. Oxford: Oxford University Press, 2002. ISBN 0 19 437364 9
- MUÑOZ, Carmen; ARAÚJO, Luísa; CEIA, Carlos – Aprender uma segunda língua. 1ª ed. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011. 79 p. ISBN 978-972-0-34936-1
- ORTIZ, Renato – As ciências sociais e o Inglês. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Brasil. Vol. 19, nº 54 (fevereiro/2004)
- PAIVA, Zilda - Língua e Sociedade: o que nos pode revelar a Língua Materna?. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007

- PEREIRA, Maria Cristina Pires - Bilinguismo e Aprendizado de Segunda Língua entre os Intérpretes de Língua de Sinais: RVCSD - Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade. Brasil (2011)
- PERSSON, Magnus (ed.) – A vision of European teaching and learning: perspectives on the new role of the teacher. Sweden, 2006. 372 p. (The learning teacher network). ISBN 91-975204-3-8
- RIBEIRO, João - Globalização, Mercado de trabalho e globalização. [Em linha]. [Consult. 2012-05-08]. Disponível em WWW: <URL: http://tede.unifacs.br/tde_arquivos/1/TDE-2009-10-22T130715Z-202/Publico/Dissertacao%20Katiane%20Andrade%20Piauhy%202009%20%20Texto%20Completo.pdf>
- RITZER, George. The Mcdonaldization of society 6. New York: SAGE – USA, 2011
- STEGER, Manfred – Globalization. New York: Oxford University Press, 2009. ISBN 978-1-4027-6878-1
- SILVA, Diego Barbosa da. – Por uma política linguística da União Europeia? A questão do multilinguismo. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, Vol. 13, nº 4 (2009), p.1074
- VIEIRA, Domeniko - Inglês - o esperanto do mundo? [Em linha]. [Consult. 2012-06-03]. Disponível em WWW: <URL:Disponível em: <http://www.aleph.com.br/kce/artigo35.htm>>

Índice remissivo / Onomástico

A

análise de dados, 15, 57, 91

aquisição linguística, 13, 18, 34, 36, 37

B

bilinguismo, 13, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 32, 37, 38, 54, 90, 91, 106, 115, 126

C

colaboração, 43, 86, 87, 114, 115, 125

competência intercultural, 20, 36, 68, 91, 112, 116

competências linguísticas, 23, 27, 29, 36, 39, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 80, 85, 95, 96, 97, 113, 122

competitividade, 13, 39, 47, 50, 51, 82, 85, 96, 113, 123

comunicação, 6, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 54, 56, 57, 59, 61, 62, 65, 67, 70, 71, 76, 77, 84, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 112, 113, 114, 116, 118, 120, 121, 125, 126

criatividade, 49, 51, 52, 54, 69, 88, 89, 90, 91, 92, 112, 114, 115, 117, 125, 126

D

diversidade cultural, 40, 44, 47, 61, 78, 85, 95, 97, 101, 113, 121

G

globalização, 13, 14, 19, 22, 26, 27, 28, 29, 30, 38, 51, 56, 59, 61, 62, 72, 73, 79, 84, 85, 93, 95, 101, 107, 111, 112, 113, 118, 119, 122

I

inquéritos, 5, 65

internet, 20, 26, 27, 29, 30, 41, 59, 61, 73, 74, 75, 84, 93, 94, 101, 112, 113, 119, 120

L

legislação, 6, 14, 46, 63, 83, 85, 96, 97, 113, 124

língua, 6, 8, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 65, 67, 69, 70, 75, 79, 84, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 98, 99, 101, 107, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 120, 122, 125, 126

língua estrangeira, 6, 13, 22, 24, 30, 32, 33, 34, 42, 46, 50, 52, 53, 58, 59

língua inglesa, 6, 13, 14, 30, 55, 58, 59, 62, 96, 99, 101

língua materna, 13, 14, 20, 24, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 46, 47, 53, 54, 69, 88, 92, 98, 112, 117

língua segunda, 32, 61

M

metodologia, 6, 13, 14, 63

mobilidade, 13, 20, 37, 38, 41, 43, 44, 47, 49, 50, 51, 52, 59, 62, 78, 81, 85, 86, 87, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 113, 114, 121, 123, 125

monolinguismo, 13, 14, 21, 38, 55

multilinguismo, 14, 23, 25, 29, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 49, 50, 61, 79, 80, 85, 96, 101, 104, 105, 107, 113, 122

O

online, 71, 84, 93, 112, 118

P

pergunta de investigação, 14, 62

pesquisa, 32, 33, 56, 61, 64, 101

políticas linguísticas, 38

problemática, 61

procedimentos, 65

R

relações sociais, 27, 28, 31, 70, 72, 84, 92, 93, 112, 118

T

tipo de investigação, 63

U

União Europeia, 8, 14, 38, 39, 40, 41, 42, 46, 48, 50, 52, 61, 79, 80, 83, 85, 95, 96, 97, 99, 101, 104, 105, 107, 113, 122, 124

Apêndice

Apêndice 1 – Inquérito aos alunos

Inquérito aos alunos

Este inquérito faz parte de um projeto de investigação, no âmbito da elaboração de uma dissertação de Mestrado em Ciências da Educação.

O seu objetivo é conhecer as opiniões e analisar as conceções que os alunos têm quanto à importância e as funções da aprendizagem de línguas não maternas no contexto Europeu e da globalização.

Trata-se de um inquérito anónimo, pelo que não deves escrever o teu nome nem qualquer outro elemento que te identifique.

Para que este trabalho resulte na sua plenitude, é absolutamente necessário que sejas claro e verdadeiro nas tuas respostas.

Parte I

Dados Pessoais

Idade: ____ anos

Sexo: ____ (colocar F ou M)

Ano de escolaridade: ____

Parte II

Nas perguntas cuja resposta se limita a SIM ou NÃO, deverás colocar uma cruz (X) na resposta que considerares mais adequada.

	Sim	Não
1. Consideras que a aquisição de uma língua estrangeira te enriquece culturalmente?		
2. És da opinião de que a comunicação noutras línguas te permite o contacto com um maior número de pessoas?		
3. Para ti, o contacto com pessoas de outros países aumenta a competência intercultural?		
4. Para ti, o contacto com pessoas de outra nacionalidade modifica o modo de ver o mundo?		
5. Tu consideras que o domínio de uma outra língua, para além da língua materna, promove a criatividade?		
6. Para ti o domínio de uma outra língua, para além da língua materna, promove o desenvolvimento das estruturas mentais?		

Parte III

Relativamente à importância para a comunicação humana da aprendizagem de uma língua não materna, expressa o teu acordo ou desacordo em cada um dos itens a seguir apresentados, recorrendo à seguinte escala: 1 – **AT** (Acordo Total); 2 – **A** (Acordo); 3 – **I** (Indeciso); 4 – **D** (Desacordo); 5 – **DT** (Desacordo Total).

Proposições	AT	A	I	D	DT
1. A língua é o meio através do qual as relações sociais são constituídas e mantidas.					
2. A comunicação deixou de ser um fenómeno local para ser um fenómeno global.					
3. A comunicação global faz-se com ferramentas disponíveis online.					
4. A globalização permite a expansão das relações sociais.					
5. A globalização permite a redução do espaço e do tempo.					
7. A internet possibilita a globalização.					
8. A internet permite o acesso a uma quantidade enorme de informação que só é perceptível se o sujeito tiver conhecimentos linguísticos.					
9. A internet tornou-se numa fonte única que liga milhões de pessoas, instituições e empresas.					

10. A internet permite o aumento das transações económicas e financeiras.					
11. A internet permite um contacto linguístico globalizado.					
12. Quem não falar outras línguas para além da sua língua materna, estará excluído do mercado de trabalho internacional.					
13. O contacto com outras línguas e culturas permite o desenvolvimento de uma personalidade mais rica e complexa.					
14. O conhecimento de várias línguas promove e facilita a comunicação.					
15. A comunicação em línguas estrangeiras exige que o sujeito tenha competências ao nível da compreensão intercultural.					
16. A aprendizagem de línguas satisfaz as necessidades comunicativas.					
17. A aprendizagem de línguas promove uma maior mobilidade.					
18. A aprendizagem de línguas promove o respeito pela diversidade cultural.					
19. A expansão da língua inglesa relaciona-se com a globalização.					
20. O multilinguismo é o motor de transmissão dos valores da União Europeia (democracia, paz, respeito pela diversidade linguística e cultural).					
21. O multilinguismo é essencial ao bom funcionamento da União Europeia.					
22. Aumentar as competências linguísticas dos cidadãos europeus é essencial para a concretização dos objetivos políticos da União Europeia.					
23. O conhecimento de línguas é uma das competências essenciais necessárias a cada cidadão para participar de forma efetiva na sociedade europeia do conhecimento.					
24. A compreensão linguística entre os povos europeus é essencial para a mobilidade.					
25. A compreensão linguística entre os povos europeus é essencial para a competitividade.					
26. É importante dominar as línguas dos países vizinhos.					
27. É importante conhecer as línguas da União Europeia.					
28. A aprendizagem de línguas faculta aos cidadãos o acesso à legislação europeia.					

Parte IV

Atribui um número a cada um dos itens, de acordo com a importância que dás a cada um deles, começando por 1, que é o mais importante e colocando os números seguintes nos outros itens, pela ordem de importância.

1. É importante melhorar a comunicação entre europeus de diferentes contextos linguísticos e culturais já que a comunicação conduz a:
 - a. ____ Maior mobilidade
 - b. ____ Maior intercâmbio
 - c. ____ Maior compreensão recíproca
 - d. ____ Maior colaboração

2. É importante conhecer outras línguas para:
 - a. ____ Lidar com situações da vida quotidiana noutro país.
 - b. ____ Ajudar estrangeiros residentes no nosso país.
 - c. ____ Trocar informações e ideias com jovens de outras nacionalidades.
 - d. ____ Adquirir um conhecimento mais vasto e profundo sobre o modo de vida de outros povos.

3. Uma língua estrangeira é útil para:
 - a. ____ Utilização em contexto real.
 - b. ____ Comunicação intercultural.
 - c. ____ Sucesso profissional.
 - d. ____ Desenvolvimento das estruturas mentais.
 - e. ____ Desenvolvimento da criatividade.
 - f. ____ Promoção da flexibilidade mental.
 - g. ____ Desenvolvimento das competências cognitivas.
 - h. ____ Reforçar as competências em língua materna.
 - i. ____ Aprender a lidar com outras culturas e povos a nível empresarial.
 - j. ____ Estudar noutros países.

4. Atualmente, é importante dominar a língua inglesa porque:
 - a. ____ Facilita a comunicação no espaço mundial.
 - b. ____ Facilita a comunicação no espaço europeu.
 - c. ____ É a língua mais utilizada na comunicação.
 - d. ____ É a língua do comércio.

- e. _____ Aumenta as oportunidades sociais.
- f. _____ Permite o acesso a notícias.
- g. _____ Aumenta as oportunidades profissionais.
- h. _____ Promove o bilinguismo.
- i. _____ Estimula a criatividade.

Obrigada pela tua colaboração.

Apêndice 2 – Dados referentes aos gráficos apresentados

Tabelas dos dados base para a construção dos gráficos – Parte I

Idades
gráfico 1

	14 anos	15 anos
A	19	0
B	19	1
C	14	7
D	18	2
E	17	4
total	87	14

Sexo –
gráfico 2

	masculino	feminino
A	12	7
B	15	5
C	13	8
D	10	10
E	8	13
total	58	43

Tabelas dos dados base para a construção dos gráficos – Parte II

1. Consideras que a aquisição de uma língua estrangeira te enriquece culturalmente? (gráfico 3)

	sim	não	
A	19	0	19
B	19	1	20
C	21	0	21
D	20	0	20
E	21	0	21
total	100	1	101

2. És da opinião de que a comunicação noutras línguas permite o contacto com um maior número de pessoas? (gráfico 4)

	sim	não	
A	18	1	19
B	20	0	20
C	20	1	21
D	20	0	20
E	21	0	21
total	99	2	101

3. Para ti, o contacto com pessoas de outros países aumenta a competência intercultural? (gráfico 5)

	sim	não	
A	18	1	19
B	18	2	20
C	19	2	21
D	18	2	20
E	18	3	21

4. Para ti, o contacto com pessoas de outra nacionalidade modifica o modo de ver o mundo? (gráfico 6)

	sim	não	
A	15	4	19
B	15	5	20
C	19	2	21
D	17	3	20
E	13	8	21

5. Consideras que o domínio de uma outra língua, para além da língua materna, promove a criatividade? (gráfico 7)

	sim	não	
A	12	7	19
B	14	6	20
C	15	6	21
D	12	8	20
E	13	8	21
total	66	35	101

6. Consideras que o domínio de uma outra língua, para além da língua materna, promove o desenvolvimento das estruturas mentais? (gráfico 8)

	sim	não	
A	17	2	19
B	17	3	20
C	20	1	21
D	18	2	20
E	13	8	21
total	85	16	101

Tabelas dos dados base para a construção dos gráficos – Parte III

1. A língua é o meio através do qual as relações sociais são constituídas e mantidas. (gráfico 9)

	AT	A	I	D	DT	
A	9	10	0	0	0	19
B	6	11	2	0	1	20
C	14	6	0	1	0	21
D	8	10	1	1	0	20
E	9	11	1	0	0	21
total	46	48	4	2	1	101

2. A comunicação deixou de ser um fenómeno local para ser um fenómeno global. (gráfico 10)

	AT	A	I	D	DT	
A	4	11	1	2	1	19
B	16	5	0	0	0	21
C	13	7	1	0	0	21
D	8	10	2	0	0	20
E	12	7	2	0	0	21
total	53	40	6	2	1	102

3. A comunicação global faz-se com ferramentas disponíveis online. (gráfico 11)

	AT	A	I	D	DT	
A	2	12	3	1	1	19
B	5	10	4	2	0	21
C	3	11	6	1	0	21
D	3	11	2	2	2	20
E	4	9	4	4	0	21
total	17	53	19	10	3	102

4. A globalização permite a expansão das relações sociais. (gráfico 12)

	AT	A	I	D	DT	
A	11	6	2	0	0	19
B	10	7	3	0	0	20
C	11	7	3	0	0	21
D	12	5	3	0	0	20
E	11	10	0	0	0	21

5. A globalização permite a redução do espaço e do tempo. (gráfico 13)

	AT	A	I	D	DT	
A	6	8	5	0	0	19
B	10	4	5	0	1	20
C	7	7	4	2	1	21
D	2	7	7	4	0	20
E	9	7	2	2	1	21

6. A internet possibilita a globalização.
(gráfico 14)

	AT	A	I	D	DT	
A	10	7	2	0	0	19
B	15	5	0	0	0	20
C	17	4	0	0	0	21
D	15	4	0	1	0	20
E	15	6	0	0	0	21
total	72	26	2	1	0	101

7. A internet permite o acesso a uma quantidade enorme de informação que só é perceptível se o sujeito tiver conhecimentos linguísticos. (gráfico 15)

	AT	A	I	D	DT	
A	8	6	0	5	0	19
B	3	7	2	6	2	20
C	10	6	2	3	0	21
D	2	4	4	8	2	20
E	4	4	4	9	0	21
total	27	27	12	31	4	101

8. A internet tornou-se numa fonte única que liga milhões de pessoas, instituições e empresas. (gráfico 16)

	AT	A	I	D	DT	
A	16	3	0	0	0	19
B	12	8	0	0	0	20
C	7	14	0	0	0	21
D	15	4	0	1	0	20
E	15	6	0	0	0	21
total	65	35	0	1	0	101

9. A internet permite o aumento das transações económicas e financeiras. (gráfico 17)

	AT	A	I	D	DT	
A	9	7	3	0	0	19
B	6	6	6	2	0	20
C	11	9	1	0	0	21
D	8	7	4	1	0	20
E	7	7	7	0	0	21
total	41	36	21	3	0	101

10. A internet permite um contacto linguístico globalizado. (gráfico 18)

	AT	A	I	D	DT	
A	5	12	1	0	1	19
B	10	9	1	0	0	20
C	9	11	0	1	0	21
D	7	12	1	0	0	20
E	5	12	3	1	0	21
total	36	56	6	2	1	101

11. Quem não falar outras línguas para além da sua língua materna, estará excluído do mercado de trabalho internacional. (gráfico 19)

	AT	A	I	D	DT	
A	3	5	9	0	2	19
B	5	2	3	9	2	21
C	2	12	3	3	1	21
D	3	8	3	4	2	20
E	2	8	5	2	4	21
total	15	35	23	18	10	101

12. O contacto com outras línguas e culturas permite o desenvolvimento de uma personalidade mais rica e complexa. (gráfico 20)

	AT	A	I	D	DT	
A	11	7	1	0	0	19
B	10	8	0	1	0	19
C	9	8	2	2	0	21
D	12	6	1	1	0	20
E	8	12	0	0	1	21
total	50	42	4	4	1	101

13. O conhecimento de várias línguas promove e facilita a comunicação. (gráfico 21)

	AT	A	I	D	DT	
A	14	5	0	0	0	19
B	14	6	0	0	0	20
C	15	6	0	0	0	21
D	14	5	1	0	0	20
E	17	4	0	0	0	21
total	74	26	1	0	0	101

14. A comunicação em línguas estrangeiras exige que o sujeito tenha competências ao nível da compreensão intercultural. (gráfico 22)

	AT	A	I	D	DT	
A	7	9	3	0	0	19
B	10	7	1	2	0	20
C	7	11	3	0	0	21
D	3	13	4	0	0	20
E	3	10	7	1	0	21
total	30	50	18	3	0	101

15. A aprendizagem de línguas satisfaz as necessidades comunicativas. (gráfico 23)

	AT	A	I	D	DT	
A	5	12	2	0	0	19
B	4	13	2	1	0	20
C	8	4	6	3	0	21
D	2	11	3	4	0	20
E	3	13	2	3	0	21
total	22	53	15	11	0	101

16. A aprendizagem de línguas promove uma maior mobilidade. (gráfico 24)

	AT	A	I	D	DT	
A	9	8	2	0	0	19
B	5	8	4	2	1	20
C	8	9	1	2	1	21
D	4	11	4	1	0	20
E	5	11	3	1	1	21
total	31	47	14	6	3	101

17. A aprendizagem de línguas promove o respeito pela diversidade cultural. (gráfico 25)

	AT	A	I	D	DT	
A	2	11	4	4	0	21
B	5	7	3	4	1	20
C	6	11	2	2	0	21
D	4	11	3	2	0	20
E	5	8	7	1	0	21
total	22	48	19	13	1	103

18. A expansão da língua inglesa relaciona-se com a globalização. (gráfico 26)

	AT	A	I	D	DT	
A	8	10	1	0	0	19
B	11	6	2	1	0	20
C	10	10	1	0	0	21
D	8	10	2	0	0	20
E	5	11	5	0	0	21
total	42	47	11	1	0	101

19. O multilinguismo é o motor de transmissão dos valores da União Europeia (democracia, paz, respeito pela diversidade linguística e cultural). (gráfico 27)

	AT	A	I	D	DT	
A	2	9	8	0	0	19
B	1	11	4	4	0	20
C	6	8	6	1	0	21
D	6	4	10	0	0	20
E	4	5	12	0	0	21
total	19	37	40	5	0	101

20. O multilinguismo é essencial ao bom funcionamento da União Europeia. (gráfico 28)

	AT	A	I	D	DT	
A	9	10	0	0	0	19
B	5	13	2	0	0	20
C	8	8	3	2	0	21
D	7	10	3	0	0	20
E	10	8	3	0	0	21
total	39	49	11	2	0	101

21. Aumentar as competências linguísticas dos cidadãos europeus é essencial para a concretização dos objetivos políticos da União Europeia. (gráfico 29)

	AT	A	I	D	DT	
A	4	13	2	0	0	19
B	8	9	3	0	0	20
C	2	15	3	1	0	21
D	2	7	8	3	0	20
E	2	11	6	2	0	21
total	18	55	22	6	0	101

22. O conhecimento de línguas é uma das competências essenciais necessárias a cada cidadão para participar de forma efetiva na sociedade europeia do conhecimento. (gráfico 30)

	AT	A	I	D	DT	
A	6	12	1	0	0	19
B	3	12	5	0	0	20
C	5	10	4	2	0	21
D	3	13	3	1	0	20
E	6	11	2	2	0	21

23. A compreensão linguística entre os povos europeus é essencial para a mobilidade. (gráfico 31)

	AT	A	I	D	DT	
A	8	7	4	0	0	19
B	4	12	2	2	0	20
C	13	6	1	1	0	21
D	4	9	3	4	0	20
E	8	11	1	1	0	21
total	37	45	11	8	0	101

24. A compreensão linguística entre os povos europeus é essencial para a competitividade. (gráfico 32)

	AT	A	I	D	DT	
A	9	5	5	0	0	19
B	6	9	3	2	1	21
C	5	11	2	3	0	21
D	4	7	5	4	0	20
E	5	4	7	4	1	21
total	29	36	22	13	2	102

25. É importante dominar as línguas dos países vizinhos.
(gráfico 33)

	AT	A	I	D	DT	
A	5	8	3	3	0	19
B	2	7	4	3	3	19
C	5	5	5	5	1	21
D	2	5	1	10	2	20
E	4	6	4	7	0	21
total	18	31	17	28	6	100

26. É importante conhecer as línguas da União Europeia.
(gráfico 34)

	AT	A	I	D	DT	
A	4	11	1	3	0	19
B	6	4	2	8	0	20
C	4	8	5	2	2	21
D	4	13	0	2	1	20
E	3	10	6	2	0	21
Total	21	46	14	17	3	101

27. A aprendizagem de línguas facilita aos cidadãos o acesso à legislação europeia. (gráfico 35)

	AT	A	I	D	DT	
A	5	11	3	0	0	19
B	2	9	7	2	0	20
C	6	9	3	3	0	21
D	3	12	3	2	0	20
E	1	9	8	3	0	21
Total	17	50	24	10	0	101

Tabelas dos dados base para a construção dos gráficos – Parte IV

1. É importante melhorar a comunicação entre europeus de diferentes contextos linguísticos e culturais já que a comunicação conduz a: (gráfico 36)

Total	1	2	3	4
a) Maior mobilidade	14	25	35	27
b) Maior intercâmbio	10	23	29	39
c) Maior compreensão recíproca	58	16	13	14
d) Maior colaboração	19	37	24	21

2. É importante conhecer outras línguas para: (gráfico 37)

Total	1	2	3	4
a) Lidar com situações da vida quotidiana noutro país.	53	26	14	8
b) Ajudar estrangeiros residentes no nosso país.	7	18	27	49
c) Trocar informações e ideias com jovens de outras nacionalidades.	10	28	44	19
d) Adquirir um conhecimento mais vasto e profundo sobre o modo de vida de outros povos.	31	29	16	25

3. Uma língua estrangeira é útil para: (gráfico 38)

Total	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
a) Utilização em contexto real.	19	9	10	14	16	6	9	6	6	6
b) Comunicação intercultural.	13	16	17	13	14	9	7	6	3	3
c) Sucesso profissional.	32	27	12	10	6	3	5	4	1	1
d) Desenvolvimento das estruturas mentais.	7	9	5	11	8	13	18	12	12	6
e) Desenvolvimento da criatividade.	1	4	8	3	12	11	10	14	16	22

f) Promoção da flexibilidade mental.	1	4	8	8	7	22	13	14	17	7
g) Desenvolvimento das competências cognitivas.	0	2	5	8	7	12	19	19	17	12
h) Reforçar as competências em língua materna.	2	1	3	1	12	16	14	13	11	28
i) Aprender a lidar com outras culturas e povos a nível empresarial.	4	7	14	19	16	5	3	9	16	8
j) Estudar noutros países.	22	22	19	14	3	4	3	4	2	8

4. Atualmente, é importante dominar a língua inglesa porque: (gráfico 39)

Total	1	2	3	4	5	6	7	8	9
a) Facilita a comunicação no espaço mundial.	44	15	16	10	9	4	1	2	0
b) Facilita a comunicação no espaço europeu.	1	20	16	19	16	14	10	3	2
c) É a língua mais utilizada na comunicação.	32	12	18	13	7	7	5	6	1
d) É a língua do comércio.	6	13	16	22	15	14	6	6	3
e) Aumenta as oportunidades sociais.	1	18	13	13	21	18	11	4	2
f) Permite o acesso a notícias.	1	4	1	6	5	12	37	21	14
g) Aumenta as oportunidades profissionais.	13	11	13	11	17	15	11	9	1
h) Promove o bilinguismo.	1	5	3	3	4	10	11	34	30
i) Estimula a criatividade.	2	3	5	4	7	7	9	16	48